

**Luiz Octávio Pires Leal**

# **MILTON THIAGO DE MELLO**

**Ícone da medicina veterinária brasileira e mundial**



**Sociedade  
Nacional de  
Agricultura**

Inteligência em Agronegócio desde 1897

Este livro tem a pretensão de ser do interesse não apenas dos médicos veterinários, mas também daqueles que queiram conhecer um resumo – em capítulos – da história profissional e de vida de um grande brasileiro.

Aos 105 anos, completados no dia cinco de fevereiro de 2021, O professor Milton Thiago de Mello, continua lúcido, e com o contagiado bom humor de sempre. E lançando mais um livro.

Frequentemente indagado sobre a sua longevidade, ele responde que não é propriamente uma questão de genética e sim “porque nunca fumei e vivo cercado de amigos e de uma família que me ama”. E não dispensa um uisquinho, nas conversas com os amigos, na varanda da sua casa de Brasília, de frente para o Lago Paranoá, na parte da tarde.

Nosso biografado foi pesquisador e professor, durante décadas, em vários países, e homenageado por altas autoridades, entre as quais, a Rainha da Inglaterra, com quem, tomou um chá, acompanhado da esposa, Ângela. O Imperador do Japão, foi outro destaque, além do Papa João Paulo II.

Vale a pena ler.

**Luiz Octavio Pires Leal**

**Luiz Octávio Pires Leal**

# **MILTON THIAGO DE MELLO**

**Ícone da medicina veterinária brasileira e mundial**



**Sociedade  
Nacional de  
Agricultura**

Inteligência em Agronegócio desde 1897

Colaboração:  
Sociedade Nacional de Agricultura

Copyright, 2021  
Luiz Octavio Pires Leal  
lovetpiresleal@gmail. com  
WhatsApp (21) 9-6830. 0511

Direitos reservados ao autor  
Reprodução livre, desde que citada a fonte.

Editoração eletrônica:  
Sociedade Nacional de Agricultura  
Revisão:  
Valéria Manhães

# Prefácio

Há certas coisas que fazemos por obrigação. Outras, por puro prazer. Estou no segundo caso.

Vou escrever um pequeno prefácio, a pedido do meu amigo Luiz Octavio Pires Leal, focalizando a biografia do Professor Milton Thiago de Mello, o mais importante médico veterinário brasileiro. Além disso, é também o mais premiado. O estimado L.O. debruçou-se sobre a sua biografia e fez um belo trabalho, que li com o maior prazer.

É o 9º livro do escritor e jornalista L.O., meu amigo de eventos relevantes que tiveram por palco a linda cidade de Teresópolis, na serra fluminense. Um deles, em que fomos parceiros, foi a bem sucedida revista “Agricultura de Hoje”, que teve Luiz Octavio como editor, na Gráfica Bloch. Fazê-la foi uma aventura bem sucedida.

Sobre o Prof. Milton Thiago, um ícone da medicina veterinária brasileira e mundial, contou parte das suas notáveis experiências. Aprendeu muito sobre os mistérios da ciência, e como chegou aos 105 anos de idade, com uma notável qualidade, que é o seu histórico bom-humor.

Ainda muito jovem, estudante do ensino médio, Milton Thiago encantou-se pela biologia. Com 16 anos, alistou-se voluntariamente como soldado, no Exército, onde serviu durante um ano. O primeiro passo para a brilhante carreira foi dado ao ingressar na Escola de Veterinária do Exército, onde ficou até 1937, quando iniciou sua especialidade em microbiologia. Seguiu a carreira militar até Coronel, passando para a reserva em 1969.

Dedicou-se ao estudo da brucelose, ao ingressar no famoso Instituto Oswaldo Cruz e fez diversas consultorias. Sempre se preocupou com o futuro da medicina veterinária.

Sua contribuição foi extraordinária, na produção de proteína animal, com notáveis parâmetros de produtividade. Acredita que a moeda do futuro será o alimento e, por isso, o mundo necessita de alimentos de origem animal e veterinários qualificados. Mas não ficou só nisso: é um dos pioneiros na produção de penicilina e no estu-

do de primatologia. Como se vê, um cientista eclético, como se disse dele, “uma mente afiada”.

O Prof. Milton Thiago de Mello recebeu vários prêmios e jamais se acomodou nos seus estudos e tem verdadeira adoração por sua longevidade.

Como o L.O. bem destaca, ele tem muitos méritos em suas diversificadas atividades, como militar, veterinário, pesquisador, professor universitário e funcionário internacional. Merece todas as homenagens recebidas. Representa importante obra da cultura brasileira.

O livro é oportuno e muito bem escrito. Honra o autor e o homenageado.

**Rio, 5 de fevereiro de 2021**

**Arnaldo Niskier, da Academia Brasileira de Letras**

*“A ciência consiste em saber. Em crer  
que se sabe reside a ignorância.”*

*Albert Einstein*

*“O tempo é uma ilusão produzida pelos nossos estados de consciência à medida em que caminhamos através da duração eterna.”*

*Isaac Newton*

# Agradecimento

*À minha mulher, Nury Pires Leal, que propiciou as condições para que eu pudesse escrever essa biografia.*

# Sumário

Apresentação	12
O começo	13
Depoimento – Antonio Mello Alvarenga Neto	16
Penicilina & Primatologia	18
Entrevista à revista Darcy	22
Encontros com Poderosos	24
Depoimento – Prof. Márcio R. Costa dos Santos	55
Paixão pelo ensino	57
O veterinário na segurança alimentar.	58
Papel social do veterinário	63
Depoimento – Cel. Edino Camoleze	68
A evolução da medicina veterinária	69
Pesquisa com animais de laboratório	72
Depoimento – René Dubois	76
A primatologia e a veterinária	78
Depoimento – Edgar Luiz Sommer	80
Alimentos para um mundo faminto	82
Brasil: potência alimentar	84
Depoimento – William Gomes Vale	87
Mudança dos hábitos alimentares	88
Destaques	92
O Poste de Cozumel	94
O Veterinário Cientista	101
A família	110
A mistura das faixas	117
Vida científica	120

Depoimento – Dra. Agar Costa Alexandrino de Perez	122
Vida científica (continuação)	124
Depoimento - Eduardo Harry Birgel	126
Vida científica (continuação)	130
O ensino	136
A vida associativa	138
A vida internacional	139
O futuro	142
Depoimento – José Cezar Panetta	143
Epílogo	145
Sobre o autor	147

# Apresentação

**“Biografia: o dicionário ensina que se trata da “descrição ou história da vida de uma pessoa”. Uma viagem, portanto, através de um outro. E que supõe, de saída, uma ilusão: a do pleno conhecimento íntimo. Se não damos conta de nós mesmos, o que autoriza um biógrafo a ter a ambição de dar conta de um outro?”**

Endosso, plenamente, essas palavras do biógrafo José Castello, no prefácio da sua alentada e excelente biografia O Poeta da Paixão: do nosso grande Vinícius de Moraes.

É com um sentimento misto de coragem e ousadia que me arrisco a contar a vida do Professor Milton Thiago de Mello, poucos dias antes dele completar 105 anos de idade, no dia cinco de fevereiro de 2021.

Afirmar que sou seu amigo poderá até não ser um exagero e dizer que sou seu admirador também não quer dizer grande coisa porque o que ele mais tem, nos quatro cantos do mundo, são admiradores.

Mas, nos últimos 10 anos, temos conversado bastante. O que quer dizer que este, no dizer dele “seu jovem amigo (86)”, tem aprendido muito. E aprendido não apenas sobre os mistérios da ciência, mas sobretudo sobre os mistérios da vida, e desse animal extremamente complexo, que o senhor Lineu, classificou como Homo sapiens, mas que a prática vem demonstrando, através dos séculos, que **está mais para Homo do que para sapiens. Aí estão as guerras, a ganância, a falta de caridade, de compostura, a inveja, a maldade, a falta de solidariedade.**

A primeira grande pergunta é: pode um ser humano chegar aos 105 anos de idade – depois de ter sofrido um grave acidente aos 104 – lúcido, produtivo (está lançando mais um livro), muito bem humorado, e de bem com a vida? Pode. E é isso que tentarei provar neste livro que não é mais do que um resumo da extensa e movimentada vida do grande ícone da medicina veterinária brasileira e mundial.

**Em 25 de janeiro de 2021**

## **O começo**

**Ele nasceu no dia cinco de fevereiro de 1916, o que significa que, em 2021 completou 105 anos de idade, comemorados em grande estilo na sua casa do Lago Norte, de Brasília, onde, todas as tardes, recebe grupos de amigos, políticos, autoridades, empresários e médicos veterinários que vão sorver os seus conhecimentos e os seus uísques de 12 anos.**

Ainda muito jovem, estudante do ensino médio, encantou-se pela biologia e com 16 anos alistou-se, voluntariamente, como soldado, no Exército, onde serviu durante um ano.

Quis o destino que a Escola de Veterinária do Exército – que teve grande importância no ensino dessa profissão, no Brasil – ficasse perto de onde o jovem Milton estava servindo.

### **O primeiro passo**

O primeiro passo para uma carreira brilhante, foi dado, com o ingresso nessa Faculdade, que produziu grandes profissionais.

Em 1937, formou-se, no posto de Aspirante a Oficial Veterinário.

Permaneceu no Exército, até 1969, quando no posto de Coronel, continuou sua especialidade em microbiologia.

### **Brucelose**

Dedicou-se ao estudo da Brucelose, uma doença infecciosa comum aos animais e ao homem. Uma zoonose, de importância em saúde pública.

### **Instituto Oswaldo Cruz**

Ainda no Exército, Milton Thiago de Mello ingressou no já famoso Instituto Oswaldo Cruz, onde, além de trabalhar na sua especialidade, prestou consultoria ao Ministério da Saúde e a organizações internacionais como a OMS - Organização Mundial de Saúde, FAO – Organização de Agricultura e Alimentos, das Nações Unidas,

alguns países, como a República Dominicana, ao Zoo e à Universidade de Brasília.

## **O futuro da veterinária**

O Professor, há décadas, preocupa-se com o futuro da medicina veterinária.

## **Moeda do futuro**

Segundo Thiago de Mello, a moeda do futuro será o alimento, e toda produção de alimentos de origem animal necessitará de veterinários qualificados.

E onde o veterinário entra nessa história? Na criação e na inspeção de animais de produção. Milton usa a figura de um rolo compressor, referindo-se ao agronegócio, cada dia com mais exigências e demandas específicas, entre as quais: bem estar animal, sanitárias e de rastreabilidade.

Segundo ele, o Brasil não tem a quantidade ideal de frigoríficos para atender esta demanda e também não tem, em quantidade e em qualidade, profissionais preparados para atendê-la. Como a conta não fecha, o mercado brasileiro seria “atropelado”.

## **O algo mais**

Ao ser indagado sobre qual a razão de ter aceito prestar consultoria a organizações nacionais e internacionais, Thiago de Mello respondeu: “Sempre busquei fazer um pouco mais do que a minha obrigação”. E, deu um recado aos estudantes e recém formados em medicina veterinária: “Busque uma nova obrigação. Não basta fazer a sua”. (Fonte: Assessoria de Comunicação Social do CRMV-DF)

## **As transformações da humanidade**

Publicação da Assessoria de Comunicação Social do CFMV-DF nos conta que, em contexto histórico, Milton relata que a humanidade passou por incríveis transformações a partir de fatos e interesses que envolvem todas as nações. Thiago de Mello explica que na Revolução Industrial a Inglaterra se destacou com o uso de máquinas movidas a carvão mineral e madeira das suas colônias. Depois, nos

Estados Unidos, substituíram a matriz energética por combustíveis a base de petróleo. Hoje, com o crescimento da população mundial, o grande alerta é sobre a produção de alimentos: “a próxima revolução”. E é neste contexto que surge uma grande oportunidade para o Brasil e para a medicina veterinária.

Segundo o Professor, em seu livro “O Veterinário na Segurança Alimentar- Passado, Presente e Futuro” (2015), o Brasil tem um grande potencial de produção de alimentos: três de origem vegetal: soja, milho e café, e três de origem animal: carnes bovina, suína e de aves.

## Depoimento

“O professor Milton Thiago de Mello é um dos mais importantes médicos veterinários do Brasil, reconhecido pelo profícuo trabalho técnico-científico que desenvolveu ao longo de sua trajetória profissional, como professor universitário e pesquisador.

Publicou inúmeros livros e artigos científicos e recebeu as mais diversas honrarias de instituições nacionais e internacionais.

Além de suas qualidades profissionais, o professor Milton é um verdadeiro fenômeno de entusiasmo, bom humor e vitalidade. Às vésperas de completar 100 anos, (em 2016) produziu este livro com o objetivo de destacar a importância dos médicos veterinários nas suas diversas áreas de atuação, sobretudo na produção de alimentos de origem animal.

Com efeito, o trabalho de nossos médicos veterinários tem sido fundamental na transformação do Brasil na mais exuberante potência alimentar do planeta.

Estamos produzindo proteína animal, com preços competitivos, para satisfazer a demanda de nossa população de 200 milhões de brasileiros e também gerando um significativo volume de excedentes exportáveis, que nos colocam em posição de protagonismo no mercado mundial: hoje, somos os maiores produtores e exportadores de carnes do planeta.

Cabe aos médicos veterinários e zootecnistas a incumbência de garantir a saúde de nossos animais e conquistar novos parâmetros de produtividade com menor impacto ao meio ambiente. Esses profissionais são responsáveis pela disponibilização de todos os produtos de origem animal, principalmente carnes, leite e derivados, garantindo sua qualidade, saudabilidade e sustentabilidade.

Nossos parabéns à Academia Brasileira de Medicina Veterinária e ao seu presidente, professor Milton Thiago de Mello, pelo papel que têm desempenhado no desenvolvimento econômico do País. ”

**Antonio Mello Alvarenga Neto**  
**Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA)**  
**Membro-Honorário da Academia Brasileira de Medicina Veterinária**

*Da apresentação de “O Veterinário na Segurança Alimentar”, um dos vários livros de autoria do Thiago de Mello.*

*A SNA foi fundada em 1897, tendo completado 124 anos. É uma entidade de direito privado, de utilidade pública, sem fins lucrativos, conotação religiosa ou política e econômica e financeiramente independente. Não é ONG e tem suas despesas garantidas pelo aluguel de parte da sua sede, em edifício próprio, situada à Avenida General Justo, 171, ao lado do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro.*

*Seu objetivo é apoiar o agronegócio brasileiro, o que é feito, principalmente, através da revista A Lavoura, publicada, sem interrupções, há mais de um século, de seminários, congressos, palestras, publicações, almoços, cursos de nível superior e de pequena duração na sua Unidade de Preservação Ambiental situada de frente para a Avenida Brasil, na Penha, e dos meios de comunicação eletrônicos.*

# Penicilina & Primatologia

**Aos 105 anos, esbanjando vitalidade, produtividade e bom humor, o Professor Milton Thiago de Mello, é um dos pioneiros na produção de penicilina e no estudo da Primatologia**

Robson Rodrigues num excelente texto, nos oferece uma descrição muito precisa do Professor Milton Thiago de Mello, que ele define como uma mente afiada e inquieta, que não dá indícios da idade que tem. “Ele acumula conhecimentos há 103 anos (105, agora em 2021) e parece não ter limite de espaço. Pelo contrário, expande-se a cada dia já que o dono dessa mente brilhante, pesquisador e ex-professor da Universidade de Brasília, continua, ainda se aprofundando nos diversos assuntos, em geral, relacionados com a Primatologia e com a Microbiologia”. E publicando livros.

Com o seu humor afiado – destaca Robson Rodrigues – e um currículo tão extenso quanto a sua vida, ele está sempre disposto a arrancar um sorriso do interlocutor.

Ele recebeu a reportagem da revista Darcy, que estou citando, na sua casa no Largo Norte, em Brasília, onde vive com a esposa Ângela, médica psiquiatra, Sua varanda dá vista para o Lago Paranoá. E considera “ofensa pessoal” sentar-se de costas para essa linda vista. E afirma que irá colocar os óculos para parecer cientista, porque “precisa iludir o povo”.

A descrição é do Robson Rodrigues: dentro da casa, estão, lado a lado, relíquias e utensílios com dezenas, ou centenas de anos, que dão ao lugar o aspecto de museu particular. No escritório, empilham-se papeis, revistas e livros de sua autoria e de terceiros, além de muitas medalhas.

## Macaco de escritório

“Um macaquinho de pelúcia, guardado no escritório, tem um significado especial para o pesquisador, e remete à sua vasta experiência em Primatologia, o estudo científico dos primatas, ao qual, só na Universidade de Brasília, dedicou 20 anos e publicou 220 textos

científicos, entre artigos e livros. Uma espécie de macaco da Amazônia – o *Callicebusmiltoni* - tem esse nome em sua homenagem. Os macacos desse gênero são também conhecidos como zogue-zogue rabo de fogo.

## **Saúde pública**

É incalculável a contribuição do Milton para a saúde pública – continua o articulista, que acrescenta: com a equipe do Instituto Oswaldo Cruz (1944), da qual fazia parte o professor Amadeu Cury, ex-reitor da UnB, foi responsável pela primeira produção de penicilina – o mais difundido antibiótico usado na medicina – fora dos Estados Unidos e da Inglaterra -, durante a Segunda Guerra Mundial. Depois, dedicou-se ao estudo de doenças bacteriológicas transmitidas ao homem pelos animais (as zoonoses), como: brucelose e peste bubônica, tornando-se especialista nesses assuntos.

## **No exterior**

O Professor realizou pesquisas na Universidade da Califórnia (Berkeley (EUA), como bolsista da Fundação Guggenheim. Foi membro da Comissão de Peritos em Brucelose da OMS/FAO, em Genebra e Consultor da Organização Panamericana de Saúde, nos Estados Unidos, El Salvador, Guatemala, Peru, Haiti, e República Dominicana, sobre os seguintes temas: brucelose, peste bubônica, primatologia, bem estar animal e veterinária.

## **A honraria mais alta**

Milton Thiago de Mello, já recebeu mais de 40 medalhas e distinções nacionais e internacionais, mas a lista ainda não terminou. Afinal, ele continua firme e forte aos 105 anos.

O destaque é o Prêmio John Gamgee, a mais alta honraria da Medicina Veterinária – o “Prêmio Nobel” da profissão, que ele recebeu em 2013, por ocasião do 31º Congresso Mundial de Veterinária, na República Tcheca.

## **Sem dieta**

O Professor explica a sua longevidade pelo fato de nunca ter fumado nem feito dieta, e de não dispensar um uisquinho à tarde. Segundo ele, o carinho das pessoas queridas que o cercam, funciona como um escudo para as pequenas agressões da vida, ao organismo.

## **Um receio**

Um receio do Professor é que se perca todo o conhecimento acumulado durante um século de vida dedicada aos estudos. “Espero ainda que, quando eu morrer, alguém ponha um playback no meu cérebro para tirar aquela quantidade de coisas. Tive um professor que dizia que memória ocupa lugar. Mas comigo não está ocupando, não. Está aberta ainda para ocupar mais coisas.”

## **Sem parar**

Sem parar de trabalhar, Thiago de Mello, escreve artigos, livros e viaja, acompanhado da mulher, para proferir palestras, sendo sempre muito aplaudido.

Em 2016, lançou um livro de memórias - Poste de Cozumel – e agora (2021) está lançando outro. A explicação para esse título, como nos ensina Robson Rodrigues, é a seguinte: trata-se de uma analogia a uma estrutura conhecida no Brasil como poste-de-fita, com faixas, ao redor das quais as pessoas dançam. Na memória, cada faixa representa um aspecto da vida do Professor: família, Exército, veterinária, ciência, ensino, sociedade e vida internacional.

Um dos muitos assuntos do interesse do cientista é a produção de carne artificial, que, certamente, terá muita aplicação no combate à fome mundial.

## **Sem celular**

“Sou o único cidadão que não possui telefone celular” – diz ele – e completa: “não chego perto do computador”.

Mas isso não o impede de aproveitar as vantagens da comunicação digital porque tem quem faça isso por ele.

## **Sem acomodação**

Thiago de Mello não se acomoda no prestígio que tem – ainda é o Robson Rodrigues que nos conta – nem tampouco se deixa vencer pelas adversidades impostas pela idade. Ao longo de (mais de) 100 anos, não deu tempo de fazer tudo. Pesquisas abandonadas e afetos não distribuídos, diz ele, “ficarão para os próximos cem anos”.

## Entrevista à revista Darcy

Reproduzo, na íntegra, a entrevista que o Professor concedeu à revista Darcy, da Universidade de Brasília.

### **Darcy – Qual o segredo da longevidade?**

MTM – Todos me perguntam isso. Perguntam se é genético. Bom, genético não é. Todos os meus parentes morreram idosos, mas com 70, 80 anos. É um fenômeno. Tentei averiguar isso, primeiro cientificamente, porque fui cientista durante décadas.

### **Darcy – O senhor foi a própria cobaia?**

MTM – Sim. Hoje, existe um projeto aqui em Brasília sobre longevidade, me tomando como cobaia central. Todo mundo me pergunta o segredo. Não sigo dieta. Nada. Agora que a ciência mundial está debruçada sobre isso, comecei a dizer que se deve aos amigos. O segredo é a amizade.

### **Darcy – Por que?**

MTM – Não precisa ser amigo de dia a dia, de beijinhos e abraços. É ter uma atitude amigável para a vida. Em vez de ter a cara franzida, não rir da anedota, não tomar um traguinho. O importante é viver uma vida independente e ter uma atitude amigável perante as pessoas. Minha memória é outra parte do fenômeno.

### **Darcy – Qual a dica o senhor daria para as novas gerações?**

MTM – Se vocês quiserem progredir, têm que sair da trilha. É importante fazer os sidelines (trilhas alternativas). Para fazer diferente, tem que arcar com a indiferença e a má vontade dos que estão na trilha. Tem que ter muque físico. E, principalmente, muque intelectual.

### **Darcy – O senhor empresta seu nome para a espécie de primata *Callicebusmiltoni*. Como surgiu esta homenagem?**

MTM – Um dos meus alunos que, desde 1983 ia à Floresta Amazônica, encantou-se com o assunto macaco. No interior da Amazônia, ainda existem lugares pouco explorados. Por isso, existem bichos e plantas desconhecidos. Se alguém quer descobrir alguma planta nova ou um bicho, deve perder o amor à civilização e entrar

lá. Esse aluno se embrenhava na Amazônia e foi descobrindo bichos. Um deles foi esse macaquinho, que faz parte de um grande grupo, *Callicebus*. E deu meu nome, em homenagem. Quando a pessoa descobre um bicho, tem que justificar a escolha. Então, ele me encheu de elogios. Muito bonito para o nosso ego. Gostei muito.

### **Darcy – Como foi fazer uma expedição à Amazônia com 91 anos?**

MTM – Eu só não vou agora porque preciso de ajuda para me locomover. Já não posso subir em barranco. Para entrar numa voadeira (lança rápida) preciso que alguém me ponha. Fica meio vergonhoso. Se não, estaria lá. Então, me levam para fazer conferências, contar minha experiência de vida.

E as conferências que ele faz no Brasil e no mundo, sempre fazem sucesso, não apenas pela sua idade avançada, mas também pelo seu charme, pelo seu carisma, pelo seu bom humor, pela sua grande experiência profissional e pelo que conhece do ser humano, esse primata complicado.

## Encontros com Poderosos

**Embora contar vantagem não seja uma característica do nosso biografado, por uma questão de justiça, de fidelidade histórica, e até mesmo por curiosidade, penso que o leitor achará interessante conhecer este capítulo.**

O próprio professor Milton Thiago de Mello é quem nos conta.

No decorrer de minha existência de mais de um século, desempenhei numerosas funções, como militar, veterinário, pesquisador, professor universitário e funcionário internacional. Por isso, tive a oportunidade e o privilégio de entrar em contato com milhares de pessoas de vários níveis sociais. A todas consegui tratar pelo que elas eram e são abaixo da pele, independentemente de sexo, religião, raça, cor, orientação política ou sexual. Em suma, sem preconceito. É claro que, de acordo com a ocasião, o tratamento tem sido desde Vossa Majestade ou Vossa Excelência, até o coloquial do ribeirinho amazonense, ou peão gaúcho.

### **Poderosos no Brasil e no estrangeiro**

Algumas dessas pessoas foram ou são poderosas no Brasil e no estrangeiro. Poderosas, não só pelo sentido de poder material mas também espiritual ou intelectual.

Com essa visão, além de instintivo bom humor e boa memória, muitas vezes em conversas, recordo encontros marcantes. As circunstâncias para esses encontros foram as mais diversas. Para muitos deles houve desdobramentos que poderiam constituir epílogos.

Nessas conversas quase sempre o relato do encontro termina com um desenlace mais ou menos inesperado. O “dos franceses”. Tudo sempre no ambiente leve *denouement* que se chama atualmente de “jogar conversa fora”.

### **Os que ficaram de fora**

Quando o caso desperta grande interesse, há sempre quem diga: “Que pena isso não estar sendo gravado”.

A ideia de passar para um gravador e deste para o papel alguns encontros com poderosos, tem estado na minha cabeça há vários anos. Faltavam o gravador, o tempo e a disposição. Devido à premência do tempo, ficaram de fora: Juscelino Kubitschek, Getúlio Vargas, José Américo de Almeida, Luiz Gonzaga, Eduardo Gomes, Reitores e outros.

## **O exemplo do Pitanguy**

Thiago de Mello nos conta que no Natal de 2014, sua filha Vera Lúcia, o presenteou com um livro que despertou a sua curiosidade: uma autobiografia do grande cirurgião plástico Ivo Pitanguy, que ele leu de uma só vez. “Mais do que um livro de memórias, é daquelas obras que quando lidas deixam o que os degustadores de vinho chamam de retrogosto”. E ler esse livro foi o clique para que ele decidiu “relatar alguns encontros que, quando contados os ouvintes lamentaram não terem um gravador”.

## **A seleção**

A seleção dos poderosos já estava na cabeça do Professor, “iniciando-se com soberanos e altos dignitários”. Foi assim que surgiu o título “Encontros com Poderosos”. Mas ele selecionou apenas alguns.

“Como ainda não cheguei à fase do computador, passei a escrever freneticamente para que os relatos, sob forma impressa, pudessem ser distribuídos no meu aniversário, cinco de fevereiro. Evidentemente, nem todos os casos interessarão a todas as pessoas”. Ele pondera.

## **Nos Congressos**

Nas últimas décadas, Thiago de Mello tem participado de congressos mundiais de veterinária (1987, Montreal, no Canadá; 1991; no Rio de Janeiro; 1995, em Yokohama, Japão; 1999, em Lyon, na França; 2002, em Tunis, Tunísia, 2002, em Minneapolis, Estados Unidos, 2008, Vancouver, no Canadá; 2013, em Praga, República Tcheca.

## **As participações**

No do Rio de Janeiro (1991) ele foi o Presidente da Comissão Científica. No do Japão, participou de uma plenária com o trabalho sob “Bem-estar Psicológico dos Primatas”. No de Praga, ele recebeu a mais alta distinção da Veterinária Mundial, o Prêmio John Gamgee com medalha de ouro. O Congresso do Japão, em Yokohama foi realizado no Centro de Convenções de um gigantesco hotel. A Cerimônia de Abertura foi presidida pelo Imperador Akihito, acompanhado da Imperatriz.

O passe livre, por ser Membro Honorário da Associação Mundial de Veterinária, permitiu que o nosso biografado circulasse livremente pelos corredores do Centro de Convenções.

## **O encontro com o Imperador do Japão**

“O Imperador e a Imperatriz subiram num pequeno estrado para os cumprimentos e de acordo com as precedências para os cumprimentos, fui um dos primeiros. Subi no estrado e o Imperador, com uma cara granítica, aceitou os meus cumprimentos. Eu deveria ter ficado por aí, mas resolvi esticar o papo e disse que conhecera seu pai. Logo o Imperador “tirou a máscara” e perguntou como eu conhecera seu pai. Disse-lhe que numa reunião da Sociedade Zoológica de Londres da qual eu e o Imperador Hirohito éramos “Honorary Fellows”. E o Imperador, manteve a conversa, dizendo que também era Honorary Fellow da Sociedade. Sem pensar, disse:então somos colegas. Aí ele não se conteve, saiu da pose e de uma boa risada, E passei a ser conhecido como a pessoa que fez o Imperador rir. Perguntado como consegui isso, disse que lhe havia contado uma anedota”.

## **Coronel Álcio Souto**

Em dezembro de 1937, recém-graduado, passando de soldado-aluno para aspirante a Oficial-Veterinário, Thiago de Mello foi designado para servir em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Com todo o enxoval de uniformes, um terno azul de casimira e um branco, de linho, que estava na moda, viajou no navio (a vapor) Itaquicé, até Porto Alegre e de lá para Santa Maria, de trem.

Na época, tudo era novidade para ele o que motivou o interesse por fotografar, com a sua câmera do tipo caixão. Há mais que 80 anos, Santa Maria possuía a maior concentração de estudantes do Brasil, e era o centro cultural do Estado.

Depois da apresentação, a rotina do 5º Regimento de Artilharia Montada-Regimento Mallet, era tratar dos cerca de mil cavalos que puxavam os pesados canhões alemães Krupp, herdados da Primeira Grande Guerra Mundial. E a sua responsabilidade incluiu, também o Serviço Veterinário do 7º Regimento de Infantaria, comandado pelo Coronel Arthur da Costa e Silva com quem teve vários encontros de serviço.

Pouco tempo depois, alugou um apartamento no centro da cidade, e dentre os diversos fatos pitorescos desses primeiros tempos, ele destaca dois: aprendendo a montar corretamente, no cavalo do militar que ele estava substituindo, quando voltava da estação da maria-fumaça, na despedida do colega, montado, um dos raros automóveis do local, buzinou, o animal se espantou e o futuro Professor, escorregou pela traseira do animal e caiu, com a sua própria, em cima de uma poça de lama.

Outra história que vale a pena contar, aconteceu em frente ao apartamento, onde um jovem alemão havia montado um bar no subsolo de uma casa residencial, muito bem freqüentado e farto em termos de bebidas, com predominância das de origem alemã.

Numa verdadeira aula, ele ensinou como degustá-las, e quais as ocasiões adequadas para consumir os diversos tipos. Ele se considerava preparado para receber o Hitler, assim que a Alemanha ganhasse a Guerra. Era o ano de 1938 e tudo fazia crer que ele estava certo. Mas, felizmente, não estava.

“Alguns meses depois, fui designado para dirigir um embrião de Laboratório Veterinário, em Porto Alegre, e pouco depois, regressei à Santa Maria porque o novo Comandante do Regimento Mallet, Coronel Alcio Souto, fizera retornar todos os oficiais que estavam à disposição de alguma entidade, como eu. “

Álcio Souto era um homem forte, alto, de bochechas firmes e rosadas. Corria a lenda de que quando estava zangado, as bochechas caíam e ele agia rigorosamente.

Nos meses em que passei ausente, em Porto Alegre, a cavallhada não foi bem cuidada e estava em más condições, a ponto de não poder prestar o serviço de puxar os canhões.

Pouco depois do meu regresso, o Comandante mandou me chamar. Embora já o tivesse visto algumas vezes, era a primeira vez em que falava com ele. Fiquei impressionado com seu porte e objetividade. Foi logo me dizendo: “Tenente-Veterinário, tendo em vista as condições em que se encontra a cavallhada, o senhor deverá me apresentar, segunda-feira, as medidas necessárias para resolver o assunto”. Era uma sexta-feira de manhã. Fiquei preocupado. Para estudar o assunto, teria que abrir mão do sábado e do domingo. Felizmente, no Exército sempre existiram os Regulamentos, e eles são cumpridos. Apanhei todos aqueles onde estava escrita a palavra cavalo e tudo a que ele se referia, direta ou indiretamente.

Na segunda feira, levando os Regulamentos, com itens marcados, fui ao Gabinete do Comandante, que logo me perguntou se trazia a solução. Disse-lhe que pensava ter encontrado, desde que cumpridos os Regulamentos. Caíram-lhe as bochechas. Ficou vermelho. Esperei o pior. “Então o senhor acha que em meu comando os Regulamentos não são cumpridos?” Disse-lhe que algumas ações poderiam ser melhoradas e fui desfiando exemplos: forragem de boa qualidade, inspecionada, distribuída na quantidade e horários adequados e o mesmo quanto à água; soldados que realmente cuidassem das baias e dos procedimentos; oficiais de dia que fiscalizassem uma limpeza permanente das baias; estrumeiras adaptadas para o combate às moscas; rodízio da cavallhada na internada, para retirá-la da imobilidade nas baias e tivessem oportunidade de pastar. E mais alguns itens menores. Com muito cuidado, escolhendo as palavras, conclui dizendo que um dispositivo regulamentar determinava que o Comandante realizasse, periodicamente, uma revista da cavallhada. E isso nunca fora feito. Caíram as bochechas, outra vez. Pensou alguns segundos, que me pareceram eternos e disse que as providências seriam tomadas. É claro que houve grande agitação, pois as medidas envolviam praticamente todo o quartel. A reação pior foi do Oficial Intendente, responsável pela aquisição da forragem, que teve de reformular todo o seu procedimento.

“A primeira revista da cavalcada” – prossegue Thiago de Mello – foi um espetáculo. O Comandante, com os seus auxiliares, vendo, pessoalmente, cada animal. Como esperado, os resultados logo apareceram. A cavalcada recuperou-se e fiquei respeitado no quartel, inclusive pelo Comandante.”

Álcio Souto foi promovido a general e num momento de turbulência no Rio de Janeiro, no Governo Getúlio Vargas, foi o responsável pelo restabelecimento da ordem. Arthur da Costa e Silva, décadas depois, foi Presidente da República.

## **Ministro Daniel de Carvalho**

Thiago de Mello nos conta que as pesquisas sobre brucelose que vinha realizando, no Instituto Oswaldo Cruz, iam de vento em popa, com sugestões para o combate à doença, em nível nacional, e em vários congressos.

Nesse período, realizou-se um Congresso Internacional sobre Brucelose, em Buenos Aires, no qual ele proferiu uma palestra. “De repente, os amigos do Ministério da Agricultura pediram-me que fizesse uma exposição sobre brucelose, para o Ministro, que parecia não estar interessado no assunto, embora de importância para o País.

Eu seria apresentado como pesquisador especializado na doença, e recém-chegado do Congresso. A audiência foi marcada no imponente prédio do Ministério, um dos pavilhões da Exposição do Centenário, de 1922 e que veio abaixo, sem uma justificativa séria: uma das vítimas do surto iconoclasta demolidor do século XX, com a intenção de melhorar o Rio de Janeiro: abertura da Avenida Rio Branco, demolição do Morro do Castelo, abertura da Avenida Presidente Vargas, derrubada do Palácio Monroe, do Pavilhão Mourisco e do Ministério da Agricultura. Estes dois últimos a pretexto de fazer um elevador. Há poucos meses (2014), o elevador foi derrubado com a alegação de que enfeitava a paisagem. Haja dinheiro para construir e para destruir”.

A entrevista com o ministro da Agricultura foi marcada para as duas horas de uma tarde de março de 1949 no seu gabinete, onde o convidado chegou entusiasmado. O assunto brucelose seria ouvido

pela autoridade máxima do Ministério, com possíveis boas perspectivas.

O ministro tivera uma carreira política de grande destaque, desde jovem, em Minas Gerais.

Alguns minutos antes da hora marcada para a entrevista, Thiago de Mello chegou ao gabinete, onde o aguardavam três dos mais ilustres veterinários da época: Blanc de Freitas, Chefe do Gabinete, Altamir Azevedo, Diretor do que atualmente é a Secretaria de Defesa Agropecuária, e Aluisio Lobato Vale, Diretor de Defesa Sanitária Animal.

Com a palavra o convidado. “Na hora certa, abre-se uma porta e entra o ministro: gordo, face reluzente, nariz e olhos avermelhados, evidentemente, saído do almoço com um bom vinho. Apresentações. Todos sentados em torno de uma longa mesa. Blanc de Freitas explicou que eu iria falar sobre brucelose e o Congresso de Buenos Aires, e que medidas poderiam ser tomadas no Brasil, para combater a doença. Com a palavra, fui falando conforme o roteiro apresentado por Blanc de Freitas. O ministro fazia esforço para prestar atenção, mas estava claro que pensava em outra coisa. Para que ele ficasse com uma ideia sobre o assunto, martelei a palavra brucelose, numa propaganda explícita e também subliminar”.

“Terminada a exposição, ainda no ar, parecia reverberar, no gabinete, a palavra brucelose. O ministro deu-me parabéns, e com a voz empostada, de autoridade, à qual eu já estava acostumado, em outras circunstâncias, disse: Doutor, também estou de acordo com o senhor que a aftosa é o problema número um do País”.

Apesar do esforço das três autoridades presentes na palestra do Professor para um ministro desatento, a brucelose foi combatida lentamente, e apenas meio século depois, foram consideradas as recomendações daquele encontro.

**Recomendação do autor: nunca marquem uma palestra importante para depois do almoço. Há o risco de perda de tempo.**

## Rainha da Inglaterra

Nos idos de 1950, a OPAS-Organização Pan Americana de Saúde, decidiu fundar, no Rio de Janeiro, um Centro para pesquisas so-

bre Febre Aftosa, com o objetivo do aperfeiçoamento do combate à doença, pela melhora do diagnóstico e da produção de vacinas eficientes.

O Centro Pan Americano de Febre Aftosa foi montado num subúrbio do Rio, com a ajuda técnica de veterinários brasileiros e estrangeiros. Entre os brasileiros, participou Raymundo Gurgel Cunha, do Instituto de Biologia Animal e entre os estrangeiros, William Henderson, da Inglaterra, que era autoridade em aftosa.

“Nessa ocasião” – conta o Professor Thiago – “eu estava no auge das pesquisas sobre brucelose humana e animal, no Instituto Oswaldo Cruz, e cogitado para dirigir um Centro semelhante, sobre Zoonoses, em Buenos Aires, o que não se concretizou.”

“Os contatos com William Henderson foram esparsos, e o Instituto Oswaldo Cruz participou desse início, em parte por meu intermédio.”

“Várias décadas depois, houve grande progresso não só das instituições, como das pessoas”.

Aqui, abro um parêntese para esta citação do Jean Monet, o precursor da Comunidade Européia e que ajudou Winston Churchill a convencer o presidente dos Estados Unidos a entrar na IIa Guerra Mundial, a favor dos Aliados, o que foi decisivo para a vitória. Numa das suas várias frases, citadas num livro de minha autoria, publicado em Lisboa: **“Nada é possível sem os homens. Nada é duradouro sem as instituições”**.

“William Henderson voltou para a Inglaterra e continuou a sua brilhante trajetória, sendo agraciado com o título de Sir. Nossos contatos eram esporádicos. Por seus antecedentes, Sir William foi eleito Presidente da **Zoological Society of London**, que tem como principal base de operações o **Jardim Zoológico de Londres, fundado em 1823**, nos tempos áureos da Rainha Vitória. **Além de pioneiro, é o mais importante zoológico do mundo.** Anos depois, a ZSL – Zoological Society of London criou também o **Instituto de Zoologia, um dos mais ativos centros de pesquisas em animais silvestres do Planeta.**”

“Foi esse verdadeiro império de pesquisas com animais silvestres que Sir William Henderson passou a presidir nos anos 1980.”

Na sua segunda fase de atuação profissional, depois de 20 anos, no Instituto Oswaldo Cruz, Thiago de Mello ausentou-se diversas vezes do Brasil para exercer as funções de consultor ou funcionário de Agências das Nações Unidas, depois de um ano e meio de pesquisas na Universidade de Berkeley, na Califórnia. Foi bolsista, como Fellow, da Guggenheim Foundation e também atuou no México, em El Salvador, Guatemala, República Dominicana e no Haiti.

“Regressando definitivamente ao Brasil, em 1974, iniciei na Universidade de Brasília, um programa de pesquisas e ensino sobre primatologia, com o apoio da recém-fundada Sociedade Brasileira de Primatologia (1979). Logo fiquei no centro de um movimento sobre primatologia na Universidade, com repercussão internacional: pesquisas, Centro de Primatologia, congressos e cursos.”

Ele conta que em 1988, “foi surpreendido com uma correspondência de Sir William Henderson afirmando que eu tinha sido eleito Honorary Fellow da Zoological Society of London”.

“Meu primeiro impulso foi escrever para a Sociedade dizendo que não merecia tal distinção. Comentei o assunto com o amigo de juventude e colega de trabalho, Amadeu Cury, um grande nome da ciência brasileira. Seu argumento foi esse: “Como é que os Conselheiros de uma instituição como a Zoological Society of London, te elegem Honorary Fellow e vais dizer que eles são incompetentes, pois deram a honraria para uma pessoa que acha que não merece?”

“Em vista disso, respondi que aceitava a distinção e, pouco depois, em cerimônia austera, recebi o Diploma, em 26 de outubro de 1988”.

Alguns meses depois, nosso biografado, recebeu convite do Sir William, para participar de uma reunião da Sociedade, com a presença da Rainha Elisabeth, na qual ele seria homenageado.

Por sorte, tratava-se de uma data próxima das reuniões anuais da Associação Mundial de Veterinária e da Organização Mundial para a Saúde Animal (OIE), em Paris, às quais ele comumente comparecia. O convite veio acompanhado de instruções detalhadas quanto ao horário, maneira de chegar ao local da cerimônia, regras de segurança para o motorista e outros detalhes. E lá foi ele com a esposa, Ângela.

“Hotel reservado em Londres, avião de Brasília para Londres e chegada no aeroporto muitas horas antes. O certo seria pegar um taxi para o hotel afim de mudar de roupa. Entretanto, como faltavam muitas horas para a cerimônia, e o taxi era caríssimo, resolvemos apanhar o ônibus especial Aeroporto-Cidade. Foi nosso grande erro. O ônibus, em marcha lenta, primeiro apanhou passageiros nos outros aeroportos e foi se arrastando até o centro de Londres onde tivemos ainda que pegar um taxi para o hotel. Trocar de roupa o mais rapidamente possível, e tocar para a Sociedade, em Regent’s Park”.

“Nas proximidades da Sociedade, a primeira barreira de segurança, e o taxista, apavorado. Apresentei o cartão de passe-livre e seguimos até a segunda barreira, onde nos orientaram como seguir para o local indicado. Lá, nos esperava uma mocinha, aflita pela nossa demora. Ela nos conduziu, por subterrâneos e corredores até desembarcarmos num salão imenso, com mais de meia hora de antecedência. Um alívio!”

“Ao lado do salão, três mesas redondas, de cada lado, e ao fundo, uma bem maior. Todas com uma requintada louça de chá. Seria um chá com a Rainha, no final das inaugurações.

Levaram-nos até a grande mesa onde nos esperava o Secretário da Sociedade, sobraçando imenso livro com capa de couro vermelho, e mais algumas pessoas, às quais fomos apresentados. Outras pessoas foram chegando e ocupando seus lugares nas mesas laterais. Com cinco minutos de atraso (que horror!), apareceu na porta do salão, a Rainha, acompanhada pelo Príncipe Philip, respeitosamente à esquerda e a meio passo de distância atrás. Sir William e outros dignitários, acompanhavam a Rainha. Esta deslizou – não andava – pelo corredor formado pelas mesas, saudada com uma inclinação de respeito pelos ocupantes. Finalmente, a rainha chegou à nossa mesa, com um vestido amarelo, bolsa preta e um daqueles seus chapéus.”

“Fui apresentado e classificado como “How Nice”, além de algumas frases protocolares. A Rainha e o Príncipe, sentaram-se. Toma a palavra Lord Zuckerman, ex-Assessor de Churchill, durante a 2ª Guerra Mundial e ex-presidente da ZSL -, para saudação à Rainha e homenagem ao Professor Milton Thiago de Mello – Honorary Fellow of the Zoological Society of London. Os fotógrafos oficiais tiraram várias fotos.”

“Parte impressionante e inesquecível, consistiu na assinatura do Livro de Honra, um grande volume de couro vermelho, que o Secretário da Sociedade carregava. Suas páginas eram de delicado pergaminho. Foi aberto numa pequena mesa para que Sua Majestade assinasse, com uma caneta de tinta especial. Virada a página, passaram-me a caneta, e assinei. Até hoje, fico pensando quando terei oportunidade de ver as assinaturas de personalidades, antes e depois de mim.”

O homenageado pela Rainha da Inglaterra, nos conta, que, depois das assinaturas no Livro de Honra, foi servido o chá, com ele e D. Ângela, na presença da Rainha.

Finalmente, saíram todos, ela, recebendo as reverências protocolares.

Na volta ao Brasil, como era de se esperar, o homenageado na Inglaterra, por ninguém menos do que a Rainha Elisabeth, Thiago de Mello, recebeu os parabéns do Reitor da Universidade de Brasília, Professor Christovam Buarque e do primatologista inglês, radicado no Brasil, Anthony Rylands. E de mais ninguém. Isso me faz lembrar o que me foi dito por um grande e culto político e administrador público, num almoço no seu sítio de Petrópolis, onde eu havia montado uma granja: “Pires Leal – abra o olho. Ciúme (ou inveja) de homem, é pior do que de mulher.”

## **General Eurico Gaspar Dutra**

Nas suas andanças, como Oficial Veterinário, Thiago de Mello foi designado para servir na Escola de Veterinária do Exército – à qual o ensino dessa profissão deve muito. Nessa altura, ele nos conta, “Já encontrara o general em diversas situações, na residência do Coronel Lima Figueiredo, sob cujo comando eu servira em Cachoeira, no Rio Grande do Sul.”

A EVE – Escola de Veterinária do Exército, a primeira do Brasil, fundada em 1910, era constituída de grandes pavilhões, no pátio de um quartel, no subúrbio de Mangueira, no Rio de Janeiro, sob a orientação da Primeira Missão Militar Francesa. Segundo o nosso biografado, o Laboratório de Microbiologia e Parasitologia, era uma jóia de arquitetura em ferro, importado da França. “Nele passei a

maior parte do tempo dos quatro anos do curso e já sai com boa base naquelas especialidades.”

Quando ele chegou na EVE-Escola de Veterinária do Exército, em 1944, já havia completado o Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz, que na época, era a única pós-graduação existente no Brasil, e conseguido o primeiro lugar, com direito a medalha de ouro, aliás, nunca recebida.

“Em 1944” – informa o Professor – “a Escola abrigava os cavalos do Presidente da República, o General Eurico Gaspar Dutra, que aos domingos ia montar, como Oficial de Cavalaria. Uma vez ou outra, quando eu estava de serviço, ele chegava e eu me apresentava. O General tinha um defeito de dicção: pronunciava a letra S como se fosse um X – O Xenhor, etc. , o que era motivo para ser ridicularizado pela imprensa”.

“Ao mesmo tempo em que servia na Escola, continuava minhas pesquisas no Instituto Oswaldo Cruz. Certo dia, com grande alvoroço correu a notícia de que o Presidente visitaria o Instituto e os laboratórios. Todos ficaram avisados de que ele era pontual. Até corria de boca em boca um grande episódio dele com o Reitor Pedro Calmon, da Universidade do Brasil. Num evento oficial, o Reitor convidou o Presidente para uma visita à Universidade, um majestoso edifício que já fora sede do Hospício Nacional, perto do bairro da Urca, no Rio de Janeiro. Dutra afirmou que qualquer dia apareceria por lá e logo o Reitor informou que a Universidade estava aberta das oito da manhã às seis da tarde. Numa bela manhã, às oito em ponto, parou um carro na porta principal, desceu um senhor idoso, com um chapéu preto, perguntou pelo Reitor e ouviu a seguinte resposta: “Esta não é a hora do Reitor, ele só aparece lá pelas 10 ou 11 horas”. O senhor idoso voltou para o carro. Pouco tempos depois, noutra solenidade, Dutra e Calmon se encontraram. E o Reitor perguntou quando o Presidente visitaria a Universidade e este respondeu que já havia estado lá, mas era cedo e o Reitor não estava. Imediatamente, Calmon disse-lhe que era melhor que marcassem dia e hora para que os professores também o homenageassem.

Marcado o dia e a hora, o Presidente chegou, pontualmente, foi recebido por alguns professores e nada do Reitor. Uns quinze minutos depois, ele chegou esbaforido, e ao aproximar-se do Presiden-

te, exclamou, com a sua experiência de acadêmico e orador baiano: “Presidente, o Senhor é incorrigível”.

No dia e na hora marcados, Gaspar Dutra chegou ao Instituto Oswaldo Cruz e depois de visitar o pavilhão principal – o Castelo Mourisco – visitou alguns laboratórios e “finalmente, chegou àquele em que eu realizava pesquisas sobre fungos causadores de doenças humanas. Ele foi esperado na porta do elevador pelo chefe do laboratório. Arêa Leão e seus assistentes: eu, Amadeu Cury, Masao Goto e Adolfo Furtado. Todos com seus impecáveis e engomados aventais brancos. Abriu-se a porta do elevador, e dele saíram Olímpio da Fonseca Filho (Diretor), e o Presidente. Na hora de me cumprimentar, disse: “O Xenhor aqui?” Ficou surpreso porque me conhecia de uniforme. A visita foi bastante detalhada. Arêa Leão explicava tudo sobre fungos e suas doenças. O Presidente nada dizia. Cada assistente, em seu laboratório, dava explicações: mais fungos. E o presidente, mudo. Ao fim, no Gabinete do Arêa Leão, este falou da honra da visita e disse estar à disposição para qualquer esclarecimento sobre fungos. Resposta do Dutra: “Profexor, eu tenho uma dúvida: para que xervem os inxetos?” O prezado leitor está pensando: “Não pode ser, essa é demais, deve ser erro de redação, de digitação ou falha da revisão”. Mas não é nada disso. A pergunta foi essa mesmo!

## **General Humberto Castelo Branco**

No início dos anos 1960, o general Castelo Branco era a figura mais respeitada nos meios militares, não apenas em função da sua brilhante carreira mas também pela sua correção de atitudes e visão de estadista, apesar do seu aspecto físico não ajudar: cearense baixo, atarracado, e quase sem pescoço.

Ouçamos o biografado. “Quando recebi uma bolsa da Fundação Guggenheim para realizar pesquisas nos Estados Unidos, ele era o Diretor de Ensino do Exército, ao qual estava subordinado o Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde eu era professor de Biologia, o período de um ano da permissão para ausentar-me do País, para realizar estudos da matéria que lecionava, nos Estados Unidos, por conta de uma bolsa de estudos, com a qual fui contemplado pela John Simon Memorial Foundation, solicitei prorrogação da licença, que não me foi concedida. Por isso, solicitei, e fui autorizado a gozar seis me-

ses de licença especial (licença-prêmio) nos Estados Unidos, devendo apresentar-me, pronto para o serviço no dia oito de fevereiro de 1962. Desse modo, voltei aos Estados Unidos e terminei o período da bolsa da Guggenheim e logo fui convidado pela Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) para visitar, durante quatro meses, laboratórios de microbiologia dos Estados Unidos e do México, para os quais pudessem ser enviados pela OPAS, bolsistas latino-americanos para aperfeiçoamento, especialização, ou cursos.

Iniciei pelos Estados Unidos, recentemente saído de uma cirurgia de varizes, com as pernas enfaixadas, como um Frankenstein. Permaneci uns meses em cidades americanas e, em seguida, na cidade do México e depois, El Salvador. ”

Alfonso Trejos, um colega do Instituto Oswaldo Cruz, radicado em El Salvador, convidou o nosso biografado para ministrar um curso de três meses, na Faculdade de Medicina daquele país.

“O tempo ia passando e eu teria que me apresentar, pronto para o serviço, no dia oito de fevereiro de 1962, três dias depois da data do meu aniversário de 46 anos. Nessa altura, eu já estava entrosado com os colegas da Faculdade de Medicina. Fiquei na dúvida entre pedir demissão do Exército, continuando em El Salvador, ou voltar para o Brasil. Optei pela volta porque faltavam apenas dois anos para eu poder passar para a reserva. O problema é que ultrapassei a data obrigatória para a volta. Sabendo disso, o General Castelo Branco ficou indignado e mandou me chamar.

A Diretoria de Ensino ocupava todo um andar da torre do imponente Palácio Duque de Caxias, no centro do Rio de Janeiro, sede do Ministério da Guerra (atual Ministério da Defesa).

O Chefe do Gabinete era um conhecido meu, Coronel Teófilo.

Quando cheguei para a apresentação, ele me informou que o General estava zangado, e que eu mantivesse calma, no encontro.

A ante-sala do Gabinete era um amplo salão com divisórias baixas de modo que apenas viam-se dezenas de cabeças de oficiais e auxiliares, muitas calvícies e cabelos brancos: “alvas e calvas”. Teófilo foi ver se o General poderia receber-me. Voltou com resposta afirmativa, conduziu-me à pequena porta de acesso ao Gabinete, e fez-me a última recomendação: “Calma, Thiago”.

Thiago de Mello nos conta que, diante do imenso salão, quase ficou ofuscado, pela luz do sol, que entrava pelas diversas janelas. E no fundo, diante de uma mesa, o General Castelo Branco.

Com a disciplina tradicional e obrigatória no meio militar, da porta, ele bradou: “Com licença”, ouvindo a resposta esperada: “Licença concedida”. “Enquanto se apresentava, depois dos dois marcharem até o meio do salão, o atrasado na volta para o Brasil, conta que o General o examinava dos pés à cabeça ao tempo em que ele terminava a sua fala. “Fiquei esperando a reprimenda, mas ao invés dela, ouvi dele: “Gostaria de conversar com o senhor sobre as suas pesquisas no exterior, a qualquer hora, inclusive neste momento, mas me acho impedido de fazê-lo porque estou gripado e não quero transmitir-lhe a doença”. Mas, logo em seguida veio a punição por não ter se apresentado na data prevista. “Então, solicitei uma licença de dois anos, para tratar de assuntos pessoais, que o general Castelo Branco aprovou. E voltei para El Salvador, durante o período da licença.

Lá, conheci a minha segunda esposa, na Faculdade de Medicina, e nasceu meu filho Milton José, atualmente Coronel de Artilharia, do Exército Brasileiro (futuro General)”.

Finda a licença, ainda fiquei mais alguns meses, com a concordância do Ministro, que atendeu à solicitação da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS)”.

Regressando ao Brasil, ele reassumiu suas funções do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Paralelamente, era professor no Instituto de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que ainda era localizado na Praia Vermelha, até passar, definitivamente, para a reserva, em 28 de janeiro de 1969, numa solenidade no CMRJ, depois de quase 40 anos de serviço.

Castelo Branco, o primeiro Presidente da República da Revolução Militar de 1964, faleceu num desastre de aviação nos céus da sua terra natal – o Ceará – segundo dizem porque forçou o piloto do avião executivo a entrar numa área proibida para a navegação aérea. Tinha 70 anos e o posto de Marechal.

## Papa João Paulo II

Como quase todos os brasileiros da época, o Professor nasceu numa família católica. E foi batizado. Mas ele confessa que não se tornou um católico praticante. Seus pais eram católicos mas seguiam a doutrina espírita (!). “Minha mãe psicografava, à semelhança do que aconteceu muitos anos depois com Chico Xavier, que teve a oportunidade de visitar em Uberaba.

Uma das minhas tarefas da pré-adolescência era acompanhar minha mãe à Federação Espírita Brasileira, na Avenida Passos, no Rio de Janeiro”.

Ele nos conta que durante alguns anos da adolescência, teve uma compulsão para ler. “Eram três tipos de leitura: livros do meu pai, obras completas de autores, como Machado de Assis, Eça de Queiroz, bem como traduções de clássicos, como Shakespeare, Alexandre Dumas e outros. E também os de Alan Kardec, da doutrina espírita.

Era aluno do Colégio Pedro II, onde entrei em 1928, com excelentes professores de português, com destaque para Antenor Nascentes. Por isso, adquiri o gosto pela leitura e passei a frequentar a Biblioteca Municipal, muito perto do Colégio. Nela, interessei-me pela leitura sobre religiões, e li tudo quanto era possível a respeito de todos os “ismos”. É claro que acabei fazendo uma grande mistura. Ficou-me, porém, a noção de que todas têm um ser superior, com o nome de Deus, ou o equivalente, a maioria com um equivalente na Terra, como Jesus, Maomé e outros, e alguns princípios básicos, também comuns. A partir dessa época, passei a respeitar todas as religiões, mas sem seguir nenhuma delas, em particular.”

Casado com D. Ângela, médica, católica praticante e fervorosa. “Então, nos casamos no religioso, mantendo uma convivência muito agradável, com os filhos batizados e comemorando com missa os 50 anos de casamento.”

“O colega Josélio de Andrade Moura, ciente do interesse da Ângela e meu, conseguiu os convites para uma audiência com o Papa João Paulo II, no Vaticano.”

Num amplo salão, poucas pessoas foram acomodadas e ouvimos as recomendações do Mestre de Cerimônias, de que quando o Papa fosse ao nosso encontro, não deveríamos nos levantar, permanecen-

do sentados para que ele nos abençoasse, passando a mão nas nossas cabeças.

Após minutos de espera, o Papa entrou no recinto. Com sua altura e porte atlético, tinha excepcional carisma, que os espíritas chamam de aura ou ectoplasma. Impressionante!

O Papa iniciou o ritual, cumprimentando e abençoando as pessoas.

“A meu lado, uma senhora escandinava, tinha no colo uma caixa e levantou-se para ofertá-la ao Papa, afirmando conter a melhor vodka de seu país, ao que o Papa respondeu: “eu não bebo”, e seguiu para a próxima pessoa, que era eu.

Apesar das recomendações do Mestre de Cerimônias, levantei-me, porque não falo sentado com uma autoridade que esteja em pé.

Palavras amáveis, bênção e o Papa seguiu paraabençoar a seguinte, que era a Ângela. Enquanto isso, o fotógrafo tirava muitas fotografias. Encomendei e recebi várias. Uma delas foi tomada no momento em que me levantava, e dá a impressão exata de que estou me abaixando, em reverência; As pessoas que vêem essa foto, devidamente emoldurada, em casa, pensam que estou em genuflexão para o Papa, como bom religioso.”

Mais alguns anos, e o Papa João Paulo II foi acometido da Doença de Parkinson, vindo a falecer, e depois da beatificação tornou-se um Santo da Igreja Católica.

## **Sir John Chapple**

Numa ensolarada manhã em Brasília, seu filho Milton José, então tenente do Exército, servindo no Grupo de Artilharia local, foi designado para dar as salvas de artilharia, no gramado da Esplanada dos Ministérios, em homenagem ao Comandante Chefe das Forças Armadas Britânicas, em visita ao País.

O General Chapple despedia-se do serviço ativo e decidira visitar países amigos. No caso do Brasil, foi recebido de acordo com o protocolo correspondente ao seu cargo e sua missão.

Thiago de Mello é quem nos conta: O Comandante do Grupo de Artilharia de Brasília, era o Coronel Luiz Reis de Mello, que havia

sido meu aluno no Colégio Militar do Rio de Janeiro, e com o qual eu mantinha relações de amizade.

Feitas as salvas de artilharia, tudo voltou ao normal e o assunto foi esquecido.

Algum tempo depois, o Coronel Mello foi nomeado Adido Militar em Londres. Numa viagem à Europa, fui visitá-lo, e no meio da conversa tive a informação de que o General John Chapple recebera o título de Sir e era o Presidente da Zoological Society of London.

O coronel Mello e eu resolvemos fazer-lhe uma visita e conferir porque um militar de carreira com várias décadas de serviço às Forças Armadas, era o presidente de uma sociedade de zoológicos.

Marcada a entrevista, decidimos levar um livro com fotos do Brasil antigo. Eu não conhecia o Sir John.

Fomos recebidos no Gabinete do Presidente por um senhor baixo, rotundo, vermelho e sorridente. Apresentações, recordações: O Coronel Mello falou sobre as salvas de artilharia. Eu, como Membro Honorário da Sociedade, não me contive e perguntei-lhe como um militar de carreira fora eleito Presidente da Sociedade. Ele prontamente respondeu que desde o início da sua vida militar, qualquer que fosse o lugar do mundo onde servisse, interessava-se por passarinhos, descrevendo as espécies locais, comportamento, etc. Assim, ficou relacionado com os especialistas em aves.

Na ocasião em que a Sociedade precisou de novo presidente, foi escolhido por seu passado de ornitologista e de administrador.

Na evolução natural de uma Sociedade, na qual os diretores devem ser frequentemente substituídos, Sir John teve outros sucessores.

O Coronel Mello foi promovido a General, mais tarde, na reserva. Com ele, mantenho uma sólida amizade e muitas vezes nos lembramos da entrevista com Sir John, o militar da carreira que era ornitologista, numa vida paralela, durante décadas, em vários países do mundo.”

## **Coronel José de Lima Figueiredo**

Tenente, recém casado, nosso biografado foi transferido de Juiz de Fora (MG), para o Depósito de Material Veterinário, em Porto Ale-

gre (RS), onde já servira no início da carreira, como Encarregado do Laboratório.

É ele quem nos conta: “A viagem do Rio para Porto Alegre (apenas duas semanas após o casamento) foi feita de trem, com a bagagem distribuída em várias malas; uma, inclusive que estava em moda na época – a mala-armário – grande caixa com cabides, para os uniformes, ternos, gavetas e sapateira. A viagem precisaria ser feita de trem. Os submarinos alemães estavam torpedeando navios brasileiros no litoral.

Longa viagem, de milhares de quilômetros, sem cabine-dormitório e com várias baldeações.

Naquela época, o Brasil tinha uma boa malha ferroviária para carga e passageiros, em grande parte herdada do tempo em que os ingleses eram donos de todos os equipamentos urbanos e não urbanos do Brasil. Ela foi criminosamente destruída, décadas depois, a pretexto de estimular as rodovias, e a crescente indústria automobilística. No momento (2015) tenta-se cobrir o prejuízo de mais de meio século. *La recherche du temps perdue*.

Em Porto Alegre, ficamos hospedados no Hotel Majestic, um prédio bastante original e que atualmente é o Museu Mário Quintana, enquanto procurávamos casa. Poucas semanas depois, entretanto, fui transferido para Cachoeira, no interior do Estado.

Finalmente, chegamos num sábado, e nos hospedamos num hotel perto da estação. Não havia tido nenhum contato sobre a nossa chegada. De noite, por um buraco no teto, milhares de morcegos saíram em revoada, para grande pavor da jovem esposa.

A cidade era considerada a capital do arroz, cultivado na várzea do rio Jacuí, que, de vez em quando enchia, e o Batalhão, que era de construção de pontes (pontoneiro), auxiliava no resgate das pessoas ilhadas. Uma dessas enchentes, com a água acima dos postes de eletricidade, fez parte de uma catástrofe, com enchente dos vários rios do Estado, que desembocavam na Lagoa dos Patos, em cuja margem está a cidade de Porto Alegre. Nessa enchente célebre, de 1942, botes de resgate, da capital inundada, eram amarrados nas patas do cavalo da estátua do General Osório, na Praça da Alfândega, a principal da Cidade.”

No Rio de Janeiro, ele tinha um amigo que foi grande ilustrador de publicações do Exército (Alberto Lima), e que também era amigo do Comandante do quartel onde ele iria servir.

Alberto Lima lhe deu um cartão de apresentação para o Comandante, Coronel José de Lima Figueiredo, sobre quem ele nunca tinha ouvido falar.

O Professor continua: “Uma vez instalado no hotel, fui procurar a residência do Comandante. Um taxi nos levou, e fomos atendidos por uma senhora de aparência humilde com uma criancinha no colo. Disse-lhe que pretendia falar com o Coronel para dar-lhe o cartão de apresentação do amigo comum. A senhora, para minha surpresa, disse: O Zezinho está em Porto Alegre, com o braço quebrado e voltará em duas a três semanas. Era a esposa do Comandante.”

Na segunda feira, ele se apresentou no 2º Batalhão de Pontoneiros. De acordo com o ritual “que até hoje é seguido, durante o qual tomam-se as primeiras impressões: uniforme impecável, dos pés à cabeça, espada na cintura, como era a regra. Toda a oficialidade presente para os cumprimentos de boas vindas.

“Na época eu era também um jogador razoável de basquete, e logo me enturmei com outros tenentes, e principalmente com o Capitão José Ferraz da Rocha. O Coronel Lima Figueiredo viera diretamente do Comando da Escola de Educação Física do Exército, na Urca (no Rio de Janeiro), até hoje, padrão de excelência da especialidade, no Brasil, para comandar o Batalhão. Ferraz: era o líder da educação física, e bom jogador de basquete, trazido da Escola, pelo Coronel.

Uma complicação. “Logo, os jovens tenentes me avisaram que o Comandante julgava os veterinários incompetentes. Isso por causa do colega que eu ia substituir, que era considerado relapso, e motivo de muitas desavenças com os oficiais.” O comandante, que eles chamavam de Lima Fig, não gostava de veterinários.

Chegou o dia. “Na época, todos os quartéis seguiam o ritual implantado pelas Missões Militares Francesas que modernizaram o Exército, na primeira metade do século XX, graças à clarividência de um civil, Ministro da Guerra, Pandiá Calógeras. Assunto muito bem descrito pelo Coronel Jayme Bastos Filho, que fora meu aluno no Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Em todo o Brasil, o comandante chegava no quartel, precisamente às sete horas da manhã, era recebido pelos oficiais e cumprimentava um a um. A cerimônia era irreverentemente chamada de beija-mão. Eu não tinha a menor idéia de como era o Lima Fig.

Uma grade de ferro separava o pequeno jardim, da rua. Oficialidade em forma diante do prédio principal. Poucos minutos antes das sete horas da manhã, aproximou-se da rua um belíssimo cavalo, com brilhante pelagem creme (um baio Isabel pomelê). Sobre ele, um esbelto cavaleiro, com varinha fazendo com que o animal executasse passo de alta escola. Às sete em ponto, passou pelo portão. O corneiteiro deu o toque de chegada do Comandante, que apeou, entregou o cavalo ao ordenança e passou a cumprimentar os oficiais, a partir do major que era o seu substituto, na sua ausência. Eu era o último por ser o de menor graduação.

Chegou a minha vez! Apresentei-me e o comandante disse: Já sabia da sua chegada. Seja bem-vindo à nossa Unidade. O assunto deveria ficar nisso; entretanto, desejando ser amável, disse-lhe: “Que cavalo bonito, Coronel.” Ele deu um passo para trás e disse: “Tenente Veterinário – não é um cavalo, é uma égua”.

Nem isso o veterinário sabia. Estava confirmada a sua opinião sobre os veterinários incompetentes.

“Depois da gozação dos colegas, tratei de me reabilitar cuidando ao máximo da cavalhada, que estava em estado deplorável, e uma das providências foi plantar uma enorme área próxima ao quartel, com capim elefante, e regularizar o forrageamento.

Elaborei o meu primeiro trabalho técnico-científico, acompanhado de fotografia do autor. A plantação foi um sucesso, mostrada às visitas.

Ainda tinha tempo para os jogos de basquete. Com tudo isso, meu prestígio com Lima Fig subiu muito e cerca de um ano depois, ao despedir-se do Comando, deu-me enorme elogio, que começava assim: “Tenente-Veterinário Milton Thiago de Mello, fez-me acreditar na eficiência do Serviço a que pertence, substituindo um oficial sem competência técnica.”

Mais alguns meses e o Batalhão teve como sub-comandante o Major Aurélio Lira Tavares. Este, como General, foi Presidente da

República e Membro da Academia Brasileira de Letras, com seu livro “Alita”, além de muitos outros.

Lima Figueiredo foi promovido a General, nomeado Diretor da Estrada de Ferro Noroeste, e finalmente, Deputado Federal. Ao mesmo tempo, era um intelectual com vários livros publicados. A criança de colo, Eurico Lima Figueiredo (nome dado em homenagem a Eurico Gaspar Dutra, amigo do Coronel e que conheci no dia da minha chegada a Cachoeira, tornou-se grande sociólogo, professor da Universidade Federal Fluminense.

Mantive boas relações com Lima Figueiredo, com algumas visitas à sua casa na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, quando nela havia somente casas com um ou dois pavimentos.

O então Capitão José Ferraz da Rocha foi a General de Exército, Chefe do Estado Maior das Forças Armadas.”

## **Luiz Carlos Prestes**

Luiz Carlos Prestes foi uma verdadeira lenda para os jovens, que, por determinismo biológico, sempre estão contra o sistema político brasileiro vigente.

Como Tenente do Exército, em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, ele desertou com alguns companheiros e armamento do quartel, e chefiou um movimento armado itinerante, pelo Brasil, chamado Coluna Prestes.

“Décadas de artigos, teses, livros, poesias, músicas e filmes, contam aspectos da sua vida e também a da sua mulher, Olga Benário, presa e entregue aos nazistas, deixando uma filhinha, anos depois a conhecida historiadora Ana Leocádia”.

Prestes foi preso durante vários anos e terminada a Segunda Grande Guerra Mundial, libertado, elegeu-se senador.

“Nessa ocasião eu tinha um chefe que afirmava ter pertencido à Coluna Prestes. Baixo e magrinho, bem articulado, com a euforia do término da Guerra, tentava aliciar jovens oficiais para o lado comunista. Era o Major Veterinário Luiz Braga Mury”.

“Eu já lera muita coisa a favor e contra o marxismo e o comunismo. E o Braga Mury martelando as suas idéias, até que se providenciou uma entrevista de um pequeno grupo de jovens oficiais, com

Prestes. Marcados dia e hora, no início de 1946, eu e mais três fomos ao apartamento do Braga Mury, na Rua Marquês do Paraná, no Flamengo. Prestes estava acomodado num sofá: magro, macilento e um pouco dentuço. Feitas as apresentações, ele falou sem parar durante algumas horas, declamando todos os chavões conhecidos sobre marxismo, comunismo, capitalismo, etc.

Compreendi a necessidade que ele tinha de falar, depois de anos de prisão incomunicável. Não deixava mais ninguém falar. Um fanático, obcecado”.

O encontro com Prestes foi muito bom – afirma o Professor – porque permitiu, desde então, que ele se afastasse dos políticos.

“Braga Mury, Prestes e sua doutrina sumiram da minha vida”.

## **General Nivar Seijas**

Durante a permanência do Professor na República Dominicana, de 1969 a 1974, como parte de um projeto da FAO para a Faculdade de Agronomia e Veterinária local, ele teve a oportunidade de entrar em contato com autoridades dominicanas, desde o Presidente da República, Joaquim Balaguer.

“Devido ao tipo do Projeto, a maioria estava relacionada com agropecuária. Numa delas, o Dr. Librado Hernández, Diretor de Gado, tornou-se meu amigo. Ele também era o veterinário que cuidava dos animais de uma fazenda do Presidente. Por esse motivo, logo em seguida, passei também a consultor do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), na República Dominicana, em Projeto da FAO, para revitalização de um Laboratório Veterinário construído junto com outras repartições, no gigantesco estábulo das vacas do ditador Trujillo, e reorganização do Serviço Veterinário do País”.

Thiago de Mello nos conta que no Ministério da Agricultura dominicano, e na Universidade Autônoma de Santo Domingo, havia alguns veterinários ilustres, que tinham feito especialização no Brasil, e com eles logo fez amizade. Zanabria, Jesus, Roberto Pou e Oto Gonzalez, eram os principais. “Este último, além de excelente profissional especializado em bovinos, era pessoa de fino trato e prestava assistência veterinária a fazendas de figuras de relevo do País.”

Com o passar do tempo, e as amizades locais, ele tomou conhecimento de alguns fatos da história recente do País.

“Poucos anos antes da minha chegada fora assassinado (“justiciado”), o Presidente-Ditador Rafael Trujillo. E seguiram-se distúrbios, revolução, guerra civil, invasão de tropas americanas e substituição destas por Força de Paz do Exército Brasileiro, que, realmente, apaziguou o País. Regresso desta ao Brasil, eleição do Presidente Joaquim Balaguer, que havia sido homem de confiança do Trujillo. ”

“Quando cheguei, em 1969, ainda havia ressentimentos e ódio aos americanos. Estava em pleno desenvolvimento a Guerra do Vietnã. O Governo Dominicano era considerado de direita e não tinha poder na Universidade Autônoma de Santo Domingo – UASD (uma das três candidatas a ser a primeira a ser fundada no continente americano, além das da Guatemala e do Peru).

O clima na capital ainda estava tenso. Policiais armados pesadamente, pelas ruas, e os estudantes entrincheirados no campus da Universidade, onde havia dezenas de réplicas de aldeias vietnamitas, cada uma representando uma corrente esquerdista da Universidade, e que às vezes se digladiavam com “ajusticiamento”.

Nesse ambiente, estava o Projeto PNUD/FAO, de longa duração, com dezenas de especialistas, em prazos variáveis. De vez em quando, os estudantes saíam do campus em passeata, com cartazes contra o governo, considerado direitista. – muitos diziam trujilista – e os americanos. Logo eram reprimidos, com gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral, e corriam de volta para o campus.

Em certa ocasião, por exemplo, sai num veículo do Projeto, com enormes emblemas da ONU e da UASD, em todos os lados, e no teto. No carro, estávamos eu, um funcionário administrativo do Projeto e o motorista. Este último, um líder entre os funcionários da Universidade. Algumas quadras depois da Universidade vimos, ao longe, uma grande manifestação, com cartazes, bandeiras, e megafones. Sugeri ao motorista que desviasse para outras ruas porque poderia haver alguma hostilidade. Ele, um líder esquerdista, retrucou: “Doutor, nós não somos selvagens”, e foi em frente. O contato com a vanguarda da manifestação foi pacífico e de confraternização entre os líderes da passeata e o nosso motorista. E a manifestação prosseguiu com nosso carro parado para que eles passassem. Aí já não havia mais

peças que conhecessem o motorista e logo começaram a gritar: ‘Fora os gringos da UÁS (como pronunciavam). Morte aos gringos da UÁS.’

Cercaram o veículo e começaram a balançá-lo, para virar e incendiar, apesar dos protestos do motorista, que não era reconhecido. Felizmente, quando a tensão era máxima, surgiu uma pessoa que conhecia o motorista. Encarapitou-se no teto do veículo e aos gritos de ‘Companheiros, este é o nosso companheiro fulano’, conseguiu acalmar a turba, que continuou seu caminho, aos gritos contra o governo e os gringos.

Ainda eram recentes as lembranças da época de Trujillo, com a sua violenta polícia. Como líder dessas forças de segurança da época, existia o General Nivar Seijas, que era o símbolo da repressão. Muitos o consideravam um assassino. As histórias, provavelmente aumentadas, passavam de boca em boca e seu nome era temido. Sua casa, numa das principais avenidas da cidade, era uma fortaleza, com soldados armados com metralhadoras, dentro e fora dela. O General Nivar era uma pessoa a respeitar e temer. Disso fiquei ciente pouco depois de chegar ao País.

Eis que um dia, Oto González me procurou e disse-me que o General Nivar queria falar seriamente comigo.

Fiquei preocupado porque na ocasião mantinha, na Universidade, boas relações frontalmente divergentes do governo, embora também tivesse com as do governo, como Oto González e Librado Hernández.

E foi marcada a entrevista, na residência do General. Um carro oficial me apanhou em casa, junto com Oto González.

Fui preparado para o pior.

Nas proximidades da residência do General, soldados com metralhadoras pediam identificação, apesar do carro oficial. Portões abertos pelos soldados. Bonito jardim. Varanda e grande salão bem mobiliado. Num divã estava o General. Jovem. No máximo com 50 anos. Vestido simplesmente, em mangas de camisa. Bigodinho latino-americano.

Disse o motivo de ter me chamado: soubera que eu era um especialista em brucelose (grave doença animal, transmissível ao homem).

Sua filha, idolatrada, estudante de arquitetura, estava com diagnóstico de brucelose e definhando a ponto de temerem por sua vida. O relato sumário tirou a minha preocupação. Além disso, estava em condições de ajudar o General. Meu conhecimento sobre a doença permitiu dar uma orientação segura. Primeiro, confirmar o diagnóstico, o que foi feito. Para tratamento, na época, só existia o preconizado pelo então maior especialista do mundo, em brucelose humana, o cientista mexicano, meu amigo, Maximiliano Ruiz Castañeda.

Imediatamente, entrou-se em contato telefônico e Castañeda sugeriu que a moça fosse levada para o México para ser submetida ao tratamento.

Sugeri que ela fosse com a mãe, D. Yolanda, porém o General decidiu que eu e minha mulher fôssemos também.

Avião, hotel de luxo no México, e hospital onde trabalhava Castañeda, muito respeitado no País, e senador da República.

A moça, de uns 20 anos, era um graveto, na linguagem popular: pele e osso. Refeitos os exames e reconfirmado o diagnóstico, Ruiz Castañeda avisou que o tratamento consistia na aplicação intramuscular de um antibiótico chamado tetraciclina, que ele desenvolvera, que daria uma inflamação local mais ou menos intensa, que desapareceria em dois ou três dias.

No dia marcado, foi feita a injeção na região glútea da moça. Horas depois, e no dia seguinte, a reação inflamatória foi violenta.

D. Yolanda, chorava. Minha esposa, com os olhos arregalados. E eu pensando no General Nivar e sua fúria. Mas, Castañeda nos tranquilizou em parte, afirmando que tudo passaria e que a moça iria se recuperar dessa reação e também da brucelose. E assim aconteceu. Ainda houve outras injeções, com reações menores. E a moça foi melhorando, com apetite e entusiasmo.

De regresso a Santo Domingo, o General me agradeceu, e D. Yolanda mostrou-se extremamente grata por tudo.

D. Yolanda, logo depois do nosso regresso do México, fez-nos um convite para passarmos um domingo na sua casa de campo no

alto de uma montanha. Um carro nos buscou: Ângela, os três filhos pequenos e eu.

Lá no alto, grande casa envidraçada, com vista espetacular. Esperavam-nos: D. Yolanda e mais três senhoras com aspecto de serem de alta sociedade. Nenhum homem. Conversa amena, refrigerantes e meu whisky. Apanho uma louça com amendoim e a vou passando para as senhoras. Ao chegar numa delas, ela reage quase violentamente e diz: “Não, esse homem tem poderes”, e ficou meio amuada. Não compreendi, mas não disse nada.

Despedida, promessa de visitas mútuas, regresso à casa.

Algumas semanas depois, estava molhando as plantas no jardim em frente à casa, quando se aproximou um grande carro preto. Parou em frente, o motorista abriu a porta e desceu a mesma senhora do incidente na montanha. Ao olhar para uma bela moita de espadas-de-São-Jorge, recuou bruscamente e disse: “Nessa casa não entro”, e voltou para o carro.

Só então compreendi. Embora a religião oficial da República Dominicana seja a católica, grande parte da população segue as práticas do vodu, que era a antiga religião importada da África, com os escravos. E com a divisão da Ilha Espaniola em República Dominicana e Haiti permaneceram resquícios do vodu entre os dominicanos, enquanto no Haiti, continuou sendo a religião prevalente.

Por algum motivo, a senhora em questão considerou que meus poderes eram conflitantes com a sua religião, confirmados pela moita de espadas-de-São-Jorge, planta importante no vodu e também no Brasil, contra o “mau olhado”.

Final feliz! A filha do General Nivar ficou boa da brucelose, engordou, terminou o seu curso de arquitetura e casou.

Fiquei mais alguns anos no País e tive a satisfação de, ao despedir-me, contar com a amizade de dezenas de funcionários do Laboratório, dezessete dos quais eu havia enviado para especializar-se no estrangeiro. Mais de quarenta anos decorridos, muitos ainda são meus amigos.

## Professor Sanford Elberg

Na segunda metade dos anos 1950, as pesquisas do Professor Milton Thiago de Mello, no Instituto Oswaldo Cruz (IOC), no Rio de Janeiro, tornaram-no um cientista bastante conhecido, principalmente pelas suas pesquisas sobre brucelose, uma doença de bovinos, suínos e caprinos que se transmite para a espécie humana: uma zoonose.

É o pesquisador quem nos conta: “Eu era membro do Comitê de Peritos em Brucelose da Organização Mundial de Saúde (OMS) e da FAO, com reuniões periódicas em Genebra. Acabara de publicar, junto com o grande microbiologista Genésio Pacheco, a Monografia Número Sete do Instituto Oswaldo Cruz, um grosso volume de 727 páginas (em setembro de 1955). E era Coronel, Professor Catedrático de Biologia do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ).

Minha ida para o Instituto Oswaldo Cruz, em 1944, fazia parte do esforço de guerra brasileiro para efetuar pesquisas de interesse do Exército. Entre outras coisas, com Amadeu Cury e Masao Goto, fabricamos penicilina, pela primeira vez fora da Inglaterra e dos Estados Unidos, em 1945.

Estava nessa vida paralela, IOC e CMRJ, quando foi feita a indicação de meu nome, pelo colega e amigo Amadeu Cury, no IOC, para efetuar pesquisas no estrangeiro, financiadas pela poderosa Fundação Guggenheim. Era uma tremenda distinção: “Guggenheim Fellow”.

Todos os trâmites feitos na Universidade da Califórnia-Berkeley, mas faltava a permissão do Exército, o que era difícil conseguir.

Felizmente, um colega, professor do CMRJ, Arivaldo Fontes, grande humanista, era também do Gabinete do então Ministro da Guerra, General Lott. Com muita habilidade, convenceu as autoridades militares de que as pesquisas a desenvolver eram de interesse do ensino e relacionadas com guerra bacteriológica, o que era verdade.

A licença foi concedida por um ano, a partir de abril de 1960.

A bolsa da Guggenheim, embora muito honrosa, não era grande e por isso consegui uma passagem grátis, no “camarote do armador”, no navio cargueiro Lloyd-Haiti, de propriedade do governo, com a interferência do Ministro da Marinha, irmão de um dos meus profes-

sores no Instituto Oswaldo Cruz, Arêa Leão. E lá fui eu, todo esperançoso, com minha filha adolescente, Vera Lúcia. Ao largo da Bahia, como únicos passageiros, ouvimos os discursos de inauguração de Brasília (21 de abril de 1960).

Havia feito um programa de visitas e palestras em algumas Universidades dos Estados Unidos, durante o percurso de ônibus entre Nova Iorque e a Califórnia. Em Brunswick, por exemplo, entrevista com Selman Waksman, que estava no auge da fama por sua descoberta da estreptomicina, poderoso antibiótico para cura da tuberculose.

Chegando ao seu laboratório, Waksman foi logo dizendo que o que eu havia escrito sobre determinado fungo estava completamente errado. Com muito custo, consegui explicarlhe que era outro Dr. De Mello, de São Paulo, o autor do trabalho, publicado há quase 20 anos.

Cheguei a San Francisco vestindo um surrado terno azul e logo comprei o “uniforme” dos americanos, na época: terno marrom, com três botões.

Meu contato na Universidade da Califórnia-Berkeley era Stanford Elberg, grande microbiologista americano: baixinho, com pequena corcova torta, óculos de grau, sorriso permanente. Fazia parte do mesmo Comitê de Peritos de Brucelose da OMS/FAO a que eu pertencia. Durante a II Guerra Mundial, como Major, fora Chefe do Laboratório de Guerra Bacteriológica, em Camp Detrick, perto de Washington DC.

Quando cheguei na Universidade, ele era chefe do Departamento de Bacteriologia no Life Science Building.

Logo depois, tomei conhecimento de que uma guerra surda se travava no Departamento. De um lado, os bacteriologistas tradicionais, ao qual pertencia Elberg, de outro, os partidários da biologia molecular, que dava seus primeiros passos, precisamente nesse Departamento, liderado por Albert Kruger, Adelberg e vários jovens. Mais tarde os dois grupos se separaram.

Elberg havia providenciado o aluguel de um apartamento perto da Universidade, e foi me apresentando às pessoas do Departamento e a outras, da Universidade.

Na ocasião era uma honra ser Fellow da Guggenheim. Creio que ainda seja. Por isso, deu-me pequena sala e permissão para uso de todo o laboratório, além de ajuda de uma técnica (Patrícia – sempre correndo!).

O projeto de pesquisa envolvia cultivo de brucelas, aerossóis, microscopia eletrônica, cultivos celulares e uso de animais de laboratório. Todos assuntos que eu dominava, para os padrões da época, inclusive fora um dos pioneiros em microscopia eletrônica, no Brasil, num aparelho de segunda mão comprado pelo Diretor do Instituto Olímpio da Fonseca Filho, todo remendado, precisamente pelo técnico alemão que havia construído um dos primeiros desses microscópios, no mundo: Hans Muth. Ele trabalhara como técnico, de um pioneiro da microscopia eletrônica: A. Ruska, na Alemanha nazista.

Muth havia sido contratado no Brasil. Constava que fora prisioneiro de guerra, na Ilha Grande, no Rio de Janeiro, por ser considerado espião nazista, informando para submarinos alemães a saída de navios, da Baía da Guanabara, a partir da sua residência em Santa Teresa.

Elberg logo me perguntou quais eram as minhas necessidades para a pesquisa. “Quantos microscópios eletrônicos do último tipo, precisamos comprar?” E havia à disposição uma bateria deles, de última geração, no Life Science Building. Compreendi que era uma forma dele conseguir equipamentos para o Departamento, por intermédio de um Fellow da Guggenheim.

Elberg continuou a me apresentar a pessoas importantes da ciência. Eu era uma espécie de troféu. A começar pelo Reitor da Universidade da Califórnia, Clark Kerr, considerado, na época, mais importante do que o próprio Ministro da Educação.

Minha filha, por sua vez, tornara-se amiga de algumas colegas, e assim fui convidado à casa de diversos outros poderosos que tinham filhos no mesmo colégio. Um exemplo: Glenn Seaborg e Melvin Calvin, ambos Nobel de Química (1951, 1961).

Antes de terminar a bolsa, Elberg, já um grande amigo, sugeriu que eu me submetesse a uma cirurgia de varizes, que me atormentavam muito, dificultando a minha locomoção.

A cirurgia, por um cirurgião celebre, Dr. Bush, foi radical, e durou cerca de oito horas. Mais de meio século depois, não houve nenhuma recidiva.

Por insistência de Elberg, foi criada uma continuação do projeto para grande bolsa de pesquisa a ser concedida pelos Institutos Nacionais de Saúde (NIH), dos Estados Unidos, e ser desenvolvida no Instituto Oswaldo Cruz.

A roda implacável do tempo, com as alternâncias de poder comuns na América Latina, fizeram com que a vultosa quantia de centenas de milhares de dólares não fosse aproveitada.

O Diretor do Instituto, na época, uma figura inexpressiva e medíocre (Rocha Lagoa), de triste memória, não autorizou a sua realização. Tanto o meu projeto quanto o de Walter Oswaldo Cruz, não foram executados.

O primeiro cheque, de dezenas de milhares de dólares, foi devolvido.

Ainda tentei transferir o projeto para o Instituto de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do qual fora um dos fundadores, sem resultado. ”

## Depoimento

Era um início de outono nos idos 1988, quando o clima ainda obedecia às datas para se manifestar e esfriava um pouco antes mesmo do inverno chegar; eu estava retornando do meu Pós-Doc em Munique na LMUM / Alemanha e cheguei bem apressado, sentindo calor, na ante-sala da Coordenação do Curso de Pós graduação em Patologia e Clínica Veterinária - nessa época eu já tinha sido eleito pelo colegiado o Coordenador do referido curso!!! A minha secretária me informou: tem um Senhor lhe aguardando na sua sala. . .

Era o memorável e respeitado Professor Doutor Milton Thiago de Mello, um baluarte da Medicina Veterinária, que eu já admirava de ouvir falar nos trabalhos científicos, desde quando trabalhei com microbiologia no Laboratório de Biologia Animal da SAERJ, no Horto em Niterói!!! Muito elegantemente trajado e gentil foi logo se apresentando e dizendo: vou passar uma temporada por aqui, no seu Departamento, mas em conexão direta com a Reitoria, para desenvolver projetos ligados a Medicina Veterinária e a primatologia!!! Quanta honra pensei e, tratei de responder a altura, acolhendo e recepcionando da melhor forma possível na minha Coordenação tão nobre colega, que já no primeiro dia havia conquistado minha simpatia com sua sabedoria e bom humor!!! Foram tempos de muito aprendizado e colaboração, até que ele retornou definitivo para Brasília, mas a amizade estabelecida permaneceu.

Ao longo desses anos e desde então, tive sempre o privilégio de contar com o apoio direto e presencial do Professor Milton, em momentos cruciais para a Medicina Veterinária e para mim como, por exemplo, no 1º Seminário Internacional do Ensino de Medicina Veterinária da Língua Portuguesa, que organizamos no Rio de Janeiro em 1995, e nos demais Seminários Estaduais, enquanto eu era o Presidente da CEMV/CRMVRJ; sempre se colocando a disposição e somando com o seu conhecimento nas palestras e na condução das

mesas por ele coordenadas!!! Da mesma forma, já no novo século 21, entre outros prestigiou a minha posse na AMVERJ em 2006 e, incentivou a elaboração do meu livro “Desempenho Sustentável em Medicina Veterinária, como entender, medir e relatar” publicado em 2010. Foi com muito orgulho que recebi do Professor os elogios e a recomendação no meio acadêmico desse meu trabalho, como uma referência para a sustentabilidade da nossa profissão. . .

Um fato bem pitoresco, talvez seja interessante relatar se deve a minha ida á Brasília para uma homenagem ao Professor Milton, na criação do Instituto que leva o nome dele; foi quando fiquei hospedado na bela residência do Professor a convite dele próprio e, levei como presente um quadro impressionista representativo da fauna de primatas livres do RJ, o Leontopithecus rosalia na mata, pintado por mim!!! O nome estava escrito atrás do quadro, mas ninguém viu e todos ficaram olhando aquela mancha amarela alaranjada no meio do verde sem saber o que significava, até que o filho caçula do Professor falou: “é um mico leão dourado que passou correndo na tela”, todos riram e eu agradecido me senti recompensado, pois alguém captou a mensagem!!! Depois o Mestre recebeu o presente e o colocou na parede para apreciação. . .

Para mim é sempre muito estimulante contar as experiências vivenciadas ao longo dos anos como discípulo desse grande Mestre, mas nesse momento eu quero mesmo é expressar a minha gratidão, por ter um colega como o Professor Milton, um cidadão patriota, de caráter, inteligente, que ama sua profissão corretamente e ensina aos mais jovens uma lição de esperança e que a longevidade deve servir para o bem!!!

Parabéns Professor Doutor Milton Thiago de Mello, Feliz Aniversário, 105 anos bem vividos e obrigado pelos Scotch Whisky de qualidade, rrsrrsrrsrrs!!! Deus o proteja sempre. . .

Niterói, 05 de fevereiro de 2021

**Prof. Dr. Márcio R Costa dos Santos**

## Paixão pelo ensino

**Milton Thiago de Mello é um professor nato, com larga experiência nacional e internacional, que ele justifica como seu desejo permanente de compartilhar conhecimentos reais e não apenas os dos livros.**

Quem, como este autor, teve o privilégio de assistir a algumas das suas palestras, compreenderá o que estou dizendo.

Leve, divertido, didático e com muito conhecimento de causa, ele diverte e ensina ao mesmo tempo.

“Comecei essa atividade sem realizar que era ensino, ainda quando era aluno da EVE-Escola de Veterinária do Exército”.

Ele organizou aulas, que eram distribuídas para os colegas. Foi quando concluiu que o importante não era ensinar e sim fazer com que alguém aprendesse sem ser repetitivo, o que me lembra a máxima da comunicação social: “O que importa não é aquilo que você fala, e sim o que o outro entende”.

Parece óbvio, mas não é. Para configurar o que mais tarde chamou-se “atitude”: “não repetir o mesmo conhecimento de um ano, durante muitos anos e afirmar ter a experiência desses muitos anos”

As aulas formais ministradas por Thiago de Mello, começaram no Instituto Oswaldo Cruz para onde entrara sete anos depois de formado na Escola de Veterinária do Exército, e continuaram, como professor na EVE, e no Colégio Militar do Rio de Janeiro, além de muitas instituições civis, no Brasil e no exterior. Foram funções entrelaçadas, exercidas durante quase 90 anos.

## **O veterinário na segurança alimentar: passado, presente e futuro**

“Toca o telefone. Madrugada de 14. 09. 2015. É o colega veterinário Josélio Moura que fala de Istambul, na Turquia. Dá notícias do 32º Congresso Mundial de Veterinária. Declara-se exausto depois de muitas horas de vôo, ainda aturdido com as seis horas de fuso horário. Minha primeira pergunta, nos conta René Dubois, o autor do prefácio de mais esse livro de autoria do Professor Milton Thiago de Mello, foi: como ele, que em menos de cinco meses completará cem anos de vida, havia suportado tão longa viagem. “Melhor do que todos nós”, foi a resposta.

Poucas horas depois – prossegue Dubois – toca novamente o telefone, desta vez do Rio de Janeiro. Era o confrade Luiz Octavio Pires Leal, médico veterinário e jornalista, membro ilustre da nossa Academia Brasileira de Medicina Veterinária, com a voz alguns decibéis acima do normal: “René, o livro do Milton está pronto para ser impresso. Só falta o seu prefácio. Me socorra, pelo amor de Deus!”

Em outro trecho, René Dubois escreve: Admirável é a sua performance intelectual. Tenho certeza de que a sua apresentação na histórica capital do Império Britânico, sob o título Food for a hungry world, onde destaca a potencialidade brasileira para a produção de alimentos, cujo resumo faz parte deste livro, teve o mesmo brilhantismo do que aquela sobre Primatologia (Psychologicalwell-being in non-humanprimates), proferida no Japão, em 1995.

Agora, recorro a trechos do livro, no qual se lê: “A profissão veterinária é mais do que o exercício da Medicina Veterinária, embora sua parte médica seja a mais conhecida. As faces “não médicas” são praticamente ignoradas pelo grande público. Certamente, até mesmo número considerável de veterinários as desconhecem, ou não estão preparados para lidar com elas. Na opinião do ilustre professor Krause, da Universidade Federal de Santa Maria, em conversa recente: “Estão habilitados mas não capacitados.”

Acompanho a evolução da Veterinária Brasileira há 80 anos. Fui aluno de alguns dos primeiros veterinários formados no País, e de pioneiros fundadores da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, como Franklin de Almeida e Armando Alves da Rocha. Presenciei as grandes tendências ou ciclos da profissão. Quando aluno, ela era focada na medicina de bovinos (carne), ou eqüinos (trabalho). Raríssimos eram os veterinários que atendiam os “pequenos”. Praticamente nada sobre suínos e frangos. Como no início (1910) não havia veterinários formados no Brasil, muitos dos professores brasileiros eram médicos.

Por esses motivos, tenho falado e escrito muito sobre a necessidade dos veterinários ampliarem seus conhecimentos para outras áreas.

Em anos recentes, publiquei, em revistas e livros, opinião sobre diversos temas da profissão, além da área médica, mostrando o amplo papel dos veterinários, dentro do conceito de uma única saúde: humana, animal e ambiental, com destaque para a saúde pública, segurança alimentar e meio ambiente.

Na presidência da Academia Brasileira de Medicina Veterinária, Thiago de Mello conta que publicou vários trabalhos, “muitos deles na excelente revista *Animal Business-Brasil*, editada pelo acadêmico Luiz Octavio Pires Leal, para a SNA-Sociedade Nacional de Agricultura, e no livro *Brasil: Potência Alimentar*, organizado pela SNA.”

No 32º Congresso Mundial de Veterinária, realizado em Istambul-Turquia (setembro de 2015), ele apresentou o livro *Alimento para um mundo faminto*, em colaboração com Antonio Mello Alvarenga Neto, presidente da SNA e Membro-Honorário da nossa Academia.

Um desses trabalhos – destaca René – tem o sugestivo título de “Veterinário, Conhece-te a ti mesmo.”

Está no Livro do Professor: Numa tarde ensolarada, ao pé do Monte Parnaso, perto de Atenas, um viajante aproximou-se do poço da pitonisa, no Templo de Apolo, para consultar o Oráculo de Delfos:

Sou veterinário do Brasil, país mais belo não há, nele canta o sabiá. Sou um de 150 mil, mas não sou valorizado como quero ser julgado. Que conselho me dás? *Quid facere?*

A pitonisa, sentada em seu tripé, ouviu inebriada pelo efeito de fumaça que saía do poço da serpente (píton) e da bebida de uma taça que trazia nas mãos. Semelhante às mães de santo, “manifestadas” nos candomblés, intoxicadas pela fumaça de charutos ordinários e sob efeito da marafa (cachaça).

Ainda em transe, respondeu, em murmúrio, voz enrolada, palavras pouco inteligíveis, como deve ser a palavra de uma pitonisa, cartomante ou mãe de santo (neste caso, em linguagem iorubá).

Veterinário oximório que vem de longe em busca de gnoseo. Coarctada pelo tempo exíguo, sem prolegômenos, aconselho-te que deves fazer um escólio gnoseológico da seguinte parêmia.

E tirou da sua túnica um pergaminho com uma inscrição em grego arcaico. E em seguida, entrou em convulsões, e nada mais falou.

Aturdido, sem nada compreender, o veterinário pediu auxílio às sacerdotisas do Templo e elas interpretaram:

Veterinário paradoxalmente jovem (idade) e velho (conhecimento). Limitada pelo tempo disponível, sem introdução ou provérbio, aconselho-te que deves fazer interpretação ou estudo da seguinte alegoria: Conhece-te a ti mesmo.

O conselho da pitonisa poderia fazer parte da auto-estima – para usar terminologia da moda – de qualquer pessoa.

O veterinário precisa saber quem ele é, realmente, conhecer seu papel e suas funções na sociedade, e estar capacitado para isso. Não basta ser médico veterinário. Sua profissão é muito mais abrangente, além da sanidade animal. Também não basta que diga ter as qualificações inerentes à profissão, como no antigo ditado: “Se queres ter valor, proclama teu valor”.

Acrescento eu, o que exigiam os césaes da Roma Antiga: “À mulher de César, não basta ser honesta. É preciso parecer honesta”.

O mestre Milton, há anos, no Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária, em Uberlândia, enumerou dezenas de ramificações da profissão, e desde então, essa lista continuou aumentando.

**TABELA I – Áreas em que existe insuficiência de médicos veterinários especializados:**

Rastreabilidade – Análise de perigos e pontos críticos de controle (APPC / HACCP) – Diagnóstico por imagens – Bem estar animal – Etologia – Relação homem-animal – Direitos dos animais – Bioética – Animais silvestres-manejo, criação em cativeiro – Zoológicos – Enfermeiros veterinários, paravets – Responsabilidade técnica – Mercado (Marketing) – Zoologia – Informática aplicada – Aquicultura, maricultura, piscicultura, carcinicultura, ranicultura – Educação ambiental – Conservação da biodiversidade – Produção e avaliação de agentes terapêuticos – Medicina veterinária legal – Julgamento de animais grandes e pequenos – Laticínios – Epidemiologia – Animais de experimentação – Codexalimentarius – Medicina alternativa: acupuntura, homeopatia, plantas medicinais, etc. – Oftalmologia – Cardiologia – Odontologia – Controle de populações animais (pragas) – Esterilização química e cirúrgica – Eutanásia – Combate ao tráfico de animais silvestres – Identificação de animais: tatuagens, brincos, chips – Contenção de animais – Casqueamento e ferrageamento – Desastrologia – Captura e transporte de animais – Biotecnologia aplicada – Clonagem – Abate e inspeção de animais silvestres, para consumo – Medicina de conservação.

## TABELA II – Pesquisas no limiar (2010):

1. Animais transgênicos.
2. Células-tronco obtidas de células adultas reprogramadas (multipotentes induzidas).
3. Células-tronco e medicina regenerativa.
4. Papel do RNA e do micro RNA com agentes terapêuticos.
5. Doenças negligenciadas.
6. Vida artificial ou biologia sintética.
7. Robótica molecular.
8. Peptídeos como novos agentes terapêuticos.
9. Nanobio-robótica.
10. Plantas transgênicas.
11. Prions.
12. Medicina personalizada com base em genoma.
13. Novos métodos de diagnóstico.
14. Novas vacinas.
15. Manipulação genética para melhores resultados em animais.
16. Desastrologia.
17. Bioterrorismo.
18. Bem estar animal.
19. Medicina de conservação.
20. Aplicação de resultados de pesquisa (“translation”).
21. Bioengenharia molecular.
22. Medicamentos baseados em produtos naturais.
23. Biologia estrutural e computacional.
24. Farmacogenômica.
25. Participação feminina nas pesquisas.

# **Papel social do veterinário**

A seguir, a entrevista que o Professor Thiago de Mello concedeu a este autor, no final de 2015, e que permanece válida.

## **P. Qual o papel social do médico veterinário numa sociedade moderna?**

R. O adjetivo moderna caracteriza bem o papel atual do veterinário na sociedade. Quando a profissão foi criada, formalmente, em 1761, em Lyon, na França, com a primeira escola de veterinária, a preocupação era a de tratar as doenças dos animais. Por isso, as pessoas que tratavam da saúde dos animais foram chamadas de médicos veterinários, e ainda são. Entretanto, mais de dois séculos se passaram. Os desdobramentos, a partir dessa premissa, foram enormes. Expandiu-se a área de atuação do veterinário até nossos dias, com dezenas de atividades ou especialidades nas quais ele tem que participar, além daquelas da sua função, também importante, como médico de animais, seja por imposição legal, seja pela própria exigência da sociedade. Dentre essas especialidades, destacam-se as relacionadas com a saúde humana e a economia. No primeiro caso, a segurança alimentar, ou a qualidade dos alimentos, e as zoonoses (doenças comuns aos homens e aos animais), daí o conceito moderno de “uma única saúde”.

No segundo caso, o grande papel na economia nacional, como participante do agronegócio: exportação de carnes, geração de empregos e PIB.

## **P. Como avalia a qualidade do ensino dessa profissão no Brasil, e que sugestões oferece, com base na sua grande experiência nacional e internacional, para adequá-la às necessidades do mundo moderno?**

R. Em primeiro lugar, considero que a qualidade do ensino no Brasil é boa, de um modo geral, para o conceito de médico veterinário.

Mais de 150 cursos (Nota do Autor: atualmente – mais de 450 – quantidade superior a todas as faculdades de veterinária existentes

no Planeta), formam centenas de veterinários, anualmente, prontos para a clínica veterinária, principalmente de animais de estimação.

Evidentemente, existe saturação. Por força da legislação vigente, os cursos de formação de veterinários, dão ênfase ao aspecto da sanidade animal (hospital veterinário, clínica. Cirurgia).

Tentar colocar nos currículos, planos de estudo, ou que nome tenham, outros assuntos, entre dezenas de temas ou problemas que a sociedade espera solucionados pelos veterinários, é impossível, na prática: os cursos de formação seriam intermináveis.

Como a pergunta ressalta, é necessário adequar a formação dos veterinários, às necessidades do mundo moderno.

Pouquíssimos cursos têm coragem de romper tal engessamento. Entretanto, os mais de 150 mil veterinários que já passaram pelos cursos de formação, estão aptos, pela base adquirida, para receber qualificação para as mais diversas atividades que a sociedade deles exige, por meio de cursos depois da graduação. Não apenas pela Pós-Graduação, *sensu strictu*, de Mestrado ou Doutorado, que é cara e dela, em geral, resultam, quando isso acontece, pesquisadores e não aqueles profissionais de que a sociedade necessita.

Minha sugestão, que já é bem antiga, é de um programa agressivo de capacitação de veterinários, de preferência, recém formados, em cursos depois da graduação, de curta duração, chamados de *sensu lato*, em temas dos quais exista insuficiência de profissionais, porém cobrados pela sociedade. Como esta necessita de solução para esses problemas e não encontrando veterinários em número suficiente, recorre a outros profissionais, de categorias afins, como biólogos, químicos, engenheiros de alimentos, etc.

**P. A fome mundial, como previu Malthus, caminha para patamares preocupantes, como a FAO não cansa de repetir. O problema assume proporções ainda maiores quando se leva em conta que a produção de proteínas de alto valor biológico – assunto do âmbito da veterinária e da zootecnia – é muito cara.**

**Na sua visão, qual é o papel do veterinário no combate à fome nacional e mundial?**

R. O problema da fome no mundo resulta de um fenômeno que poucas vezes é realçado: a explosão populacional. Esta se deve ao

cumprimento pelos seres humanos, do preceito do livro do Gênesis: “crescei e multiplicai-vos”.

Apesar dos avanços da ciência, grandes religiões, como a católica e a islâmica, persistem na recusa de aceitar os modernos métodos anticoncepcionais para o controle da natalidade. Desse modo, a perspectiva é a de que dos sete bilhões de habitantes atuais (2015), o mundo alcançará a cifra espantosa de nove bilhões dentro de cerca de 40 anos. Esses dois bilhões a mais, em 40 anos, precisarão ser alimentados, inclusive com as chamadas proteínas nobres, as de origem animal (carnes, laticínios e ovos). É aí que entra o veterinário, não só como ator na produção desses alimentos, como também na qualidade dos mesmos, até o consumo final. É a repetida frase: “do pasto ao prato.”

Toda essa cadeia deve ficar sob a responsabilidade do veterinário e não apenas a sanidade, que é resumida na expressão moderna “Segurança alimentar”. Desse modo, está caracterizado o papel do veterinário no combate à fome nacional e mundial: responsável pela produção de alimentos de origem animal, em quantidade e qualidade. E nem sempre os cursos de veterinária preparam os jovens para tão importante missão.

**P. Como o senhor explica o baixo prestígio do agronegócio brasileiro, apesar desse setor da economia nacional ser o responsável por quase 30% do PIB, 37% dos empregos e 44% das nossas exportações (2015)?**

R. Por um fenômeno cultural atávico, muito bem explicado em editorial do presidente da SNA-Sociedade Nacional de Agricultura, Dr. Antonio Mello Alvarenga Neto, na revista “A Lavoura” (ano 115, no. 691/2012). “Falta uma propaganda agressiva sobre esses números.”

Enquanto a indústria (veículos, eletrodomésticos, informática, etc. , ), martela, diariamente, por todos os meios possíveis de comunicação social, seus resultados, bons ou maus, o agronegócio poucas vezes ocupa o noticiário, e muito menos é feita propaganda sistemática dos seus êxitos. Como não existe esse marketing a população, em geral, só toma conhecimento das más notícias.

**Nota do Autor: a TV Globo vem prestando um ótimo serviço sobre a ligação cidade-campo, através da veiculação repetida, de filmetes de alta qualidade.**

No caso específico da profissão veterinária, esta continua sendo apenas a do médico veterinário, em vez dele ser considerado responsável pela saúde humana (zoonoses e segurança alimentar), e importante componente ou pilar da economia, como parte do agronegócio: exportação de carnes e de outros produtos de origem animal, geração de empregos, participando do PIB, como visto antes.

**P. Há tempos, uma *Chef de cuisine*, afirmou, em veículo de abrangência nacional, que não serviu carne de frango para os atletas olímpicos do Brasil, receosa de que aparecessem resíduos de hormônios nos eventuais exames anti-doping, quando sabe-se que não se administra hormônios em frangos de corte. Uma declaração dessas, prejudica, enormemente, o consumo interno e as exportações brasileiras. O que o senhor aconselha em casos como esse?**

R. Mais uma vez, ficou evidenciado o desconhecimento a respeito de alguns procedimentos básicos da profissão veterinária.

O uso de hormônios e de antibióticos, como auxiliares na engorda de animais, já foi procedimento padrão no mundo inteiro e mais tarde, abolido totalmente ou usado apenas em casos especiais, fora da produção. No Brasil, isso foi conseguido graças ao importante e quase desconhecido, pela população, em geral, Serviço de Inspeção Federal (SIF). Ele é a garantia da qualidade das exportações de carnes, e assim deverá continuar, inclusive para as carnes destinadas ao consumo interno. O que é bom para os estrangeiros, tem que ser bom também para os brasileiros.

A segurança alimentar é uma das mais importantes atribuições do veterinário, e deve ser mais conhecida do público, em geral, incluindo os aspirantes a veterinário.

**P. Que conselhos o Professor pode oferecer a um candidato à profissão de médico veterinário ou a um jovem formando?**

R. A palavra “conselho” é um pouco forte. Os jovens gostam de seguir a máxima de Pitigrilli: “Não me dêem conselhos. Sei errar por

mim”. Por isso, não costumo dar conselhos e sim mostrar caminhos. A pergunta tem dois aspectos: o primeiro, quando uma pessoa é candidata à profissão e outro, quando já passou pelo curso de formação.

No primeiro caso, os jovens são motivados, em geral, pelo amor ou carinho que sempre tiveram pelos animais, principalmente, pelos os de estimação: como tratar bem deles, cuidar do seu bem estar, etc. A esses aspirantes à profissão, mostrar-lhes que, além dessa importante parte, existem dezenas de atividades para as quais os veterinários têm que estar preparados, por força de dispositivos legais ou das exigências da sociedade, como antes mencionado.

A profissão veterinária permite vôos intelectuais e/ou materiais, que nem sempre são conhecidos.

No segundo caso, o jovem terminou o curso de formação, e, em sua maioria, está preparado para ser médico veterinário, ou seja, cuidar da saúde dos animais.

Durante os anos do curso, ele recebeu, uma boa parte dos conhecimentos, que lhe permitirá escolher, depois de formado, entre dezenas de atividades que a sociedade espera dos formados, além daquelas relacionadas com a saúde animal. De acordo com as suas tendências ou condições (financeiras, familiares, etc. ) esse jovem deve, o mais rapidamente possível, buscar cursos, depois da graduação, de curto, médio ou longo prazo, para capacitar-se na especialidade escolhida. Nem sempre é fácil encontrá-los. Mas, graças aos modernos meios de comunicação, muitos deles podem ser feitos à distância, e por isso a maioria tem o título apropriado de “educação à distância”, ou seja, não presencial.

Para terminar: a juventude, formada ou não em veterinária, deve tomar conhecimento da importância e amplitude da profissão.

# Depoimento

Não houve no Brasil, durante o Séc. XX, um médico veterinário que fizesse tanto pela Medicina Veterinária Brasileira e Latino-americana quanto o prof. Milton Thiago de Mello, descendente de pernambucano e amazonense. Com uma vitalidade fantástica, mental e física, ultrapassou a barreira centenária de vida com invulgar capacidade, virtudes inerentes a poucos brasileiros de sua época.

Plagiando Camões: “Para tão longo amor tão curta a vida”, ele citou no seu livro;” O Poste de Cozumel II: “Para tão bela vida tão curto o tempo”.

Parece que essa longa jornada de 105 anos não passou em sua existência de vida profissional híbrida civil e militar. professor, cientista e acadêmico, reconhecida e condecorada pelas dezenas de placas, títulos, diplomas e medalhas no Brasil e no exterior, culminando com o prêmio John Gamgee, com medalha de ouro, galardão maior da Veterinária mundial concedida pela Associação Mundial de Veterinária, em Praga, 2013, a poucos veterinários do mundo.

“Gosto de ver o povo” ele afirma. “Do contato com o povo vem a energia que me rejuvenesce”.

Ele foi recebido por algumas autoridades mundiais como: o Papa João Paulo II, o Imperador Akihito, do Japão, a Rainha Elisabeth, da Inglaterra, e o presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, entre outros líderes mundiais famosos.

Quer por sua longevidade, quer por sua obra realizada é considerado o Médico Veterinário Brasileiro do Século XX .

Resende, 04 de fev de 2021

**Edino Camoleze - Cel. med. vet. militar, Membro-titular e Secretário da Academia Brasileira de Medicina Veterinária.**

## **A evolução da medicina veterinária**

**Nestes anos todos da primeira regulamentação da profissão, em nove de setembro de 1933, o veterinário brasileiro evoluiu muito, a partir de médico de animais, origem da profissão, há mais de dois séculos, em Lyon, na França. Dentre suas atividades atuais, ele é defensor da saúde humana e peça importante do agronegócio brasileiro, “Sem prejuízo de dezenas de atividades exigidas pela sociedade, em colaboração estreita com outras áreas, como medicina, agronomia, biologia e economia, desempenhando-as na prática veterinária, na pesquisa, no magistério e na política.”**

O Professor Thiago de Mello, prossegue: A interação com a sociedade vai desde o atendimento médico e bem estar dos animais de companhia, trabalho e produção de alimentos, até a garantia da qualidade desses alimentos: a segurança alimentar.

Nos dias de hoje, a saúde é constituída por um tripé: saúde humana – saúde animal – saúde ambiental, ou seja, uma única saúde. O veterinário atua nelas três: na saúde humana, combatendo, ou prevenindo as doenças de origem animal (zoonoses), e responsável direto pela qualidade dos alimentos; na saúde animal, com sua função inicial de médico dos animais e mais tarde, responsável pelo bem estar dos mesmos, e na saúde ambiental, cuidando dos animais silvestres, em seu ambiente natural ou em cativeiro, evitando também os possíveis efeitos nocivos, nas práticas criatórias sobre o meio ambiente.

O outro aspecto para o qual o Professor chama a atenção, é a participação do veterinário no agronegócio e suas relações com a sociedade.

Sabemos todos que o ser vivo tem duas atividades fundamentais: a alimentação – para manter o indivíduo – e reprodução. É óbvio, mas desejo acentuar que dessas atividades, para o ser humano, resultam, pelo menos as seguintes necessidades básicas: alimento – saúde – energia – matéria prima – transporte e habitação,

O veterinário é participante direto da satisfação das duas pri-

meiras. Ainda quanto as atividades do veterinário na alimentação, e na reprodução, convém assinalar que a população humana já superou os sete bilhões de habitantes. As projeções indicam que, dentro de aproximadamente 40 anos, alcançará nove bilhões, a maioria nos países em desenvolvimento, principalmente nos BRICS. Esses dois bilhões, em 40 anos, continuação da expansão demográfica, precisam ser alimentados, e receber uma saúde adequada.

Thiago de Mello afirma: Vejo com otimismo o futuro da profissão veterinária, no Brasil. O número de veterinários atuantes, permite antever que as ações quanto à uma única saúde e segurança alimentar, serão ampliadas com a capacitação dos profissionais.

Como empregar (no duplo sentido da palavra), adequadamente, para satisfazer as exigências da sociedade, os mais de 150 mil veterinários atuais e os que se formarão, anualmente, em mais de 400 cursos? Mesmo ampliando sua participação no tripé da saúde, ainda sobrarão veterinários, que deverão ter maior participação no agronegócio, principalmente no que se refere à produção e à qualidade dos produtos de origem animal. A qualidade, assegurada pela presença do veterinário em todas as etapas, da produção ao consumo, o que é sintetizado na expressão “do pasto ao prato”. A palavra pasto, no caso simbolizando a origem do produto, porque nem todos se originam do pasto.

Para ilustrar o futuro papel do veterinário no agronegócio, a partir do limiar brilhante, atual, o Professor destaca que o Brasil está na situação confortável de maior produtor de alimentos de origem animal, e que essa produção corresponde à parcela importante do PIB nacional, além de gerar milhões de empregos, diretos e indiretos. Por outro lado, a qualidade dos alimentos exportados é garantida pelo selo do Serviço de Inspeção Federal (SIF), e o SIF deve ser mantido, também para os produtos destinados ao consumo interno. “O que é bom para os chineses, russos, árabes e outros, tem que ser também para os brasileiros.”

Segundo Milton Thiago de Mello, o futuro da profissão veterinária no Brasil dependerá dos veterinários entusiastas, que continuarão e ampliarão o cumprimento das exigências da sociedade. Para isso, é indispensável o apoio de documentos legais, resultantes de iniciativas dos nobres colegas parlamentares, assessorados, quando

necessário, pelas entidades de classe, como a Academia Brasileira de Medicina Veterinária, e outras. A Academia reúne profissionais com experiência nas principais vertentes da saúde animal, humana, ambiental e no agronegócio (produção e qualidade de alimentos). Por isso, e por imposição do seu estatuto, tem obrigação de assessorar o governo nos assuntos relacionados à medicina veterinária. Apalavra governo tomada no sentido lato. incluindo, Executivo, Legislativo, e Judiciário.

# Pesquisa com animais de laboratório

Apaixonados ativistas, bem intencionados, mas nem sempre bem informados, irresponsáveis, baderneiros profissionais, de plantão, são os atores comumente envolvidos na defesa dos animais e que lutam pela suspensão total, definitiva e incondicional do seu uso na pesquisa biológica, aí incluídas as cirurgias de alta complexidade, a anestesia, o diagnóstico por imagem, de alta definição, os testes de inocuidade, os robôs que operam, os exoesqueletos, que permitem que os tetraplégicos voltem a caminhar, e os implantes eletrônicos, que devolvem a visão aos cegos, para citar alguns exemplos. Nenhum desses avanços seria possível sem o uso dos animais. Mas uso não é sinônimo de abuso, nem da aceitação de sacrifícios inúteis, desproporcionais e descabidos.

Como o nosso leitor não é um desinformado, nem muito menos um baderneiro, mas interessado em conhecer melhor esse assunto, ouçamos o que tem a nos dizer o nosso biografado, com sua longa experiência nacional e internacional. É a opinião de quem entende desse assunto, para esgotar a matéria, que de tempos em tempos, merece destaque no noticiário.

“A explosão de violência num laboratório, em São Paulo, no final de 2013, quando e onde vândalos travestidos de defensores dos animais libertaram cães, que eram mantidos para pesquisas médicas, merece comentários sensatos”.

A experimentação com animais em pesquisas, era, é, e será indispensável em benefício da humanidade (Nota do Autor: sem ela, não haveria vacina).

É claro que depois de alguns séculos, na medida em que novas tecnologias foram surgindo, a maioria das pesquisas com animais foi sendo desnecessária. “Entretanto, até que surjam outras novas tecnologias, algumas ainda são indispensáveis”.

Segundo Thiago de Mello, a maior parte das pesquisas tem como objetivo final a obtenção de algum benefício para a saúde humana, e também de algumas espécies de animais domésticos e silvestres.

Numa lógica que não se justifica, os oponentes da experimentação com animais, têm uma linha de pensamento absurda. Se o destino final é em benefício do homem, ou para algum dos seus animais, não se justifica o uso de animais de outra espécie. Esse raciocínio leva à conclusão de que tais experiências somente teriam valor se feitas no próprio homem, nos animais domésticos, ou silvestres, como objetivo final.

“Alguns ativistas mais extremados, recomendam que essas experiências sejam feitas em prisioneiros. Exatamente, isso foi feito pelos cientistas e médicos nazistas, com prisioneiros judeus. O símbolo desse tipo de atitude (absurda, desumana e covarde) foi o médico nazista Mengele.”

Sem os requintes sádicos dos nazistas, a indústria farmacêutica de alguns países têm usado cobaias humanas, principalmente pessoas de baixa condição financeira, geralmente da Turquia, de países da Europa Central e da Índia. Com esse raciocínio, chega-se à conclusão absurda de que é preferível fazer experiências no homem, com ou sem conseqüências perigosas do que num cachorro, coelho ou camundongo, diz o Professor, que prossegue: De longa feita, pesquisadores do mundo todo, preocupam-se com o bem estar animal.

Durante alguns anos, tive participação intensa no início do interesse pelo assunto, no Brasil, porque fazia parte do Comitê de Bem Estar Animal, da Associação Mundial de Veterinária, sob a liderança de Eli Mayer, já falecido. Em duas reuniões internacionais externei pontos de vista entre os dos defensores do bem estar animal a qualquer custo, e os dos pesquisadores usuários de animais.

No XXIV Congresso Mundial de Veterinária, realizado no Rio de Janeiro, em 1991 – prossegue Milton – como presidente da Comissão Científica, incluí na programação, pela primeira vez num congresso mundial, o bem estar animal, inaugurando numa plenária, com destacados veterinários, especialistas no assunto.

Muitas resoluções importantes foram aprovadas. Nos vinte anos após o Congresso, muitos grupos de veterinários formaram-se no País, completamente dedicados ao bem estar animal e seus desdobramentos: bioética, direitos dos animais, interação homem/animal, pesquisas com animais, etc.

O interesse pelo bem estar animal começou há mais de um século e meio, na Inglaterra, com o nome de anti-vivissecção – recorda o Professor Milton Thiago de Mello. Quase dois séculos de interesse e discussão sobre proteção contra crueldade, evoluiu para o que é hoje chamado de bem estar animal. A preocupação organizada sobre esse assunto, teve suas raízes no movimento contra a vivissecção, em meados do século XIX, antes da descoberta do uso generalizado dos anestésicos.

Vivissecção, sabemos todos nós, é qualquer operação feita em animais com objetivo de estudo ou experimentação. Há muitos anos, só é feita com anestesia geral.

A experimentação animal é um tema que tem profunda ligação com o bem estar animal e com a bioética. Os membros mais radicais das sociedades protetoras de animais são totalmente contrários a essa prática – afirma o Professor. Entretanto, os avanços da medicina preventiva e curativa, só foram possíveis graças ao uso de animais de experimentação, também chamados de animais de laboratório. Exemplo da sua importância é o fato da maioria dos prêmios Nobel de Medicina e Fisiologia, ter sido concedida a cientistas que usaram animais em suas pesquisas.

Sem a utilização de macacos não teria sido possível a Nicolelis alcançar os resultados das suas pesquisas inovadoras – de repercussão mundial - visando obter a interação cérebro/máquina, possibilitando a movimentação de paraplégicos, à distância, sem fios, apenas pelo pensamento.

Em defesa das pesquisas utilizando animais, o nosso biografado relata que mais de cinquenta cientistas importantes, da Alemanha e da Suíça, reuniram-se em Basel, em novembro de 2010, para divulgar o propósito das suas pesquisas e declarar que o assunto animal para pesquisa, nunca desaparecerá.

Esse ponto de vista é compartilhado por cientistas de importantes centros de pesquisa.

Cada país tem legislação apropriada associando a criação e a experimentação aos princípios éticos. Uma das medidas principais relativas à experimentação animal, é a existência de uma Comissão de Ética, nas instituições.

As controvérsias refletem a diversidade de interesses dos atores que se manifestam sobre os animais em pesquisa, e apontam para a fluidez da fronteira entre bem e mal informados.

Thiago de Mello, nos conta que um pesquisador de laboratório, que aplica os 3Rs, em sua área de pesquisa, é, necessariamente, bem informado para julgar se um projeto de pesquisa de conservação ambiental, que utiliza animais silvestres, é moralmente válido.

A Regra dos 3 Rs ou Princípio dos 3Rs é um princípio de bioética, desenvolvido em 1959, que foi descrito pela primeira vez por W. M. S. Russell e R. L. Burch visando a proteção dos animais no contexto de pesquisas científicas. São princípios orientadores para o uso mais ético dos animais em testes em sua área de pesquisa.

No Brasil, a utilização de animais na pesquisa, ensino e outras finalidades científicas está regulamentada pela Lei No. 11.794/2008 e outros dispositivos legais correlatos. O princípio ético que norteia a regulamentação brasileira é similar ao arcabouço regulatório internacional de proteção aos animais

Assim, a proteção do bem estar do animal de pesquisa e ensino não é mais uma escolha e sim uma obrigação legal no cenário internacional.

# Depoimento

É uma grande satisfação contribuir com o trabalho que se propõe o Jornalista e Médico Veterinário Luiz Octávio Pires Leal, membro titular da Academia Brasileira de Medicina Veterinária, de escrever a Biografia do Professor Milton Thiago de Mello.

Obrigo-me a forte poder de síntese. Fácil seria discorrer horas a fio, tal o número de feitos e fatos que testemunhei ao longo da caminhada que juntos percorremos. Não podemos esquecer que se trata de um “homem de sete vidas”, por ele mesmo enumeradas nos seis volumes do “Poste de Cozumel”.

Vou me ater apenas à narração de duas histórias:

1. Ainda estudante tive o privilégio de participar do VII Congresso Brasileiro de Veterinária (Recife – PE, 12 a 19/10/1957). Entusiasmado com o descortinar da profissão que havia escolhido, procurei aproveitar ao máximo aquele inesquecível evento, assistindo todas as apresentações e conhecendo os ‘monstros sagrados’ da Medicina Veterinária brasileira. Foi assim que assisti à apresentação do Tenente Coronel Veterinário Milton Thiago de Mello, sobre o tema “A Brucelose e sua profilaxia no Brasil”. Discorreu sobre a perniciosa influência da doença para a bovinocultura brasileira e apresentou as seguintes sugestões:

- Educação dos fazendeiros, técnicos e população em geral a respeito da brucelose.
- Inquéritos sobre brucelose em amostras representativas de gado.
- Medidas de profilaxia ressaltando a vacinação de bezerras.
- Legislação especial.
- Criação ou adaptação de organizações de controle.

Quase meio século depois, em 10/01/2001, as medidas preconizadas pelo Milton, em 1957, foram adotadas pelo Ministério da Agri-

cultura, com a implantação do Programa Nacional de Combate à Brucelose e Tuberculose dos Bovinos. Trata-se, portanto, de um homem muito à frente do seu tempo.

2. Esta é uma história recente. Milton ainda não havia completado 100 anos, mas estava próximo. Convidou-me para uma palestra que faria para os estudantes do Curso de Veterinária da Universidade de Brasília. Aceitei de bom grado e ainda ofereci 'carona'. Concluída a palestra, fomos com o Diretor do Curso e três estudantes tomar um chopp descontraído em um barzinho próximo à Universidade, onde se desenvolveu uma animada conversa. Temas técnicos e científicos se misturavam a causos hilariantes que se sucediam à medida que a cerveja ia 'descendo redonda'. Anedotas 'picantes' se tornavam mais 'apimentadas', à medida que a conversa fluía. De repente, atinamos para um fato que marcou aquele momento: naquela mesa de bar estavam reunidas, exatamente, quatro gerações de veterinários: o Milton, com quase 100 anos; eu, beirando os oitenta, o Diretor do Curso na faixa dos 50 e os estudantes em torno dos 20. Do grupo, o mais animado e que se igualava aos jovens, e às vezes os superava no bom humor, era justamente o velho Milton.

Este, o jeito de ser do Milton Thiago de Mello. De extrema seriedade no trato de assuntos científicos e administrativos, alegre nos momentos de descontração, um mestre em fazer amigos. E os fez, por onde andou, no seu amplo caminhar por todos os continentes deste nosso planeta. Eis, como revelou, o segredo da sua longevidade.

Em sua produtiva trajetória, extrapolou seu ideal de professor muito além das tradicionais salas de aula. E fez também nas conversas informais. Cientista respeitado pelas suas pesquisas, escreveu um notável capítulo da história da Medicina Veterinária. Impôs-se ao transpor obstáculos, ao transformar dificuldades em êxitos, ao colocar a nossa profissão em elevado patamar.

**René Dubois**

**Membro titular da Academia Brasileira  
de Medicina Veterinária**

## **A primatologia e a veterinária**

**A primatologia é um dos temas em que existe insuficiência de veterinários, segundo nos informa Milton Thiago de Mello, embora seja um campo muito amplo e diversificado.**

Os primatas não-humanos, comumente chamados de macacos, constituem um grande grupo de animais cujos representantes mais evoluídos, como os chimpanzés, gorilas e orangotangos (todos inexistentes no Brasil, em condições naturais) têm semelhança com os primatas humanos, até mesmo genética. Por motivo de simplificação, a palavra primata é geralmente usada para designar os primatas não humanos.

O Brasil é o país que tem maior número de espécies de primatas, segundo o especialista Thiago de Mello. Esse número está sempre crescendo, com novas descobertas, quando os pesquisadores se aventuram a penetrar nas florestas do bioma brasileiro, longe dos rios e das estradas.

As centenas de espécies brasileiras têm nomes populares diversos, conforme a região onde se encontram. As mais comuns, são: macaco-prego, sagui, bugio, macaco-de-cheiro, mico-leão e miqui.

Outras vezes as espécies são descobertas pelo exame de exemplares esquecidos em gavetas e armários dos museus, pelo mundo inteiro.

“O estudo dos primatas pode ser feito no seu ambiente natural, ou fora dele, em cativeiro, nos zoológicos, instituições de pesquisa, ou como mascotes. No primeiro caso, o foco principal é o estudo com vistas à conservação. No segundo, o uso para pesquisas médicas, embora cada vez seja menos usado.”

O interesse da Academia Brasileira de Medicina Veterinária pela primatologia vem de longa data. Sua primeira publicação, há mais de 25 anos, foi sobre esse assunto.

Uma pergunta comumente feita por pessoas interessadas em primatologia é onde estudar essa matéria.

Thiago de Mello, informa que são muitas as instituições brasileiras que têm os primatas como seu tema exclusivo ou nas quais esses animais têm lugar de destaque em pesquisas no ambiente natural ou fora dele. A maioria delas aceita pessoas interessadas para trabalho voluntário, estágios remunerados, ou não, além de bolsas de iniciação científica e outras formas de auxílio.

## Depoimento

No período de 15 a 17 de junho de 1998, participei do Primeiro Encontro de Veterinários Militares, que ocorreu em Brasília. Como civil, por respeitar muito os militares, foi uma enorme honra ter podido ministrar uma palestra sobre um assunto bastante polêmico naquela época, que foi o diagnóstico radiográfico de uma má formação articular, chamada displasia coxofemoral. Durante este evento tive o prazer e mais uma vez a enorme honra de conhecer o Prof. Dr. Milton Thiago de Mello, ele com seus 82 anos e eu com meus 46. Recordo-me da conversa que tive com ele ao passearmos pela vila hípica do exército, onde ele como Coronel me mostrava os cavalos, já que minha origem, como médico veterinário, havia sido a radiologia do cavalo de esporte, onde se explorava principalmente seu aparelho locomotor. Com minha razoável pouca idade naquela oportunidade, chamava-me muito a atenção, não apenas sua idade, mas principalmente sua disposição, jovialidade, bom humor, humildade e simpatia, relacionando-se comigo como um jovem, como se ele desconhecesse ou não se lembrasse da sua idade. Parabéns pela sua lucidez, que perdura até os dias de hoje com seus 105 anos, completados exatamente hoje, dia 05 de fevereiro de 2021, dia em que agradeço de coração por poder redigir estas palavras em sua homenagem. Foi seu “modus vivendi” em 1998 que o preparava para esta longevidade. Que Deus permita-lhe nos acompanhar por mais um bom tempo e assim possamos usufruir da sua imensa experiência de vida. Como deu para perceber, meu contato com o Prof. Dr. Milton Thiago de Mello infelizmente foi curto, mas suficiente para perceber suas virtudes, a ponto de querer conhecê-lo um pouco mais. Descobri que ele como pessoa gostava de amigos e que com eles tudo era motivo para comemorações. Aliás, quando perguntado sobre sua longevidade, citava estes fatores como segredos da sua longa vida, além de poder sonhar e se renovar sempre.

Como profissional sempre se alicerçou na ética. Grande conferencista nacional e internacional e como pesquisador e cientista internacional formou pesquisadores pelo mundo afora, obtendo o reconhecimento da comunidade científica mundial. Com seus altos conhecimentos técnicos capitaneou os programas de brucelose e aftosa no Brasil. Prof. Dr. Milton Thiago de Mello, que seu otimismo sirva de exemplo para as novas gerações e que seu legado faça deste país o maior celeiro do mundo e a potência que sempre nos foi prometida desde pequenos e que tanto sonhamos. Agradeço a Deus pela oportunidade de homenageá-lo.

**Edgar Luiz Sommer, confrade da Academia Paulista de Medicina Veterinária.**

# Alimentos para um mundo faminto

**Thiago de Mello, como todos nós, preocupa-se com o flagelo da fome brasileira e mundial, que tende a crescer.**

No livro “O Veterinário na Segurança Alimentar,” ele e o presidente da SNA-Sociedade Nacional de Agricultura, Dr. Antonio Mello Alvarenga Neto, escrevem sobre esse assunto, com o objetivo de demonstrar aspectos do impacto do aumento da população mundial na disponibilidade de alimentos.

A previsão é de que em 2050, a população mundial aumente dos pouco mais de sete bilhões para 9, 2 bilhões.

Alguns países são líderes na produção de alimentos, como Brasil, Estados Unidos, Nova Zelândia, Austrália e alguns países europeus.

No presente século, o Brasil assumiu importante posição como líder na produção de alimentos, não apenas para a sua população, mas também para exportação, para mais de cem países, inclusive China, Rússia e Oriente Médio.

Em menos de um século, o Brasil passou de importador de alimentos para exportador, em larga escala, com destaque para soja, açúcar e carnes.

Os autores afirmam que a perspectiva e o desafio para aumentar a produção, são grandes. Calcula-se que cerca de 40% das futuras necessidades de alimentos, resultantes do aumento da população mundial, serão provenientes do Brasil.

A produção de alguns alimentos, como frango e soja, tem sido explosiva, (e mais recentemente, a de suínos), passando de uma agricultura baseada previamente de “derrubar e queimar” florestas para o avanço de moderna tecnologia científica aplicada em muitos setores, como por exemplo: produção animal, segurança alimentar, cultivo de precisão, semeadura direta na palha, técnicas computadorizadas para adubação, irrigação, colheita mecanizada e utilização de áreas antes consideradas improdutivas.

Organismos geneticamente modificados são de uso corrente na produção de soja e de milho.

Na visão dos autores, espera-se que a criação de peixes de água doce, seja a próxima explosão na produção de alimentos (depois da do frango), com tecnologia moderna. Em alguns locais, grandes produtores estão substituindo o cultivo de soja pela aquicultura de espécies brasileiras de peixes de alto valor comercial.

Na enorme vastidão do território brasileiro, existem diversos biomas com áreas diferentes para produção de alimentos. Com a diversidade climática, secas e inundações podem ocorrer, simultaneamente, em diferentes partes do País.

O bioma Cerrado, com seus dois milhões de quilômetros quadrados, no Brasil Central, é a mais importante área para produção de alimentos, principalmente, gado de corte e soja.

O bioma Amazônia, com cinco milhões de quilômetros quadrados, na região Norte, representa quase 2/3 do território brasileiro, no qual caberia mais da metade dos países europeus.

Apenas parte relativamente “pequena” dessa enorme área está sendo usada para a produção de alimentos, principalmente em suas margens sul e leste, o chamado “arco de desmatamento”.

A segurança alimentar tem o apoio dos mais de 150.000 veterinários atualmente existentes.

## **Brasil: potência alimentar**

**Esta é uma mensagem de otimismo para a profissão veterinária brasileira como parte fundamental da saúde pública e do agronegócio, segundo o nosso biografado.**

O Brasil, com justos motivos, diz ele, é uma potência alimentar, e segue: Há vários anos, o País é um dos maiores produtores/exportadores de alimentos. Em destaque, os de origem animal, com o importantíssimo papel do veterinário. Mas muitos obstáculos, entretanto, impedem um maior e melhor desempenho da agropecuária brasileira: corrupção em esferas governamentais, ou não, falta de mão de obra qualificada, em vários níveis, burocracia exagerada e infraestrutura deficiente. Mesmo assim o País continua a bater recordes de produção e de produtividade.

Em alguns casos, até mesmo países do BRICS, necessitando dos nossos produtos, como a China e a Rússia, participam da melhoria da nossa infraestrutura (portos, estradas e ferrovias, por exemplo).

A importância dos alimentos para o mundo atual é parte de quatro necessidades básicas da humanidade: alimento – energia – habitação e matérias primas. A exigência torna-se aguda no momento, quanto à quantidade e à qualidade dos alimentos porque a população humana continua crescendo explosivamente, sobretudo nos países em desenvolvimento, inclusive no Brasil.

Neste caso, um bom exemplo, é a cidade de Brasília que em apenas 50 anos, saiu de zero para mais de dois milhões de habitantes. E a conseqüente ocupação, também explosiva, do Centro-Oeste, com o agronegócio.

A solução, nem sempre mencionada, para reduzir a explosão demográfica, é a planificação familiar em massa. Isto envolverá o uso generalizado de anticoncepcionais e até mesmo do aborto, em determinadas circunstâncias. Mas esse assunto é submetido a pressões políticas, religiosas e ideológicas, tornando-se um tabu.

De qualquer modo, a pirâmide populacional começa a modificar-se nos países mais desenvolvidos, inclusive no Brasil. Essa tendência poderá constituir um novo problema demográfico: o aumen-

to da quantidade de idosos no mundo inteiro. Antes, mais jovens e poucos idosos; no futuro, mais idosos e menos jovens.

Para chegar ao estágio de potência alimentar, o Brasil demorou cinco séculos, desde o descobrimento, quando Pero Vaz de Caminha, escreveu; “De tal modo a terra é graciosa que, em se plantando, dar-se-á nela tudo.”

Para isso, foram sendo ocupados, sucessivamente, diversos biomas, para a produção de alimentos. Inicialmente, a Mata Atlântica (vegetais), e o Pampa Gaúcho (gado). Posteriormente, pouco a pouco, parte do Cerrado junto à Mata Atlântica, no Sudeste, e mais recentemente, o Centro-Oeste e o Sul da Amazônia.

E o futuro? Provavelmente, outras partes da Amazônia, além do “Arco de Desmatamento” e também o Pantanal, e mesmo a Caatinga, uma vez corrigida a sua suposta infertilidade, como vem acontecendo em pleno sertão de Pernambuco, perto de Petrolina, com imensos cultivos de frutíferas, inclusive de uvas, para consumo e produção de vinhos. Nesse caso, o principal fator limitante era a água, o que foi contornado através do Rio São Francisco.

No caso do Cerrado, a ocupação dos seus dois milhões de quilômetros quadrados, foi efetuada a partir do Sudeste, para o Centro-Oeste. Mais recentemente, investiu para o Norte, na fronteira quádrupla, Maranhão – Piauí – Tocantins – Bahia, o novo Eldorado Pecuário. Praticamente todo o Cerrado está sendo ocupado pela agropecuária, principalmente no Centro-Oeste.

O grande fator para essa verdadeira marcha para o Oeste foi a construção de Brasília, em pleno Cerrado,

A ocupação dos biomas seguiu uma evolução natural. Os indígenas colhedores, caçadores e pescadores da época do descobrimento, obtinham tudo ao alcance da mão, como seus antepassados de milênios, das cavernas, ou por meio de técnicas e utensílios rudimentares: enxadas e pás de madeira, armadilhas, flechas, tacapes, lanças e zagaia.

Com o aumento das populações indígenas, exauridas as terras ou diminuídos os peixes e caças, mudavam-se para outros locais. Daí o nomadismo e a necessidade de grandes extensões de terra. Isto não ocorre atualmente, na maioria dos casos.

O descobrimento, com novos cultivos e criação com tecnologia européia, e a introdução de elementos de outros continentes como gado, cana e café, permitiu a fixação das populações.

Durante muitos anos, as atividades dos colhedores, caçadores e pescadores, continuaram quase iguais, agora com o nome de extrativismo. Contudo, este não é suficiente para alimentar a população urbana em crescente aumento. Daí a produção em larga escala comercial, tecnificada. Atualmente, a maior parte dos alimentos produzidos no Brasil, para uso interno, ou exportação, é obtida com tecnologia moderna, importada, ou, em grande parte, resultante de pesquisas locais, realizadas no último meio século, principalmente pela Embrapa.

Aspecto mais recente da produção em massa, é a preocupação com o bem estar animal, como no caso dos bovinos (abate humanitário), suínos (celas de gestação) e frangos.

No caso do Brasil, o futuro a curto prazo será a tendência para o consumo de peixes (produzidos em grandes volumes pela aquicultura) que, inevitavelmente, substituirão as carnes de animais de sangue quente.

Atualmente, a carne de peixe ainda é cara por ser obtida, em sua maior parte, no Brasil, quase artesanalmente, com anzol, ou em embarcações precárias e redes puxadas a braço.

Percebe-se que empresários da indústria de alimentos começam a pôr seus olhos e dinheiro nesse futuro mais do que promissor, corrigindo o absurdo de o País ter a maior massa de água doce do mundo e uma costa atlântica de milhares de quilômetros, e ser um dos menores produtores de pescado, em nível mundial.

A criação de peixes em massa (tilápia, tambaqui, pirarucu e outros), ainda está no início, e o preço do pescado, diminuindo.

Em resumo: o Brasil continuará como potência alimentar, com expansão mais lenta da fronteira agropecuária, graças à melhora da produtividade e da qualidade dos alimentos. sob o amplo guarda-chuva da segurança alimentar. E para esse futuro promissor, segundo a previsão do Professor Thiago de Mello – muito contribuirá o trabalho dos veterinários.

## Depoimento de William Gomes Vale

Sempre tive uma grande consideração pelo Prof. Milton e essa amizade foi se consolidando pelos inúmeros contatos que tivemos, em especial quando ele visitava Belém e em Congressos e Encontros.

Ele como sempre gozador e sarcástico, me chama de Guilherme o apodo ou significado de William em Português Lusitano. E eu rebato chamando-o de SIR, EXCELÊNCIA, GRANDE MESTRE, enfim um bate papo alegre e amigo.

Sempre a nossa conversa variava e varia sobre fatos relacionados a Medicina Veterinária no tempo que ele cursou a Escola de Veterinária do Exército Brasileiro, bem como sobre a história da Medicina Veterinária no mundo.

Ele sempre me faz perguntas sobre a Alemanha e como foi a minha vida de estudante de Doutorado naquele país.

Sobre o meu conhecimento de línguas ele me goza dizendo que eu falo Alemão Aufwiedersehe, Francês petit pois e Inglês do Cais do Porto.

Assim, tenho pelo Prof. Milton uma profunda admiração, pela sua alegria de sempre, otimismo, conhecimento de nossa Profissão e cultura geral.

Assim, posso afirmar, que muito me honra fazer parte de seu círculo de amizade.

**William Gomes Vale, Acadêmico. Membro da ABRAMVET - Academia Brasileira de Medicina Veterinária**

# Mudança dos hábitos alimentares

A domesticação dos animais para a produção de alimentos foi uma grande conquista da humanidade. Inicialmente, os bovinos, pela qualidade dos seus produtos (carne e leite) – destaca o nosso biografado – docilidade, tamanho, e, principalmente por se alimentarem de plantas de várias espécies, existentes por toda a parte – as pastagens. Bastava soltar vacas e touros no campo, e, quando necessário, capturar e abater alguns. Um bônus importante era o leite e ainda o couro para vestimentas e abrigos. E os ossos serviam para preparar instrumentos e armas. Uma espécie ideal!

Durante milênios, isso ocorreu principalmente na Europa, como atestado por documentos e pinturas rupestres das cavernas de Lascaux, descobertas na França, em 1940, e de Altamira, na Espanha, em meados do século XIX.

Noutras regiões do globo, onde a influência européia não chegava – conta Thiago de Mello – a proteína de carnes era obtida, predominantemente, de modo extrativista, de animais terrestres (cervídeos, javalis, gansos, etc. ), ou aquáticos (peixes). Em algumas regiões mais adversas para bovinos, criavam-se caprinos.

Durante muitos séculos, os bovinos eram praticamente os únicos fornecedores de proteínas de origem animal, na Europa. Os romanos os chamavam de pecus – daí a expressão pecuária. Com o tempo, as palavras pecuse agri, significando vegetais cultivados (agricultura), resultaram em agropecuária, esta, por sua vez, englobando vegetais e animais produtores de alimentos.

Só mais recentemente, na história humana, os suínos e aves foram criados para a produção de alimentos, além dos caprinos e ovinos.

A permanência do boi como produtor de alimentos nobres – prossegue o Professor – teve seu preço (no duplo sentido da palavra). Não basta mais soltar os animais no pasto natural, o chamado “boi clorofilado”. É necessária uma série de medidas para que a produção alcance o consumidor, todas com custos: cuidados veterinários

(ações preventivas e curativas), suplementos forrageiros, e, principalmente, terra para pastagens, com isso, derrubando florestas.

A explosão criatória de bovinos no Brasil, está acontecendo principalmente no Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Tocantins).

Acrescente-se que entre os animais produtores de alimentos, os bovinos são os que têm menor taxa de conversão (a resultante do que ingere em relação ao que produz). Por tudo isso, a carne bovina é mais cara do que a de frango, por exemplo, forçando as pessoas de baixa renda a modificar seus hábitos alimentares para carne de frango, uma inversão do que ocorria no passado, quando galinhas eram consumidas apenas nos domingos e em datas festivas, por serem mais caras.

Até o início do século XX, o consumo de carne bovina era preponderante em todo o mundo. As faculdades de veterinária resumiam o assunto na disciplina Inspeção de Carnes, englobando com a palavra outros produtos, como carne suína, de frango, e os subprodutos, leite e ovos.

No caso do Brasil, as primeiras escolas de veterinária (1910) tratavam exclusivamente da Inspeção de Carnes, disciplina ministrada por médicos, pois ainda não havia veterinários.

Grande destaque para os dedicados professores médicos Armando Alves Rocha e Franklin de Almeida, que baseavam as suas aulas na contribuição dos veterinários franceses. Isso, antes da Primeira Guerra Mundial.

As pastagens nativas do Rio Grande do Sul, extensão do pampa argentino e uruguaio, permitiram a excelente criação extensiva de gado de origem européia, sem maiores cuidados, a não ser contar, marcar e vender para as charqueadas e posteriormente para os frigoríficos de origem estrangeira.

A maior parte da produção destinava-se à Europa. Foi um tempo de glória para os pecuaristas do pampa gaúcho.

Pelotas era o centro dessa explosão de desenvolvimento regional, e o porto do Rio Grande, escoava a carne – charque ou frigorificada – para a Europa.

Posteriormente, entrou no Brasil o gado zebu, disseminando-se no Centro-Oeste.

Diminuindo o abastecimento de carne bovina para o País – prossegue Thiago de Mello – logo apareceram, paralelamente, ainda no Sul, grandes criações de porcos, posteriormente de galinhas para carne e ovos e, recentemente, a explosiva criação de frangos de corte, pelo Brasil inteiro. Assim, a carne de frango sobressaiu, apesar da exigência de maiores cuidados necessários para a sua produção em larga escala. E mesmo com despesas maiores, acabou tornando-se mais barata do que a de bovinos e de suínos.

A produção em larga escala é utilizada há milênios no caso dos peixes – destaca o Professor.

Os oceanos e mares constituem 71% da superfície do globo.

Apesar da extração milenar dos peixes, efetuada mesmo na época atual, eles ainda constituem massa importante de proteína nobre. Além disso, os peixes de água doce (rios, lagos e represas), são intensamente capturados para alimento, também há muito tempo.

O Brasil tem o privilégio de uma costa atlântica de milhares de quilômetros, e possui a maior quantidade de água doce do mundo em seus rios e lagos. A conclusão lógica é que o País deveria ter boa colocação em nível mundial, para o aproveitamento dos peixes nessa imensidão de água salgada e doce. Mas não é isso o que acontece.

Nosso país ocupa um dos últimos lugares em relação à produção de peixes. E tendo em vista a natureza extrativa da pesca brasileira, os peixes ainda são relativamente caros. Mas tal situação está sendo modificada rapidamente, ao menos para os peixes de água doce.

Por todo o País, estão sendo estabelecidos criadouros modernos, graças às pesquisas sobre genética, reprodução e criação, realizadas por diversas entidades, com destaque para a EMBRAPA. Em consequência, pode-se prever que em breve a carne de peixe fique mais barata do que a das espécies terrestres.

Essas fazendas de peixe já estão dando resultado, com a redução do preço de algumas espécies, como a tilápia, criada em larga escala em todo o País.

Outro aspecto em relação à mudança de hábitos alimentares diz respeito aos “fastfoods”, que dominaram a dieta mundial a partir das últimas décadas. A parte negativa é que eles conduziram à obesidade global, com conseqüências danosas para populações inteiras.

Outra tendência atual, segundo o nosso biografado, “é mais um modismo”: a chamada dieta vegetariana, que embora possa ser conveniente para os adultos, é contra-indicada para indivíduos na fase de crescimento, que necessitam de proteínas de origem animal.

## **Destques**

A seguir, alguns destaques, sob a forma de pílulas de sabedoria do Professor Thiago de Mello, que poderão ser do interesse dos leitores.

*Para proclamar seu valor e conhecer a si mesma, a profissão veterinária deverá estar atenta para a reorientação da qualificação de seus componentes.*

*A fome mundial, como previu Malthus, caminha para patamares preocupantes, o que a FAO não cansa de repetir.*

*A segurança alimentar é uma das mais importantes atribuições do veterinário, e deverá ser mais conhecida do público, incluindo o aspirante a veterinário.*

*É importante enfatizar que o Brasil está na situação confortável de maior produtor de alimentos de origem animal.*

*Durante alguns anos, tive participação intensa no início do assunto porque fazia parte do Comitê de Bem estar Animal, da Associação Mundial de Veterinária.*

*A preocupação organizada pelo bem estar animal teve suas raízes no movimento contra a vivisseção, antes da descoberta dos anestésicos.*

*Não podemos esquecer que há mal informados e mal formados e até mesmo irresponsáveis, entre usuários, produtores, técnicos, cuidadores e fornecedores de animais.*

*Há vários anos, o Brasil é um dos maiores produtores e exportadores de alimentos, com destaque para os de origem animal e para o importantíssimo papel dos veterinários,*

*A segurança ou a inocuidade dos alimentos terá a garantia secular e eficiente do SIF – Serviço de Inspeção Federal, ou seus equivalentes estaduais e municipais.*

*A moeda do futuro será o alimento, e toda produção de alimentos de origem animal necessitará de veterinários qualificados.*

*O Ministério da Agricultura e a indústria exportadora de carnes, pretendem que as exigências atendidas pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF), sejam as mesmas para os respectivos serviços de inspeção estaduais e municipais.*

*A tecnologia atual permite recuperar as grandes áreas de terras virgens abandonadas. Mas não basta distribuí-las aos sem terra, sem infraestrutura.*

*O Brasil é famoso pelo seu grande rebanho bovino criado a pasto, o chamado boi verde ou clorofilado.*

*Numa escola ideal, que já está chegando, os chamados conhecimentos básicos ou teóricos, atualizados e corretos, serão obtidos por meio dos recursos da era digital.*

*A Veterinária no Brasil, e, em particular, a Sociedade de Veterinária do Rio Grande do Sul, nasceram motivadas por duas situações: transporte hipomóvel e criação de animais para carne.*

*Era inevitável que, para a formidável indústria de charque, houvesse a necessidade de veterinários qualificados.*

*Um dos motivos para deter-me no pioneirismo de Pelotas no ensino da Veterinária no Brasil, é o de penitenciar-me pelo fato de em muitos escritos não ter dado a importância devida a esse fato.*

*A Academia Brasileira de Medicina Veterinária não quer viver apenas do passado. Deseja participar do futuro da profissão, e para tanto tem certeza de que poderá contar com a colaboração dos 150 mil colegas espalhados por todo o território nacional.*

## O Poste de Cozumel

**Thiago de Mello, conta que, depois de uma conferência na cidade do México, estava no majestoso Teatro de Bellas Artes, assistindo ao espetáculo para turistas, com músicas regionais envolventes, e a magia das vestimentas volteando nas danças. “Tudo mais ou menos “d’jà vu”, até que, após um ligeiro apagar das luzes, surge o “Poste de Cozumel.”**

Faixas de cores vibrantes presas ao topo de um poste, eram agitadas em círculos por moças e rapazes em trajes típicos de Cozumel (pequena ilha em frente a Cancun, na Costa Maya Mexicana, Península de Yucatán).

“O ritmo da música e o agitar das faixas fizeram-me despertar do semi-torpor em que me encontrava”. Também recordei - conta o Professor - que na minha infância vira coisa semelhante nas festas de escola nos subúrbios do Rio de Janeiro.

Ao mesmo tempo, as faixas coloridas iam se enrolando no poste, entrelaçadas pelos ágeis dançarinos ao ritmo cadenciado da música.

“Súbito, veio a idéia de que cada faixa poderia representar uma das minhas muitas vidas. Coloridas, dançando ao ritmo da música, a flagrante amizade e sintonia dos dançarinos, mas principalmente entrelaçamento das faixas, até chegar ao “granfinale” do poste, decorado, multicolor, com os dançarinos ao redor.”

“A idéia de fazer um resumo das fases da minha vida, relacionando-as com as faixas do Poste de Cozumel, não saiu mais da minha cabeça.”

“Os anos foram passando, e na balbúrdia dos últimos tempos, com muitas faixas entrelaçadas, o início do relato foi sempre adiado”.

Thiago de Mello explica que a decisão para que as faixas fossem em número de sete, cada uma simbolizando atividade importante, foi o resultado, nem tanto da significância de cada uma, e sim da variedade. Aparentemente desconexas (as diferentes cores), entre-

laçam-se ao longo de um poste de mais de um século: uma vida multicolorida, e, acompanhando a vida, pessoas, lugares e instituições.

Diferentemente do Poste de Cozumel, as sete faixas não partiram de um único ponto no topo, e sim foram nascendo em alturas (épocas) diferentes. No final, entretanto, “os bailarinos encontram-se segurando as pontas das faixas, formando uma base de pessoas num círculo colorido, ainda que algumas das extremidades das faixas ainda trepidem.”

As atividades das faixas, muitas vezes foram simultâneas – ele esclarece – a família permeando todas, embora em certos períodos, um pouco descuidada.

“Três atividades, muito ao gosto geral, pouco me interessaram a ponto delas participar: religião, esporte e política. Esse pouco resumiu-se à leitura compulsiva sobre religiões, na juventude (inclusive espiritismo), e participação como jogador de basquete (muito diferente do atual), na adolescência, e nos primeiros anos de adulto. Nada de política. Essa ausência de interesse não impediu de, esporadicamente, testemunhar fatos e ter contatos, ou conviver com pessoas a ela relacionadas.”

“A simultaneidade de variados temas das faixas tem sido uma característica permanente até hoje, enquanto cérebro e físico permitirem. Em certa ocasião, todos os temas das sete faixas, ao mesmo tempo, com as respectivas responsabilidades. O que me fez dizer que tinha 22 funções (o que era próximo da verdade), e 48 chefes, um exagero, significando, figuradamente, que cerca de meia centena de pessoas tenham influência sobre minha vida: superiores, colegas, e subalternos, ou professores, colegas e alunos. O resumo do “Curriculum Vitae”, permite perceber as numerosas atividades. Foi quando, já um pouco fatigado, beirando meio século de existência, tive a oportunidade de abandonar a maioria delas e concentrar a vida em apenas duas: científica e internacional. Aconteceu quando fui para os Estados Unidos efetuar pesquisas sobre brucelose, na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Uma porção pequena da faixa familiar esteve representada, durante alguns meses, pela minha filha Vera Lúcia. E o primeiro casamento desfez-se.”

“Eis que, saindo do nada, um taxista no Rio de Janeiro, enquanto eu falava com Vera Lúcia sobre o projeto Cozumel, puxou conversa

e mencionou que sua filha participara de uma festinha escolar com uma dança de faixas coloridas num poste. E o taxi corria pelo Aterro do Flamengo, com minha filha sentada atrás. O motorista, satisfeito com a minha atenção, com uma das mãos desentranhou do seu baú ambulante do painel uma engenhoca moderna, e em pleno Aterro, mostrou a dança que ele filmara na festa escolar, com música e tudo. As vestes coloridas, a música, o poste, os dançarinos, o entrelaçamento das faixas, e tudo numa festinha escolar num subúrbio do Rio de Janeiro, nas vésperas do Natal, como na minha infância. Tremenda coincidência, murmurou lá de trás, a minha filha: nada acontece por acaso.”

“Realmente, era o que faltava para deslanchar o início da história que, ao contrário dos “Cem anos de solidão”, de Gabriel Garcia Marques, foram cem anos na companhia das mais diversas categorias de pessoas sobre assuntos entrelaçados, desde o nascimento até os cem anos de idade.”

Como o Professor, conseguiu, em poucos capítulos, relacionar as faixas do Poste de Cozumel?

Ele conta que há tempos havia decidido que seriam apenas sete faixas, com suas franjas ou ramificações entrelaçadas. O número seria esse, ao relembrar, instintivamente seu simbolismo milenar, até considerado número místico.

No caso do seu Poste de Cozumel, as sete faixas, seriam: \*Família - \*Exército - \*Veterinária - \*Ciência - \*Ensino - \*Sociedade - \*Vida internacional.

As atividades das faixas muitas vezes foram simultâneas. Com suas muitas ramificações entrelaçando-se, com a dança dos anos, em ritmo às vezes frenético, às vezes mais lento, vão passando pessoas, locais, e situações diversas, tentando conservar o bom humor e a fraternidade, e tratando as pessoas pelo que elas são “por debaixo da pele”, um dos meus bordões atuais.”

Ele continua, afirmando que a parte superior pode ter cores diversas (branca, negra, parda, amarela), lisa ou rugosa. Acima delas, as roupas, de andrajos a uniformes reluzentes, togas, batinas, aventais, e debaixo disso tudo está o ser biológico, o ser humano.

“Embriagado pela luz da lua refletida nos milhares de braços do delta do rio Amazonas, entre Macapá e Breves (na Ilha de Marajó), refleti muito num retrospecto de vida. Na fresca brisa da meia-noite e da madrugada, no convés de deteriorado gaiola, enquanto todos dormiam em suas redes multicoloridas, decidi colocar em ordem o que há muito vinha sendo cogitado por mim e solicitado por muitos. Pouco a pouco foi sendo cristalizada a idéia de autobiografia, que todo idoso tem vontade de escrever. Ao contrário da opinião de Mário Quintana: Em vez de “Minha vida é um romance – a minha vida não foi um romance.” Assim, nesse ambiente de água de espelho, iluminada pela lua, ouvindo o ronco do motor, foi feito o chamado às raízes, depois do estalo místico do Jalapão”.

“Mas, de repente, sou surpreendido pela notícia de que o meu jovem amigo (86!) Luiz Octavio Pires Leal, médico veterinário e jornalista, tomou para si a tarefa de escrever a minha biografia, com o risco de, como fazem os amigos, exagerar nas minhas supostas qualidades.”

Parêntese à parte, continuemos ouvindo o nosso biografado.

Ele nos conta que os cursos que organizou para jovens que desejavam conhecer as realidades da Amazônia, do Cerrado e do Pantanal, foram mais úteis para ele do que para os alunos. E afirma que “é dos jovens que obtenho a energia com que me movimento e me movimente durante tantos anos. Por isso, pela diversidade de temperamentos e de inteligências dos jovens com os quais lidei durante décadas, como professor ou pesquisador, deles adquiri qualidades que foram incorporadas à minha personalidade. Assim, fui recebendo adjetivos que me qualificam com virtudes ou defeitos, ao proceder de maneira aparentemente original. Impressionado com isso, resolvi, dentro do método científico mais primitivo, anotar esses qualificativos. Ao longo dos anos, escrevi em uma ficha, dezenas deles. Um dos últimos, foi durante a Feira Agropecuária Agrotins, em Palmas, no Tocantins, dito pelo antigo ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues: Esse homem é um farol que ilumina os caminhos que vocês devem seguir. Assim, de faroleiro, passei a farol.”

Segundo Thiago de Mello, a dimensão da diversidade do ser humano quando em contato com a natureza é impressionante. “Inicialmente, existe nos participantes, um conflito entre o aprendido,

outorgado pela civilização e o chamado da natureza. Todos os sentidos que estavam até certo ponto, adormecidos, entram em ação. Por último, a entrega total às raízes biológicas, evidentemente com os freios impostos pelas regras civilizadas, quando possível. Como é fantástico ver nos olhares iluminados ou perdidos, essa volta às raízes. O nascer do sol e da lua, o cheiro da floresta, os ruídos do vento, e o canto das aves. As montanhas, as areias, as chuvas, a maresia, o barulho das ondas e das cachoeiras. As comidas locais da subsistência ou sobrevivência. Pouco a pouco, modificam-se hábitos e conceitos. Ninguém é mais a mesma pessoa depois de mais de dois meses dessa volta às origens. Amizades e laços, fazem-se e desfazem-se. No fundo, é sempre a mãe natureza a Alpa Mama dos incas equatorianos, protetora das plantas, dos animais, dos homens, enfim, dos seres vivos, que ordena vidas. ”

“Também não pude fugir dessa volta às origens, principalmente por ter sido minha avó uma índia das barrancas de Santarém – a Dona Leonilia, a quem sempre recorro inventando conselhos que a ela atribuo.

Noutras noites, de igual provocação, os sentimentos mais íntimos, também vagaram, mas em desordem, não como agora.

Até então, lépido e fagueiro, desfilava minha juventude nonagenária em congressos, aulas, cursos, academias, rodas de intelectuais e de uísque, sem que nada de bom ou de mau me penetrasse, como costumava dizer ao meu dileto amigo Manuel Pereira Leite de Almeida, quando ele era Reitor da Universidade Federal Fluminense. Assim, minha vida flutuava num mar de rosas, com ou sem os espinhos, ou como a rolha de cortiça, que, das Águas Emendadas de Brasília, poderá ir tanto para Belém, como Buenos Aires. ”

“De repente, saindo do nada e a ela voltando, comentários escassos e muitos não ditos, fizeram-me ter nova concepção de vida. Já não era sem tempo. Fim da primeira etapa, aos 90 anos. Início de nova, com tempo indeterminado. ”

“E a lua continuava iluminando a água e os pensamentos. O jovem espírito de 25 anos, até então preso à matéria de 90 anos, ficou livre. Serão dois companheiros agindo independentemente. Passaram-se mais 10 anos e o livro não saía”.

“Decidido que o livro seria escrito, ele deveria ter um título. Durante anos, debati-me quanto ao mesmo – “precisa ser original. ” Um deles, seria um dos meus bordões preferidos: “É preciso ser meio maluco” (para fazer o que tenho feito). Comentário de um dos meus filhos: “O que vem a ser meio maluco?” Boa pergunta para quem tem mãe psiquiatra. Outros títulos foram sendo propostos. “Poderia referir-se aos acontecimentos em períodos de tempo. Por exemplo, períodos de sete anos. Dai nasceu Heptênios. ”

Quando o Professor comentou com uma pessoa sobre esse possível título, ela pensou em epitênio, e não sabia o que era isso, pois essa palavra não existe, e muitos também não sabiam o que era heptênio. Seus conhecimentos saltavam de quinquênios para decênios. Decidido: seria Heptênios – original mas demasiadamente curto e chocante. Como sair desse título extremamente sintético? “Porque não juntar os períodos de sete anos com linhas de atividades? Assim foi feito. Encadeadas mas aparentemente muito distintas quando vistas isoladamente. Poderiam ser divididas em períodos de aproximadamente sete anos, mas não coincidentes. Ficaria muito confuso.”

E o nosso biografado, prossegue afirmando que o universo é gerido em base sete, ao contrário da base 10 à qual nos habituamos, principalmente pela adoção do sistema métrico decimal. Assim foi com a criação do mundo, feito por Deus, em sete dias. Muitos exemplos existem dessa simetria heptâmera.

Segundo a Bíblia, Deus descansou no sétimo dia da Criação. Em algum momento da História, foram escolhidas as sete maravilhas do mundo antigo. Existem sete orifícios na cabeça de um ser humano: dois olhos, dois ouvidos, duas narinas e uma boca. No Antigo testamento, os israelitas circulavam durante sete dias em torno de Jericó, até que as muralhas caíssem. A Igreja Católica tem sete sacramentos: batismo, crisma, eucaristia, comunhão, matrimônio, ordem e extrema unção. A tradição muçulmana conta que Maomé cruzou sete paraísos diferentes, antes de encontrar-se com Alá.

Ainda na tradição islâmica, os muçulmanos, em peregrinação à Meca, devem fazer sete voltas em torno da Kaaba (pedra sagrada que se encontra no centro do lugar mais sagrado do Islã).

São sete as notas musicais de uma escala maior (dó, ré, mi, fá, sol, lá, si).

A semana é composta de sete dias.

O cinema é chamado de a sétima arte. Quais são as outras? A música, a dança, a pintura, a escultura, a literatura, e o teatro.

Na tradição hindu, uma serpente (kundalini) deve subir através de sete pontos mágicos, chamados chacras.

No Novo Testamento, Pedro pergunta a Jesus: “Senhor, quantas vezes devo perdoar meu irmão: sete vezes? E Jesus responde: “Na verdade vos digo, não sete vezes, mas setenta vezes sete” (Mateus, 18;21-22).

Na astrologia tradicional, são considerados sete corpos astronômicos: Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno.

Uma das mais conhecidas histórias infantis chama-se Branca de Neve e os Sete Anões.

Cada fase da Lua, dura, aproximadamente, sete dias.

No sétimo ano do milênio, “já falei, neste espaço, sobre os sete pecados capitais: soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça, e as sete virtudes cardinais: fé, esperança, amor, sabedoria, justiça, coragem e equilíbrio.”

Também são sete as cores do arco-íris e as cartas do apocalipse.

“Quando despertei do sonho no Palácio das Belas Artes, no México, ao ritmo da dança do Poste de Cozumel, a idéia de um livro, em que a minha vida estivesse representada por faixas, tomou forma e logo duas delas se destacaram: veterinária e ciência.

# O Veterinário Cientista

**O Professor Milton Thiago de Mello tem tido uma vida produtiva notável, na ciência e no ensino.**

Seu primeiro contato com a profissão veterinária foi na Escola de Veterinária do Exército (1933).

Nos mais de 80 anos seguintes, ele fez e continua fazendo importantes contribuições para a ciência e a profissão veterinária, tanto em nível internacional, como no Brasil. Por esse motivo, tem recebido numerosas distinções.

A Associação Mundial de Veterinária o elegeu Membro Honorário, em 1993, reconhecendo seu trabalho na área. Nos vinte anos seguintes, ele permaneceu em franca atividade, realizando pesquisas com primatas, coordenando e acompanhando cursos para graduados sobre conservação do meio ambiente e animais silvestres na Amazônia, participando ou organizando congressos nacionais e internacionais sobre ciências veterinárias, ensino, animais de laboratório, conservação da vida silvestre, bem estar animal e segurança alimentar. E ainda teve tempo para formular convênios de cooperação sobre ciências veterinárias entre Brasil e China (medicina tradicional chinesa, acupuntura, e aquicultura), com diferentes instituições. Com a França (Escolas de Veterinária de Alfort e Lyon); Alemanha (Escola de Veterinária de Hannover, Instituto von Ostertag), e Inglaterra (Museu de História Natural).

O Comitê Francês da Associação Mundial de Veterinária outorgou-lhe a Medalha de Honra, e o Comitê Brasileiro da Associação Mundial de Veterinária, uma Placa de Honra. O Comitê de Bem Estar Animal, da Associação Mundial de Veterinária, concedeu-lhe o título de Membro Honorário. A Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, concedeu-lhe a Grã Cruz da Ordem do Mérito Veterinário, e a Sociedade Mundial de Epidemiologia Veterinária, o Prêmio James H. Steele.

Posteriormente, a mais alta distinção da profissão veterinária, o Prêmio John Gamgee, lhe foi outorgado durante o 31º. Congresso Mundial de Veterinária, em setembro de 2013, em Praga.

O professor Milton foi funcionário regional ou consultor em diversas oportunidades, para agências das Nações Unidas, como a FAO, WHO e PAHO.

Na Organização Mundial de Saúde (OMS), em função das suas pesquisas de muitos anos, sobre brucelose humana e animal, foi Membro do Comitê-Conjunto FAO/WHO, de Peritos em Brucelose, com sede em Genebra, na Suíça, de 1957 a 1972.

Com a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), foi consultor a curto e médio prazos, em numerosas ocasiões, por suas pesquisas sobre brucelose, peste bubônica, primatologia e ensino em veterinária. Também por isso, foi-lhe outorgada uma Medalha de Honra, em 2002.

Na Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentos (FAO), além da participação no Comitê de Peritos em Brucelose (FAO/WHO), foi consultor a longo prazo sobre Ensino Veterinário e Laboratório Veterinário, na República Dominicana (1960 a 1974).

Para alcançar esse status, o Professor Milton teve um importante passado em trabalhos de campo e de laboratório. Inicialmente, nos laboratórios muito bem estruturados do Exército Brasileiro, da Escola de Veterinária do Exército, do Instituto Militar de Biologia, e mais tarde, no Instituto Oswaldo Cruz (atual FIOCRUZ).

Durante esse período, ele adquiriu a firme compreensão de que existe somente uma saúde, humana e animal. Mais tarde, a saúde ambiental foi acrescentada.

Durante seu curso de graduação, nos tempos livres, Thiago estagiou no Laboratório de Microbiologia da Escola de Veterinária do Exército. Essa Escola foi a primeira fundada no Brasil para ensino veterinário (1910). Desde o início, recebeu orientação de uma Missão Militar Francesa, com veterinários especialmente treinados no Instituto Pasteur de Paris, porque um dos objetivos da Escola era formar veterinários militares para combater os surtos de mormo que ocorriam nos cavalos e nos soldados: uma zoonose típica.

Naquele tempo, como não havia veterinários brasileiros, a maioria dos professores era constituída por médicos, e os exemplos eram de medicina humana.

Depois de quatro anos de curso, o jovem veterinário tinha uma clara percepção de que não existe grande diferença entre humanos e outros animais, e que eles têm muitas doenças em comum, reforçando o conceito de uma só medicina, embora a palavra zoonose ainda não fosse de uso corrente,

Durante o seu tempo de estudante no laboratório da Escola, fez parte de um grupo que fabricava vacinas anti-rábicas, com a tecnologia da época. Muitas das aulas, e o treinamento científico eram dados por professores que tinham feito curso no Instituto Oswaldo Cruz.

Poucos meses depois da graduação, o Professor Milton foi encarregado do Laboratório Veterinário do Exército, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde realizou pesquisas sobre verminoses, em cavalos militares do Estado.

Mais alguns anos e o Professor foi servir no excelente Instituto Militar de Biologia, no Rio de Janeiro, onde foi o responsável pela preparação de toxóide tetânico, e soro antitetânico, destinados aos soldados brasileiros que estavam sendo mandados para a Itália, durante a Segunda Guerra Mundial.

O Instituto Oswaldo Cruz foi a sua próxima “casa.” Para ela, fora mandado pelo Exército, afim de realizar pesquisas para o “Esforço de Guerra do Brasil”, onde adquiriu mais conhecimentos, principalmente, a metodologia científica. Inicialmente no famoso Curso de Aplicação, no qual logo se destacou porque muitos dos assuntos tratados já eram do seu conhecimento.

O Instituto fora criado no início do Século XX pelo notável médico Oswaldo Cruz, para combater a febre amarela e a peste bubônica que assolavam o Rio de Janeiro.

Oswaldo Cruz, contratou na França e na Alemanha, cientistas experientes, e recrutou jovens médicos, recentemente graduados, para trabalhar com eles, e ao mesmo tempo, inaugurou os Cursos de Aplicação em microbiologia e parasitologia. O resultado foi espetacular, e o Instituto logo se tornou a melhor instituição para pesquisa biomédica na América Latina.

Atualmente, faz parte de uma gigantesca instituição com ramificações em vários Estados brasileiros, e até em outros países: a Fundação Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ.

O Instituto Oswaldo Cruz daquela época, era o porto seguro ideal para trabalhar. O corpo científico era o melhor do País, com reputação internacional, e por isso um ambiente muito estimulante para um jovem cientista.

Terminado o Curso, e tendo conquistado a Medalha de Ouro pelo primeiro lugar, o Professor Milton foi convidado a integrar o Laboratório de Micologia, dirigido pelo notável micologista e dermatologista Antonio Eugênio de Arêa Leão.

Uma das suas primeiras tarefas foi participar de um pequeno grupo de pesquisas para produzir penicilina. Provavelmente, a primeira vez que esse antibiótico pioneiro foi obtido fora da Inglaterra e dos Estados Unidos, em plena Segunda Guerra Mundial.

O estudo de uma séria micose humana, a cromomicose, era desafiador.

Thiago de Mello realizou toda uma sorte de experiências, inclusive tentativas de reproduzir a doença em macacos rhesus – o início da sua longa relação com os primatas.

Os resultados, além dos detalhes técnicos publicados, não foram bons e a situação permaneceu a mesma durante décadas.

Em cooperação com a Escola de Veterinária do Exército, da qual ele era professor, foram realizados estudos sobre rinosporidiose, uma grave doença que afeta humanos e grandes animais, também de mecanismo desconhecido. Como resultado das pesquisas, trabalhos e um livro foram publicados e ficaram como referência sobre essa rara doença, constituindo tese para Professor Catedrático de Escola Nacional de Veterinária, em 1946.

Em função do seu interesse pelos assuntos da saúde pública, das zoonoses, o Professor Milton foi convidado a participar, no Instituto Oswaldo Cruz, dos trabalhos sobre brucelose, sob a liderança do grande microbiologista Genésio Pacheco. Foram 25 anos de pesquisas de campo e de laboratório, inicialmente no Instituto, e depois, nos Estados Unidos e na República Dominicana. Novas técnicas de diagnóstico, prevenção de infecções profissionais (laboratório e ma-

tadouros), microscopia eletrônica, introdução da prova de anel em leite, nas usinas leiteiras e fazendas, experiências com novos antibióticos (o início da era dos antibióticos) e infecções por via aérea.

O mais importante resultado do trabalho no Instituto foi a publicação do livro *Brucelose*, em colaboração com Genésio Pacheco, que foi, e ainda é, fonte de referência para essa importante zoonose, com 727 páginas.

Esses estudos foram fundamentais para melhorar o controle da brucelose bovina no Brasil, e em outros países, bem como na prevenção e tratamento da doença humana.

Esse foi o motivo pelo qual o Professor Milton tornou-se Membro do Comitê Conjunto FAO/OMS de Peritos em Brucelose.

Mas as suas pesquisas, durante 16 anos, no Instituto Oswaldo Cruz, e, posteriormente, em outras instituições, não foram monotemáticas. Foram conduzidas atividades paralelas: ensino, participação em sociedades científicas, palestras, viagens, e funções administrativas. E, com a contribuição de muitos colegas e instituições, no Brasil e no exterior: gangrena gasosa, antibióticos, garrotilho, helmintoses, doenças cerebrais, micoses, esquistossomose e aerossóis.

Uma bolsa da Fundação Guggenheim, determinou o fim da fase do Instituto Oswaldo Cruz. A pesquisa era ainda sobre brucelose, porém numa das mais importantes instituições do mundo para desenvolver trabalhos avançados sobre infecções de brucelas por via aérea, nas fantásticas instalações e facilidades do Departamento de Bacteriologia da Universidade da Califórnia-Berkeley, Estados Unidos, sob a direção de Sanford Elberg.

Com esses abundantes recursos, o Professor Milton logo desenvolveu e melhorou técnicas para o estudo de histiocitos alveolares (células do alvéolo pulmonar), alvo de microrganismos e outras partículas que estão no ar: colheita, cultivo, microscopia eletrônica, infecção *in vivo*, *in vitro*, e aerossóis.

Foram usados principalmente macacos e coelhos, muitos anos antes da presente histeria contra a experimentação com animais.

O principal resultado das pesquisas foi um melhor conhecimento do caminho para a infecção por via aérea no nível do alvéolo pulmonar.

Como os macacos precisavam ser usados em parte da pesquisa, esses animais provinham de uma colônia na Hooper Foundation, da Universidade da Califórnia – San Francisco. Eles eram usados pelo grande veterinário, um gigante no tamanho e na Inteligência – Karl Meyer, o cientista que deu o nome *Brucella* à bactéria causadora da zoonose.

Depois desse tempo em Berkeley, o Professor Milton foi contratado como consultor da Organização Pan-Americana da Saúde, durante quatro meses, em laboratórios de microbiologia norte-americanos e mexicanos. O objetivo era observar os trabalhos neles desenvolvidos com vistas ao provável envio, pela OPAS, de veterinários latino-americanos, para treinamento.

Seguiu-se um convite da Universidade de San Salvador, na América Central, para dar um curso de três meses sobre microbiologia, na Escola de Medicina. Esse período inicial foi estendido para três anos. Além das aulas, ele treinou o pessoal técnico, e estimulou a fundação da Sociedade Salvadorenha de Microbiologia. Sua principal linha de pesquisa no País esteve relacionada com infecção hospitalar.

De regresso ao Brasil, Thiago de Mello transferiu-se do Instituto Oswaldo Cruz para o Instituto de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do qual fora um dos fundadores. Pouco depois do seu regresso, pequenos surtos de peste bubônica ocorreram em partes do Brasil. O Ministério da Saúde solicitou a colaboração do Instituto de Microbiologia. Devido aos seus contatos com Karl Meyer, um dos grandes especialistas mundiais em peste bubônica, e sua experiência de campo e laboratório com microrganismos perigosos, ele iniciou um projeto de longa duração com a OPAS/Ministério da Saúde/Instituto de Microbiologia. Também com a colaboração de peritos internacionais, foi possível desenvolver pesquisa inovadora no campo, para treinar pessoal, a fim de monitorar roedores e suas pulgas, na remota cidade de Exu, em Pernambuco.

Os resultados foram excelentes, e casos humanos foram evitados pelo trabalho de monitoramento de roedores nos focos “inveteados”, não só em Exu como também em Teresópolis, no Estado do Rio de Janeiro.

Durante o período no Instituto de Microbiologia, Thiago de Mello fundou a Sociedade Brasileira de Microbiologia, que se transformou numa das mais fortes sociedades científicas brasileiras. E também organizou o primeiro curso formal de pós-graduação no Brasil: o de Microbiologia, no Instituto, juntamente com o de Biofísica, no Instituto de Biofísica, ambos na Universidade Federal do Rio de Janeiro. O Instituto de Microbiologia teve seu nome mudado para Instituto de Microbiologia Paulo de Góes, uma justa homenagem a um grande cientista, precocemente falecido.

Até então, o Professor Milton pertencia ao Exército, autorizado a exercer essas atividades paralelas. Em seguida, passou para a reserva, no posto de Coronel Professor, e Catedrático de Biologia do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Agora com tempo livre, tornou-se Consultor, a longo prazo, da FAO, no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento do PNUD, na República Dominicana, como Perito em Microbiologia em Projeto na Escola de Veterinária da Universidade Autônoma de Santo Domingo.

Alguns meses depois da sua chegada, o Ministério da Agricultura do País, solicitou ao PNUD/FAO, sua consultoria para o Laboratório Central Veterinário. Tanto na Universidade quanto no Laboratório, o ensino e a pesquisa foram beneficiados com as melhorias dos laboratórios.

Com a sua experiência prévia em brucelose, a doença foi controlada no País, com vacinação em massa de bezerras, com a amostra B-19, que passou a ser produzida no Laboratório Central.

Um problema local era a peste suína clássica: a doença foi erradicada no País com o emprego de vacina viva, também preparada no Laboratório, com a amostra da China.

O pessoal técnico (17) foi mandado para ser treinado em temas específicos, em vários países: Estados Unidos, França, México, Alemanha e Brasil.

Antes de deixar o País, depois de cinco anos, Thiago de Mello assistiu o início da execução de projeto preparado com a sua supervisão para um empréstimo do Banco Interamericano de Desenvolvi-

mento (BID), para reorganizar o Serviço Veterinário do País, e construir um grande laboratório, o que foi feito alguns anos depois.

Durante o seu período na República Dominicana, ele também prestou consultoria ao Ministério da Agricultura do Haiti para um projeto a ser apresentado ao PNUD/FAO, para um Laboratório Veterinário.

Mais uma vez de volta ao Brasil, o Professor foi convidado pelo Reitor da Universidade de Brasília, Amadeu Cury, um dos grandes homens da revitalização de instituições científicas do Brasil, e seu colega de juventude no Instituto Oswaldo Cruz, para ser Decano de Pesquisa e Pós-Graduação, da Universidade, e professor de Microbiologia.

A pós-graduação foi reorganizada, e novos professores contratados.

Um empréstimo do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) foi utilizado para a compra de novos equipamentos de laboratório, que deram um novo impulso às pesquisas. E uma estação sismológica foi implantada.

Na Universidade de Brasília, Thiago de Mello iniciou uma das fases mais importantes da sua vida: a Primatologia. Nessa ocasião, o Brasil tinha a curiosa situação de ter o maior número de espécies de primatas do mundo e muito poucos primatologistas.

Com o intuito de remediar a situação, ele seguiu um caminho que lhe pareceu lógico: inicialmente, criou um embrião de Centro de Primatologia, na Universidade e em seguida reorganizou a Sociedade Brasileira de Primatologia, da qual foi o seu Terceiro Presidente. Ao mesmo tempo, organizou os primeiros Congressos Brasileiros de Primatologia, de dois em dois anos (1983, 1985). Em 2015, aconteceu o XVI.

A parte mais importante foi a realização de cursos de especialização para graduados de qualquer profissão que desejassem adquirir conhecimentos sobre o tema, em lugares onde houvesse primatas, e alguém com eles trabalhando, principalmente nos biomas Mata Atlântica, Amazônia, Cerrado e Pantanal.

Fundou a Sociedade Latino Americana de Primatologia, organizou o XII Congresso da Sociedade Internacional de Primatologia,

tornou-se Membro do Grupo de Especialistas em Primatas da Comissão de Sobrevivência de Espécies da União Internacional para a Conservação da Natureza, e Secretário para as Américas da Sociedade Internacional de Primatologia.

Depois de compulsoriamente aposentado, na Universidade de Brasília, em 1992, Thiago de Mello não reduziu em nada suas atividades de pesquisador, professor, palestrante e participante de eventos nacionais e internacionais, promovendo, inclusive, um trabalho intenso de cooperação internacional, com a China, Japão e diversos países europeus.

Enquanto escrevia livros e participava de congressos de veterinária e de primatologia, foi eleito Presidente da Academia Brasileira de Medicina Veterinária e estabeleceu um sólido vínculo com a SNA-Sociedade Nacional de Agricultura, no Rio de Janeiro, presidida pelo empresário Antônio Melo Alvarenga Neto.

Uma das muitas notáveis características do Professor Milton Thiago de Mello é a de não permitir que as adversidades da sua vida profissional ou pessoal interfiram negativamente nos seus objetivos.

## A família

**As origens são fragmentadas e perdem-se no tempo, com poucos registros. “Apenas as lembranças das histórias da infância, dissolvidas ou perdidas.”**

Essas histórias são contemporâneas da epopéia da exploração das seringueiras brasileiras para produção do látex que origina a borracha: do auge até a decadência.

Seu pai era um nordestino nascido em Itambé, um lugarejo pernambucano, vizinho – por uma rua – de Pedra de Fogo, pequena cidade paraibana. A visita do filho, ao local, já idoso, na procura das suas origens, não deu em nada.

Nosso biografado nos conta que na época do nascimento do seu pai, no final do século XIX, os registros eram feitos na igreja de Pedra de Fogo, mas ele não encontrou nenhuma informação daquela época. “Entretanto, graças aos esforços do Almirante Roberto Ferrenho, consegui, no Ministério da Marinha, alguns dados a seu respeito, no Gabinete de Identificação da Armada, onde consta ele haver nascido em 25 de julho de 1893, filho de Antonio Aureliano de Mello e Eufrosina de Mello, naturalidade “brazileira” (pernambucano).”

Como era comum naquela época, e até hoje, os meninos nascidos no dia 25 de julho, recebiam um nome a mais: Thiago, o santo padroeiro desse dia. É por essa razão que existem muitos Thiagos espalhados pelo Brasil. Então, o menino passou a chamar-se Thiago de Mello.

Sua avó paterna procedia de uma família paraibana, dos Freires.

Muitos dos descendentes são seus amigos até hoje, como o médico pneumologista Hilton Freire, que é também jornalista e escritor.

“O fato é” – nos conta o Professor – “que, pela proximidade do litoral, mais próximo da capital paraibana do que da pernambucana, é provável que Olívio Thiago de Mello tenha sido um nordestino típico: mistura genética de índio, português, africano e holandês. Talvez, ainda menino, ele via passar o trem Maria - fumaça, da com-

panhia inglesa. Naquela época, todos os equipamentos ferroviários e das cidades, eram de propriedade dos ingleses.”

“Certamente, o jovem inquieto com o espírito aventureiro de todo nordestino, não se conformava em ser telegrafista numa cidadezinha do interior nordestino, e daí foi, para a mesma função, ganhando mais, no Eldorado da época, que era a Amazônia, da borracha. Isso, no início do século XX. Assim, pediu transferência da Great Western, para a Amazon River Steam Navigation Company.

Chegando em Belém, foi designado para trabalhar em Santarém – a “Pérola do Tapajós” – no interior do Pará. Nessa ocasião, Santarém era a capital da borracha de melhor qualidade (borracha do Pará), e a Amazon River tinha grande influência local. Manaus, era a capital econômica “de fato”. Por isso, havia interesse em melhorar a saúde da população de migrantes na Amazônia, principalmente o combate à malária.”

Ao chegar em Santarém, o telegrafista, “Seu” Mello, fez contato com um jovem médico do Rio de Janeiro, que Oswaldo Cruz, em sua genialidade, havia enviado para pesquisar malária e seus mosquitos, na Amazônia. Esse jovem, chamado Ângelo Moreira da Costa Lima, ficou sediado em Santarém e muitos anos mais tarde tornou-se o maior entomologista do mundo. Um dos seus livros, com 14 volumes, resume parte das suas pesquisas, e dele Thiago de Mello ficou amigo, mais de meio século depois, no Instituto Oswaldo Cruz.

Pela mesma ocasião, chegou a Santarém um médico cearense que ia fazer pesquisas sobre lepra, que então era prevalente na Amazônia, Seu nome: Antonio Justa, que mais tarde tornou-se um símbolo da luta contra a hanseníase.

Os três jovens: Thiago, Costa Lima e Justa, fizeram sólida amizade. “Lembro-me de quando criança, vi uma foto dos três, muito elegantes, com seus chapéus de palhinha.”

Sobre a sua linha materna, Thiago de Mello nos conta que Fritz era um jovem suíço, como outros da Europa, que corriam os riscos da travessia oceânica da época, para ganhar a vida em uma região da qual tinham ouvido horrores, contados por aqueles que lá haviam estado, mas regressado cheios de dinheiro: o ouro branco (ou preto) da borracha.

Embalado por seus sonhos passou pelo exame físico em Belém, na Amazon River, muito semelhante ao exame dos escravos negros procedentes da África, e que iam para os canaviais do Nordeste, ou para os cafezais do Sul.

Feitos os exames, foi designado para uma região remota da Amazônia, junto com muitos outros, numa embarcação, que, logo em seguida, soube chamar-se “gaiola”, rumo ao desconhecido.

Ao longo do rio-mar recordava o adeus de Gertrude e sonhava com o futuro. Aprendeu a dormir em rede. Não havia camas. A alternativa seria dormir no tombadilho, o chão do gaiola. Os mosquitos, que ele desconhecia, atacavam sem clemência. Os tripulantes (índios ou mestiços amazônicos), os chamavam de carapanãs.

Picado pelos carapanãs desde o cair da noite, e suando em bicas, durante o dia, num calor infernal, refrescava-se na chuva, que todas as tardes despencava durante algumas horas, aliviando por momentos, o mal-estar provocado pelo calor. Sua pele branca ficou avermelhada e logo o aconselharam a cobri-la com alguma coisa, senão seria pior.

Poucos dias de viagem depois, um mal-estar seguido de febre foi tomando conta do seu corpo e logo diagnosticaram malária, ou “sessão”, um dos nomes locais para a doença.

Naquele tempo, o medicamento eficaz para malária era quinino, um extrato da casca duma planta amazônica. E logo lhe deram o chá. “Entretanto, nem todos os casos de malária se curam ou tornam-se mais leves com quinino. Em algumas pessoas, a doença progride e pode até evoluir para o óbito. Quando a tripulação daquele tempo percebia que o paciente poderia morrer para que isso não acontecesse no gaiola, ele era deixado na barranca do rio, geralmente, perto de uma aldeia indígena”.

Foi isso o que aconteceu com o Fritz, já nas proximidades de Santarém, capital da melhor borracha.

Os índios locais tiveram pena do gigante louro e cabeludo e o trataram com os remédios locais, além de lhe darem comida. “Em resumo, ressuscitaram o quase cadáver. É claro que ele foi a atração não só da tribo que o acolhera, como de outras das proximidades. Essa curiosidade era não só das crianças, como dos adolescentes e

adultos. O Fritz era tratado carinhosamente, principalmente por sua sociabilidade e adaptação às circunstâncias. Nessa ocasião, havia na tribo uma jovem índia, que recebera o nome de Leonília pelos padres missionários que também existiam em grande número pela Amazônia, como aventureiros religiosos, catequizando os índios, paralelamente com os mascates, que pela sua procedência, do Oriente Médio, recebiam a designação genérica de turcos.”

Thiago de Mello conta que essa era a amálgama existente na Amazônia: seringueiros, aventureiros da Europa, ou do Nordeste brasileiro, padres, geralmente jesuítas, em suas missões, e os turcos que vendiam ou trocavam de tudo, percorrendo rios e igarapés em batelões cheios de mercadorias,

“De curiosidade em curiosidade, com a linguagem universal da juventude e a pressão dos hormônios, Fritz e Leonilia juntaram-se, com o beneplácito da tribo, e dessa união nasceram duas crianças. A primeira, uma menina, recebeu o nome de Jovina, branquinha, loura e apenas com os malarres ligeiramente salientes. Pouco tempo depois, nasceu o Ulysses, parecido com a irmã.

As crianças, às vezes acompanhavam os mais velhos que iam à Santarém trocar suas caças ou colheitas, por ferramentas, roupas e mantimentos”

“Fritz morreu, pouco depois, de causa desconhecida, e Leonilia mudou-se para Santarém, onde as crianças começaram a aprender rudimentos de leitura e a fazer contas, com os padres da cidade. E foram crescendo. Ulysses transformou-se num gigante, jovem e forte, e Jovina em índia branca, destacando-se na cidade também por sua altura e cabelos louros,

Leonilia permaneceu em Santarém onde, anos depois, casou-se, pela segunda vez, recebendo sobrenome e nome completo das duas crianças: Leonilia Sabrina Marques, Jovina Amélia de Albuquerque e Ulysses Ferreira Marques.”

“É fácil imaginar” – conclui o nosso biografado, que “Seu” Mello, tivesse contato com a população local. Assim, o encontro da indiazinha branca e o jovem nordestino, foi inevitável: ele aos 20 anos e ela bem mais jovem. Da união de Jovina e “Seu” Mello, sacramentada pela igreja local, nasceu uma menina mais parecida com o pai, que recebeu o nome de Tude Olívia, em 13 de março de 1913.”

Antes que a desgraça que foi a introdução da borracha originária das plantações inglesas na Oceania atingisse a nova família, o jovem casal, com a filhinha Tude, partiu para o Rio de Janeiro.

“Foram morar num sobrado, na Rua Santo Amaro, 103, e Olívio conseguiu emprego como telegrafista. E a perspectiva de ganhar muito mais, além do espírito aventureiro, fizeram “Seu” Mello alistar-se na Marinha do Brasil, como telegrafista. Já em fins da Primeira Guerra Mundial, embarcou num navio mercante que foi torpedeado pelos submarinos alemães. Sobreviveu, mas foi internado com pneumonia num hospital em Bordeaux, na França, durante algum tempo. Aí adquiriu um pouco da cultura francesa: comprou livros, assinou revistas e trouxe tudo isso para o Brasil, mantendo esse vínculo durante vários anos. Tive ocasião de compartilhar desse material, desde muito pequeno e ainda hoje me lembro da “L’Illustration Française”.”

De regresso ao Brasil, “Seu” Mello, agora mais conhecido como Thiago, aceitou um emprego em Pelotas, no Rio Grande do Sul, no então poderoso Banco Pelotense. “E lá se foi com Jovina e os filhos pequenos. O banco era muito forte porque fora peça importante nas operações financeiras relativas à exportação de charque do Rio Grande do Sul, durante a Primeira Guerra Mundial. As charqueadas eram poderosas.”

“A vida em Pelotas era a de uma cidade que passara de uma grande importância para um início de decadência. Com isso, Thiago e Jovina estavam acostumados. Em mais ou menos dois anos, tinham vindo do extremo Norte, de Santarém, para Pelotas, no extremo Sul do País.”

O Banco Pelotense transferiu Thiago da matriz em Pelotas para a sucursal, no Rio de Janeiro e a família foi morar no bairro da Abolição, no subúrbio da Central, perto do Meyer, à Rua Moreira, 13.

“Das vagas recordações dessa fase, ficou a imagem da minha madrinha, pois só então fui batizado, na igreja de Piedade, próxima da Abolição.

Essa foi uma fase familiar muito feliz, como criança pobre. Meus pais mudaram-se para o subúrbio de Olaria, uma estação da Leopoldina Railway, bem longe da Abolição, à Rua João Rego, que hoje é uma das entradas para o Complexo (de favelas) do Alemão.”

“Minha principal tarefa nessa época era estudar. Da primeira escola pública, perto de casa, lembro o carinho e a dedicação, de D. Adélia, a minha primeira professora. Ainda guardo os primeiros boletins escolares daquela época. No início de 1928, dei entrada no Colégio Pedro II, o mais célebre da ocasião, juntamente com o Colégio Militar. Uniforme caprichado e bem passado. Ida de trem da Leopoldina ou de bonde, com a irmã Tude, já adolescente, que estudava na Escola Rivadávia Correia. Alguns anos depois, ela passou a estudar no recém inaugurado Instituto de Educação, na Tijuca.”

“A entrada no Colégio Pedro II deu início a uma nova e vibrante fase. Excelentes professores: Waldemiro Potch, Antenor Nascentes, José Accioli, Pinheiro Guimarães, José Oiticica e muitos outros. Os colegas, a fina flor da juventude, e muitos tornaram-se homens públicos de grande notoriedade em suas áreas.

A viagem de trem de Olaria até a Estação da Leopoldina, e daí para o Colégio, de bonde, foi uma experiência inesquecível.”

Thiago de Mello nos conta que seu pai, funcionário do então Banco Brasileiro, sucessor do Pelotense, construiu uma casa no bairro do Grajaú porque não quis comprar lotes na área, a preços mínimos, no que atualmente é Copacabana.

“No Grajaú fiz novas amizades. Aprendi a jogar basquete no clube local, onde meu apelido era Africano, porque vivia queimado de sol.”

“Minha mãe faleceu na casa do Grajaú e poucos anos depois meu pai casou-se com uma viúva, Dolores, também com dois filhos adolescentes: Acylio e Leda. Aí veio a grande depressão econômica de 1929, que abalou o mundo inteiro. No roldão, meu pai foi demitido do banco e obrigado a desfazer-se da casa, pouco depois da Revolução de 1930. Nessa crise doméstica, a madrastra Dolores revelou-se. Toda a família foi morar num sobrado, na Rua da Carioca, e Dolores passou a fazer comida, que era servida na sala de jantar para os comerciários da redondeza.”

“Na busca pela independência, fiz algumas tentativas. A primeira foi matricular-me para ser telegrafista mas fui reprovado porque não conseguia receber o alfabeto Morse. A segunda tentativa, foi a Escola de Marinha Mercante, para ser piloto, mas também fui re-

provado por não ter conseguido resolver uns cálculos matemáticos simples.”

Daí para a frente, as tais faixas do poste, misturaram-se, e também se separaram, durante algumas décadas, principalmente familiar, militar e veterinária.

## A mistura das faixas

**A vida familiar continuou, com várias ramificações. A irmã Tude, casou-se e foi viver em Santa Catarina, onde nasceram duas filhas: Carolina e Amazile, que por sua vez casaram-se e tiveram filhos, e daí em diante, sobrinhos e sobrinhos-netos.**

“Minha filha Vera Lúcia, casou-se com um médico, também de Santa Catarina (Mário Mussi), formou-se em Direito, teve um filho e uma filha (Antonio César e Isabela), divorciou-se, e vive no Rio de Janeiro. Seus filhos, por sua vez, casaram-se e têm filhos.”

Após o primeiro casamento, já em El Salvador, Thiago casou-se com a Dra. Ângela, médica pesquisadora, na Universidade local, e aí nasceu o filho Milton José e, posteriormente, no Rio de Janeiro, Dario e Carlos Maurício.

“Na carteira de identidade do Milton José, atualmente oficial do Exército, consta haver nascido em El Salvador, o que já lhe tem dado algumas confusões. Seria Salvador, Bahia, ou El Salvador, país onde houve uma guerrilha sangrenta?”

Em 1932, Thiago de Mello matriculou-se na segunda turma do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), fundado graças à clarividência e idealismo do Major Correia Lima, no prédio ao lado do portão principal da Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão.

“Exatamente 70 anos depois, fui visitar as instalações do CPOR, na Avenida Brasil, em Bonsucesso, com o respectivo Museu onde deixei minha carteirinha de 1932, e recebi meu histórico no Centro.”

A solução para uma vida independente surgiu inesperadamente, quando o Exército resolveu abrir voluntariado para jovens a partir dos 18 anos.

“Apresentei-me no Quartel do 3º. Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha, no final de 1933, que escolhi porque ficava em frente à Faculdade de Medicina, onde eu pretendia estudar nos tempos vagos, que nunca chegaram.”

O quartel era um conjunto de prédios imponentes. O principal fechava, completamente, a Praia Vermelha, praticamente de morro a morro, a poucos metros da estação do bondinho do Pão de Açúcar. Havia outros prédios, todos herança da Exposição Universal do Século XX.

“Os primeiros meses foram de instrução pesada e de faxina. Um ponto alto era a vassoura de fogo, para queimar percevejos nas camas metálicas. Esse ritual desapareceu com o uso do DDT e outros inseticidas. Parecia uma espécie extinta. Parecia porque em plena New York ela reapareceu com força, em 2010, e a cidade foi caricaturada como a capital internacional do percevejo-de-cama.”

“Como eu não fazia parte dos candidatos a cabo, minhas tarefas eram mais simples: de guarda, na praia; varrer o pátio e fazer faxina das baias dos cavalos dos oficiais, e dos mueres das metralhadoras, estabuladas precisamente onde é hoje o luxuoso Círculo Militar da Praia Vermelha.”

A entrada na Escola de Veterinária do Exército (EVE), foi uma questão de acaso. Um soldado companheiro de alojamento, e candidato a cabo (Heliodoro Antonio de Oliveira Duboc), depois de exaustiva instrução, chegava na cama ao lado da do Milton, e ainda tinha ânimo para estudar em grossos livros de Física, Química e História Natural – os mesmos nos quais ele havia estudado no Colégio Pedro II. “Como, supostamente, eu não era instruído, o colega nem me dava atenção. Um dia, perguntei-lhe porque estudava nesses livros, e ele me respondeu que era para fazer concurso para a Escola de Veterinária do Exército. Disse-lhe da minha intenção de estudar Medicina, em frente, mas logo decidi fazer o concurso para a EVE. Assim, no início de 1934, tornei-me soldado-aluno da Escola de Veterinária do Exército e daí em diante, três das faixas das sete vidas, praticamente não se separaram durante algumas décadas: Família, Militar e Veterinária.”

Dez anos depois da entrada do nosso biografado na Escola de Veterinária do Exército, a faixa de vida científica tomou cada vez mais força, pela sua vida afora.

“A saída do 3º RI, para a EVE foi determinante para o futuro do adolescente, mas a parte financeira ficou mais difícil. Teria que arcar com as despesas apenas com o salário de soldado, sem quartel para

comer e dormir. Foi quando a prima Runde, então já casada com um líder dos estivadores, abrigou-me em sua casa, primeiro na Parada Moça Bonita, perto de Realengo e depois na Praça dos Estivadores, no final da Rua Camerino, próximo do Colégio Pedro II. Fardado, a passagem nos bondes era grátis e como soldado-aluno, tinha direito ao rancho dos soldados da Escola.”

Pouco tempo depois, ele teve o privilégio de estagiar no excelente Laboratório de Parasitologia e Bacteriologia da Escola, montado pelos veterinários militares da Missão Francesa, que ajudou a organizar a Escola, e dirigido por tenentes veterinários (Proença e Olegário) que haviam feito o Curso do Instituto Oswaldo Cruz.

“Passei a ser considerado bom aluno, embora, pela irreverência, de vez em quando ficasse preso no quartel do Regimento de Cavalaria, perto da Quinta da Boa Vista.”

Mas, como ele tinha facilidade em tomar nota das aulas, seus apontamentos eram disputados. Então no segundo ano, decidi estudar taquigrafia. Comprou um livro didático sobre o assunto, e iniciou, num caderno, pacientes exercícios que ele guarda, carinhosamente, até hoje, como testemunha da sua vida independente. Esses apontamentos passaram a ser equivalentes aos de um gravador atual. “E logo um colega – Francisco Giuliani – sargento, propôs formar uma pequena empresa: eu taquigrafava e passava os manuscritos para outro colega – Luiz da Rocha Silva – que datilografava, em estêncil, e passava para Giuliani, que tirava as cópias e vendia para os outros colegas. E assim, consegui mais um dinheirinho para poder sobreviver melhor.”

“Foram quatro anos de aprendizado de vida militar e civil, junto com a veterinária.”

## Vida científica

**Ao longo de 80 anos, essa faixa do Poste de Cozumel foi a mais produtiva e a mais longa. Sempre esteve ligada às de veterinária, ensino e internacional, e de todas elas derivaram ramificações importantes.**

As pesquisas foram tanto aquelas que já foram chamadas de puras (como se houvesse pesquisas impuras) agora rotuladas como básicas, como as aplicadas para um determinado objetivo.

Segundo Thiago de Mello, seria enfadonho enumerar essas várias linhas. Seus resultados podem ser constatados nos 245 trabalhos publicados, inclusive os livros, como autor (13), ou editor (8). Isso até a data da elaboração desta Biografia (janeiro/fevereiro de 2021).

“Um resumo dessa mistura das faixas do Poste de Cozumel, foi feito no memorial apresentado pela Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária à Associação Mundial de Veterinária para a concessão do Prêmio John Gamgee, em 2013. Neste trabalho, com o título “O Veterinário Cientista.”

“Muitos me perguntam (e eu mesmo) como nasceu o meu interesse pela Bacteriologia. Costumo responder que foi quando estagiei no Laboratório de Parasitologia e Bacteriologia da Escola de Veterinária do Exército (1934 -1937). Mas a realidade, porém, é outra. Naqueles remotos tempos do fim da adolescência. Aos 17 anos, no final de 1933, como soldado, os quartéis do Exército tinham instalações sanitárias que deixavam muito a desejar pelos padrões atuais. Na Escola, uma dessas instalações estava situada na base de uma caixa d’água de ferro, do tipo que os militares e colonialistas franceses espalharam pelo mundo, em áreas onde tinham influência. Algumas ainda existem. No caso da Escola, alguém teve a idéia de construir uma parede circular na base da caixa d’água e nela instalar latrinas que eram localizadas no chão. Um tipo milenar, ainda usado em várias partes do mundo, que permite a postura fisiológica para defecar. Como papel higiênico, eram usados jornais e revistas. Trata-se de um relato nojento, mas representa a realidade daquela época e, em

certos casos, até mesmo a atual. Um bolsista na CAPES da China, por exemplo, enviou fotos acompanhadas da solicitação de aumento do valor da sua bolsa para mudar-se para o único hotel da cidade onde estudava e que não tinha latrinas desse tipo. ”

“Durante alguns anos, mantive um embrião de biblioteca de bacteriologia, como, por exemplo, uma coleção dos “Archives do Instituto Pasteur de Paris” (ele recolhia essas publicações, descartadas depois de lidas pelos profissionais).

Entre os trabalhos dos grandes bacteriologistas da época, publicados nos Archives, havia alguns com belas ilustrações coloridas, como encartes. “Até hoje me lembro de um artigo sobre bacteriologia do solo, escrito por Vinogradsky. Baseado nele, sempre iniciei os cursos de bacteriologia, para demonstrar que as bactérias estão por toda parte, com uma experiência aí descrita. Muito simples: lâmina de vidro enterrada no solo, durante alguns dias: as bactérias aderem à sílica da lâmina, que é retirada, corada e examinada ao microscópio. Observa-se variedade imensa de bactérias, de todos os tipos, isoladas ou não. Em alguns casos, até antibiose produzida por uma única bactéria isolada. Fascinante para qualquer jovem iniciante em bacteriologia, sem a necessidade de nenhum discurso. ”

## Depoimento

Que coisa mais fácil, leve e prazerosa é falar desse grande profissional, Dr. Milton Thiago de Mello. Nunca vi esse homem indisponível desde que eu o conheci em um dos CONBRAVET, no início dos anos 2000.

Às vezes, cheguei a pensar em desistir de trilhar o caminho da Aquicultura, devido a tantos obstáculos e ataques de profissionais de outras áreas, mas a vida é feita de superação e conquista, principalmente quando encontramos um grande Mestre como Dr. Thiago de Mello, que como grande entusiasta da atividade me aconselhava a ir em frente e nunca desistir de lutar para que a aquicultura fosse de fato um mercado de trabalho importante para os médicos veterinários. E, assim me fez enxergar que a Medicina Veterinária necessitava de nosso trabalho.

Dr. Thiago esteve sempre presente em minha vida profissional e fez acreditar que os sonhos nos fazem viver e nos motivam a enfrentar os desafios. Nos momentos em que os cenários se apresentavam quase inatingíveis pelo cansaço em enfrentar as batalhas, eu buscava me espelhar na pujança do Dr. Thiago, que sempre me pareceu mirar apenas o infinito.

Dr. Thiago, e outros grandes ícones da Medicina Veterinária, sempre estiveram ao meu lado e não me deixaram desanimar. São além de grandes profissionais verdadeiros amigos que sempre me deram palavras de coragem e que com certeza lutaram para me ver feliz. Vocês foram luz para o meu caminho e tesouro para os meus dias.

Graças a este ser intenso, Dr. Thiago, tenho em mente que quanto maior é a nossa meta, maior será a recompensa e que vale a pena sempre tentar para garantir em atingir o que mais realmente queremos, ou seja abrir caminho para a nossa querida Medicina Ve-

terinária, introduzindo novos conceitos, conhecimentos que geram oportunidades e riquezas para o Brasil.

Sua ajuda e apoio sempre foram muito importantes para mim e jamais vou esquecer tudo que o Senhor fez por mim. Agradeço a Deus pela oportunidade de conhecê-lo e fica aqui para sempre minha eterna gratidão. Sua amizade é um privilégio que eu quero para sempre cultivar. O senhor é um exemplo de vida para todos, quer no campo profissional, quer na vida familiar.

Homenagear Dr. Thiago é homenagear a Medicina Veterinária.

**Médica veterinária Agar Costa Alexandrino de Perez**  
**Membro-titular da Academia Paulista de Medicina Veterinária**

## Vida científica (continuação)

**Voltando ao Professor Thiago: Antes da entrada no Instituto Oswaldo Cruz, a curiosidade, que nunca deve desaparecer, era desordenada, e com receio do ridículo de redescobrir a roda. No Instituto aprendi a disciplina científica e de consulta à bibliografia, na melhor biblioteca do País para assuntos científicos.**

Localizada no último andar do edifício principal, e carinhosamente dirigida pelo velho bibliotecário Overmeyer, religiosa e cronometricamente, toda quarta feira, pela manhã, as revistas chegadas durante a semana eram trocadas, numa grande mesa.

Passou a fazer parte da minha rotina folheá-las, anotar os trabalhos de meu interesse da época e pedir separatas, em cartão apropriado do Instituto. Com isso, a partir de 1944, adquiri não só conhecimento enciclopédico oriundo dos trabalhos recebidos, como um acervo de milhares de separatas, que foram sendo cuidadosamente acondicionadas em caixas também do Instituto. Estas, me acompanharam nas principais instituições em que tive atuação no ensino e na pesquisa: Instituto Oswaldo Cruz, Instituto de Microbiologia da UFRJ, Universidade de Brasília e arquivo pessoal.

O Professor teme que esse acervo de mais de meio século de evolução da ciência, em nível nacional e mundial, corra o risco de desaparecer na era da informática. Bibliotecas importantes, onde esse acervo pode ser útil, uma vez digitalizado, assustam-se com as suas dimensões.

O início da sua vida científica resultou de atividades paralelas no Exército, e no Instituto Oswaldo Cruz, na década de 1940, o que lhe permitiu ter acesso a material abundante, procedente de cavalos usados para ensino, em cursos na Escola de Veterinária do Exército.

“Não era necessário, mas todos eles eram necropsiados e minuciosamente examinados por mim. Isso não só me deu forte embasamento, como também abundante material para pesquisas, que eram ampliadas no Instituto Oswaldo Cruz. Era uma combinação perfeita mas que resultava num tremendo desgaste físico e mental: acordar

de madrugada para estar na Escola às sete horas, em Mangureira, atravessar a pé, na hora do almoço, a Quinta da Boa Vista, para pegar um ônibus que me levasse até o pé da colina, em cujo topo situava-se o Instituto. Atualmente, nessa área está situado o Complexo da Favela da Maré. Tudo isso, com chuva ou o calor do Rio de Janeiro, e voltar para casa à noite. Como perguntaria Fernando Pessoa: Valeu a pena? Claro que sim.

“Dessa fase heróica inicial na Escola e nos primeiros anos no Instituto, resultaram numerosos trabalhos, e ainda fui o editor da importante Revista Militar de Remonta e Veterinária.”

Sua primeira pesquisa formal publicada, em 1945, resultou do estudo dos microacarianos que atravessam as rolhas de algodão usadas na época nos tubos de ensaio. Desse modo, eles danificavam a importante coleção de fungos causadores de micoses humanas, mantida pelo micologista Arêa Leão e seu fiel escudeiro da época, Amadeu Cury. “Fiquei responsável pelo assunto. Era um desafio, mas dele resultou a ampliação dos campos de estudo, contato com bibliografia, desenho científico e fotografia ao microscópio, além de paciência e inovação em técnicas para a criação e combate aos quase microscópicos acarianos. Grande alegria para o ego. Ficaram abertas as portas do Instituto para o jovem tenente veterinário que o Exército enviara para lá.”

## Depoimento

Eu, Eduardo Harry Birgel sou um médico veterinário, da passada geração, formado em 1957 na saudosa FMV/USP da Rua Pires da Motta 159, no paulistano bairro da Aclimação. O tempo me transformou num velho professor e como tal um persistente defensor da arte e ciência da veterinária e eterno batalhador em prol da excelência do ensino da nossa nobre profissão, almejando a formação de competentes colegas. Nos áureos tempos de universitários convivíamos com uma plêiade de ilustres docentes da Faculdade, os antigos Professores catedráticos, por nós encarados com profundo respeito, talvez até de forma excessiva. Eles eram reverenciados por todos, pois éramos garotos idealistas e enxergávamos apenas suas virtudes. Para nós a maioria era um poço de personalidades, sem defeitos. Para mim, gradativamente se desfez a aura pública do soberano professor catedrático, mas alguns revelaram auspiciosamente a imagem humana do docente, pois eles não viviam apenas dentro da veterinária, mas também para o exercício profissional, esses pertenciam a um universo que poucos atingem. Esses ilustre professores marcaram e ficaram para sempre em nossa memória. Pois com eles poderíamos discutir e falar de história, filosofia, vinhos, música, criação de peixes ornamentais e até de esporte.

E, sendo a nossa vida dinâmica e em constante evolução, os jovens rapidamente acumulam no cabedal de sua admiração inúmeros notáveis de sua profissão e assim se estabelece uma respeitosa veneração por ilustres personalidades das Ciências Veterinárias, que brilharam, também, em outros Institutos Científicos (Biológico, de Produção Animal, Butantan, Pasteur, Oswaldo Cruz entre outros mais...).

Entre tantas personalidades das Ciências Biológicas e Médicas, registrei como personalidade imortal, sem o conhecer pessoalmente o Veterinário Milton Thiago de Mello, um ás em brucelose, zoonose

de grande interesse médico veterinário, comprometendo diretamente a bovinocultura e suinocultura brasileiras. Época de estudos microbiológicos do agente etiológico, testes rápidos de diagnóstico e estabelecimento das medidas profiláticas da doença: a brucelose estava 'em moda'. As aulas do Prof. Dr. Mário D'Apice eram monumentais e nos apresentava os procedimentos diagnóstico e as possibilidades de controle da enfermidade – fatores fundamentais para a sanidade dos rebanhos produtores de leites tipo A e B, em São Paulo.

Em atendimento aos conceitos retro mencionados, ao ser estimulado para apresentar um marcante momento vivido com um Vulto da Veterinária Brasileira: Professor Doutor Milton Thiago de Mello. Esse ícone da Veterinária brasileira nasceu em cinco de fevereiro de 1916, graduando-se como médico-veterinário aos 21 anos, em 7 de dezembro de 1937 pela antiga Escola de Veterinária do Exército e em 1946 doutorou-se em Microbiologia pela Escola Nacional de Veterinária. Pelo retro exposto pode-se afirmar que no momento da Publicação do livro Brucelose (1956), o coronel e Professor Doutor Milton Thiago de Mello, já era uma personalidade na Medicina Veterinária Brasileira e eu ainda não me formara, mas estava marcado por sua qualificação.

Eu por minhas atividades científicas, profissionais ou associativas, me encontrei inúmeras vezes com o Prof. Dr. Milton Thiago de Mello. O começo foi difícil e até monótono, o encontro era sempre assim: "Oi professor Milton, como vai?" A resposta era: "E você quem é?" Eu respondia: "o Birgel, de São Paulo!". . . Talvez eu dizendo meu nome com o G sonoro dos alemães (som de gue), dificulta-se o entendimento do nome. O Prof. Dr. Milton Thiago de Mello estava acostumado a chamar seus orientados de Protozoários e os alunos de Pimpolhos (significando um rebento da videira, mas figurativamente uma criança ou menino talado ou bem desenvolvido). Eu e minha esposa ríamos muito quando ele assim chamava meus filhos!

O tempo passou e tudo mudou, minhas atividades nos Conselhos de Medicina Veterinária, nas Academias de Veterinária e em outras Instituições de Ensino Superior e os sucessivos encontros com o professor Milton Thiago de Mello, firmou nossa amizade, além de sermos colegas.

O momento que eu quero realçar, após esta breve explicação, ocorreu em 2002, quando eu já Acadêmico da ABRAMVET/Academia Brasileira de Medicina Veterinária e presidente da APAMVET/Academia Paulista de Medicina Veterinária, recém laureado com o Prêmio Paulo Dacorso Filho, fiz uma surpresa ao amigo Milton Thiago de Mello.

O momento: Na linha de aprimoramento e evolução do ensino de Clínica de Bovinos na FMVZ/USP, tivemos a participação pioneira dos Professores Doutores Romeu Diniz Lamounier (06/09/1916 – 1989) e Paulo de Carvalho Pereira, sendo eu o herdeiro e seguidor dos dois já mencionados. Assim sendo, com passamento do Professor Lamounier, recebi como doação toda sua biblioteca profissional. E lá estava o belo livro – de capa dura e vermelha: Brucelose, de autoria de Génésio Pacheco e Milton Thiago de Mello - Edição de 1956. Guardei com muito carinho este e os demais livros.

O fato:

Em 2002, já laureado com o Prêmio Paulo Dacorso Filho e Acadêmico da ABRAMVET, em reunião realizada no Rio de Janeiro, encontrei o Prof. Dr. Milton Thiago de Mello e de forma surpreendente apresentei-lhe o já mencionado livro Brucelose e pedi que ele o autografasse! Surgindo então o seguinte diálogo, que reproduzo de memória, com possibilidades de ligeiros enganos e/ou falhas.

**EHB: Ilustre Professor eis uma recordação sua, o livro sobre brucelose. Eu gostaria que o autografasse.**

MTM: Mas que beleza, está bem conservado; eu sempre quis ter um desses exemplares de capa dura, pois os editores sempre me mandava os de capa mole!

**EHB: Eu herdei esse livro da coleção do professor Lamounier, e ele é para mim uma relíquia dos tempos de estudante. Ficará, sentimentalmente, mais valioso com o seu autografo e o guardarei carinhosamente.**

MTM: Como devo fazer isso agora, assinando o exemplar de 1956?

**EHB: Autógrafos dos autores são um hábito que tenho, quando eu conheço o autor do livro. Tenho os livros do Rosenberger, Grunert, Stöber, Matera entre muitos outros.**

MTM: Então farei isso. . . .

Eis a mensagem do Professor Milton Thiago de Mello, na página de abertura do livro, Brucelose copiada do original:

Genésio Pacheco

Membro do Comitê de Peritos em Brucelose, da Organização Mundial da Saúde. Chefe da Secção de Bacteriologia, Instituto Oswaldo Cruz

Milton Thiago de Mello

Tenente Coronel Professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro e Assistente Voluntário da Secção de Bacteriologia, Instituto Oswaldo Cruz

Ao prezado colega e amigo Eduardo Birgel, passado quase meio século da edição deste livro [1956sic!], tenho a honra e privilégio de ofertar para um grande vulto da Veterinária Brasileira.

Um grande abraço do

Milton

Rio - 6-XII-2002

**Eduardo Harry Birgel, médico veterinário.**

## Vida científica (continuação)

**Foi na micologia que o Professor iniciou as suas pesquisas formais, com destaque para as relativas à cromomicose, então denominada cromoblastomicose, e a descoberta da impressionante formação de clavos do fungo nos tecidos.**

“Paralelamente, o encontro de colesteatomas no cérebro de cavalos, observações sobre abscessos cerebrais de grandes dimensões, e aneurisma na aorta abdominal.”

Mas o ponto mais alto dessa fase, segundo o cientista, foi a descoberta de rinosporidiose em alguns dos cavalos necropsiados, que é uma zoonose relativamente rara, com a maioria dos casos ocorrendo em humanos na Índia, naquela época.

Desses achados na Escola, resultou uma tese para Professor Catedrático de Microbiologia e Imunologia na Escola Nacional de Veterinária, da então Universidade Rural (1946). Tempos depois, o dermatologista Iphis Campbell, de Brasília, encontrou alguns casos humanos no interior do Piauí.

Dessa época heróica inicial ainda houve um grande feito pioneiro: a produção da penicilina, possivelmente, a primeira vez fora da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Num abafado e calorento laboratório, no porão do prédio principal do Instituto, Thiago Amadeu Cury e Masao Goto, todos com calções de banho, semearam *Penicillium notatum*, da coleção de fungos do laboratório, em enormes garrações pyrex de nove litros, contendo alguns litros de meio de cultura.

“Colocados na horizontal, em estantes, os garrações, no fim de alguns dias, mostravam uma película esbranquiçada do fungo. Num certo prazo, o líquido escuro era filtrado e enviado para ser concentrado noutra laboratório, pelo bioquímico Humberto Cardoso. E esse líquido, depois de esterilizado por filtração, era a penicilina bruta. Ela foi usada, principalmente, para a cura de boubas, por Felipe Nery Guimarães. Poucos anos depois, apareceu a penicilina comercial, e o laboratório do porão foi desativado.

Nessa fase que durou algumas décadas, com atividades paralelas, predominou a figura de Genésio Pacheco, que foi um cientista inovador, irreverente, iconoclasta e bom de briga.

Quando Thiago o conheceu, no início de 1944, ele já era respeitado no Instituto, por todas essas qualidades.

Naquela época “minha vida pessoal era marcada por dificuldades financeiras. Tinha esposa e uma filha nascida em agosto de 1944, e morava num minúsculo apartamento em Botafogo. Genésio percebeu minha situação e convidou-me para trabalhar com ele no assunto que o empolgava, a brucelose. Dizia-me que como veterinário, tinha as condições para conduzir as pesquisas na parte animal e ele na parte humana.”

“Ele tinha desenvolvido uma “vacina” para curar casos crônicos humanos. Conhecia todos os grandes especialistas em brucelose do mundo inteiro.”

“Na proposta, ainda me daria auxílio monetário, parte do que recebia do Guilherme Guinle. A proposta era boa e assim que terminei as pesquisas no Laboratório de Micologia, passei ao de Bacteriologia, com Genésio e seu assistente alagoano, Gobert de Araújo Costa.”

Da mesma forma que no Laboratório de Micologia, com os microcarinos, o primeiro trabalho no Laboratório de Bacteriologia não foi sobre brucelose. Na ocasião, Genésio estava interessado em gangrena gasosa, assunto com o qual o nosso pesquisador já havia trabalhado no Instituto Militar de Biologia - atual Instituto de Biologia do Exército - e, então, participou de pesquisas inoculando rãs com toxina gangrenosa, através da mucosa bucal.

Logo em seguida, ele iniciou os trabalhos com brucelas.

Foram 30 anos de pesquisas no laboratório e no campo, participação em congressos nacionais e internacionais, consultorias e reuniões de todos os níveis, desde criadores até autoridades mundiais em saúde pública, além de dezenas de trabalhos publicados e a Monografia Número Sete, do Instituto Oswaldo Cruz. E com Genésio, um volume de mais de 700 páginas, publicado em 1956.

Os anos iniciais dessa fase, coincidiram com os da época áurea da ciência brasileira: a década de 1950.

Durante um ano e meio (1960-1961), ele esteve pesquisando sobre brucelose, com uma bolsa da Fundação Guggenheim, na Universidade da Califórnia- Berkeley, nos Estados Unidos. Uma parte do trabalho era realizado no Laboratório da Marinha, em Oakland, cidade próxima de San Francisco, cujo acesso era pela famosa ponte que atravessava a baía. Esse laboratório fazia parte de uma rede que realizava pesquisas sobre guerra bacteriológica. Os outros eram do Exército, em Fort Detrick, perto de Washington DC, e o do Ministério da Agricultura, em Fort Collins, no Colorado, e ainda o Laboratório de PlumIsland, perto de New York, especializado em febre aftosa.

Nesses 30 anos, o Professor presenciou a evolução das técnicas bacteriológicas e quanto à brucelose, uma excelente frase de Fernando Poester, cientista do Instituto Desidério Finamor, do Rio Grande do Sul, resume o período: “Quando eu havia passado da brucelose para outros assuntos, ele trabalhou mais 30 anos no tema.”

Nosso cientista conta que quando entrou no Instituto, a batata, ou a cenoura – num estrangulamento na base de um tubo de ensaio – eram os meios de cultura usados para algumas bactérias. Mas vários acontecimentos possibilitaram um grande avanço na ciência brasileira, na década de 1950, e em todas elas destacaram-se pessoas que os lideraram.

Poucos anos antes, no final dos anos 1940, a Sociedade Brasileira de Biologia, consolidou-se, com o início da publicação da Revista Brasileira de Biologia, graças ao trabalho persistente de Herman Lent.

Alguns anos depois, duas instituições oficiais contribuíram para o impulso da ciência nacional: a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), graças ao empenho de Anísio Teixeira, e o CNPq (Conselho Nacional de Pesquisas).

Antes do CNPq, grandes vultos da ciência brasileira foram financiados, em parte ou integralmente, por dois milionários mecenas: em São Paulo, André Dreyfus, e no Rio de Janeiro, Guilherme Guinle. Thiago de Mello conseguiu um pequeno auxílio, como parte de um maior concedido por Guinle a Genésio Pacheco, num tempo de vacas muito magras.

“No Rio de Janeiro, embora o CNPq tenha sido formalmente criado pelo Almirante Álvaro Alberto, por trás estava o grupo de

Biofísica da então Universidade do Brasil, sob a liderança de Carlos Chagas Filho. Apesar dos gastos com a sua infraestrutura, desde o início o CNPq, com auxílios e bolsas, responde à irreverente pergunta: “CN pra que?”

Nessa época, lembra Thiago de Mello, houve a “ressurreição” da Academia Brasileira de Ciências, graças a Arthur Moses, com a decisiva colaboração de Amadeu Cury, como Secretário. ”

A fundação da SBPC, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em São Paulo, foi outro fato marcante, sob a liderança de Maurício Rocha e Silva.

Thiago participou das reuniões preliminares e de fundação. “Imediatamente, a SBPC ganhou vulto com as suas célebres reuniões anuais em diversas partes do País, e a publicação de importantes revistas: Ciência e Cultura, e Ciência Hoje. ”

Em São José dos Campos, no interior de São Paulo, o Instituto Nacional de Pesquisas Aeroespaciais (INPA) e o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), polarizaram a pesquisa e o ensino no setor de engenharia aeronáutica, graças à “importação” de cientistas e técnicos estrangeiros, e grande intercâmbio de pessoal. Assim, a indústria aeronáutica deslanchou, e dela resultou a Embraer, uma das maiores fábricas de aviões do mundo. Uma das pessoas mais ativas nessa ocasião foi Heitor Gurgulino de Souza. Reitor da Universidade Federal de São Carlos (São Paulo), mais tarde Reitor da Universidade das Nações Unidas, em Tóquio, durante dez anos.

Dois centros de pesquisas importantes foram fundados ou consolidados na mesma época: o Instituto de Biofísica, sob a liderança de Carlos Chagas Filho, e o Instituto de Microbiologia, com Paulo de Góes e Amadeu Cury. “Fui amigo e colaborador destes dois últimos, desde os primeiros momentos, em pequena sala, até a consolidação final, em magníficas instalações na Cidade Universitária, afirma Thiago.

Nessa época, como Presidente do Ramo Rio de Janeiro, da American Society of Microbiology, ele conseguiu fundar a Sociedade Brasileira de Microbiologia.

Em 1950, realizou-se no Rio de Janeiro o 5º Congresso Mundial de Microbiologia, sob a presidência de Genésio Pacheco e de cuja or-

ganização o nosso biografado participou, juntamente com Amadeu Cury. E ainda na mesma década, foram fundados o Instituto Militar de Engenharia (IME) e o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa).

Thiago de Mello relata: “Ao me aprofundar nas pesquisas relacionadas com brucelose, verifiquei pela literatura, que havia grande número de infecções de laboratório causadas pelos aerossóis que podiam ser produzidos durante o trabalho com as brucelas e outros micróbios. Revendo essa literatura, também percebi que havia maneiras muito simples de evitar isso com as técnicas usuais no laboratório. Então, no Instituto Oswaldo Cruz, passei a adaptar ou a inventar técnicas simplificadas para evitar os acidentes”

“Nessa ocasião, (1952), eu era também professor de Biologia no Colégio Militar. Os alunos publicavam a revista *Aspiração*, para a qual, durante alguns anos, um brilhante colega, Hugo Ribeiro, fazia as ilustrações sob a forma de caricatura. Ele já era aluno de Arquitetura, quando o contratei para fazer caricaturas coloridas, educativas, mostrando as técnicas produtoras de aerossóis, e maneiras de evitá-los. Os personagens eram o Dr. Errado e o Dr. Certo. Os grandes quadros ficaram perfeitos, muito atraentes, e serviram, durante anos, para aulas e demonstrações no Instituto Oswaldo Cruz e no Instituto de Microbiologia da Universidade do Brasil (atual UFRJ).”

Por sugestão de alguns colegas e a contragosto, o Professor solicitou um auxílio do Conselho Nacional de Pesquisas, para pagar o artista Hugo Ribeiro, mas o CNPq negou o pedido. “Não dei muita importância porque a quantia era relativamente pequena. “Dinheiro pequeno eu tenho muito”, dizia meu pai. Pouco tempo depois, eu soube que no parecer negativo constava como um dos motivos alegados o de que se tratava de pedido de um capitão veterinário. Nada sobre o mérito, nem que o solicitante, que, além de capitão veterinário, era um cientista conhecido no Brasil e no exterior, em sua especialidade. Note-se que na época, o CNPq era presidido por um Almirante (Álvaro Alberto), e tinha no seu quadro, o Coronel Bernardino. Ao tomar conhecimento do parecer, escrevi uma carta de protesto, mais ou menos desrespeitosa (bendita juventude!). Dela resultou má vontade recíproca entre o CNPq e eu, durante vários anos.”

Nos primeiros anos, o CNPq era liderado pelos extremados par-

tidários da ciência pura. Como poderiam aceitar um pedido de auxílio para assunto de ciência aplicada, e apresentado por um capitão? Que horror! Exclamou o Professor Thiago.



Entrada no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, Abril de 1928.



Com a Rainha Elizabeth, Outubro de 1988.



Com a família, ao comemorar 105 anos, Fevereiro de 2021.



Brindando os 105 anos, com o filho, Coronel Milton José de Mello.

## O ensino

**Minha trajetória no ensino foi peculiar – nos conta o professor Thiago de Mello.**

Começou na única pós-graduação formal que existia na época, no Brasil, como professor de micologia e bacteriologia, no Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz.

Poucos anos depois foi professor de bacteriologia, na graduação no Instituto de Microbiologia da Universidade do Brasil (depois, Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Logo em seguida, paralelamente, foi professor de biologia no ensino médio, no Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Esse caminho mais ou menos inverso do usual, fez com que Maurício Rocha e Silva, numa reunião da Sociedade Brasileira para Progresso da Ciência (SBPC), lhe dissesse; “Milton, nesse caminho você acabará dando aulas no jardim de infância”.

Resposta: “Quisera eu ter capacidade para isso”. Segundo ele, “realmente, quanto mais jovens os alunos, mais difícil e importante é a tarefa do professor: fazer com que os alunos aprendam, e não apenas ensinar-lhes.”

Foram mais de 80 anos de ensino numa cadeia de áreas coincidentes com os seus interesses em, diversas épocas, no Brasil e no exterior: micologia, bacteriologia, brucelose, primatologia, meio ambiente, bem estar animal e segurança alimentar.

Milton ressalta o privilégio de, durante 20 anos, a partir de 1950, ter sido professor no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Os alunos, adolescentes, com o maior entusiasmo participavam das aulas práticas do mundo real da biologia, e de várias atividades extracurriculares.

O Colégio foi pioneiro em assuntos impensáveis na época, principalmente na estrutura militar, aparentemente rígida: aulas de educação sexual, viagens de estudo a instalações civis e militares no Rio de Janeiro e São Paulo, no início do desenvolvimento do País: Volta Redonda, Cubatão, Hidrelétricas, Instituto Tecnológico de Aeroná-

tica (ITA), em São José dos Campos, Instituto Butantan, e Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), são alguns exemplos.

O primeiro Clube de Ciências organizado no Brasil, de cuja inauguração num seis de maio, o Presidente Juscelino Kubitschek não queria sair, para constrangimento do Comandante do Colégio, que tinha um programa cronometrado.

Alunos dessa época, em sua maioria, foram mais tarde pessoas de destaque em várias profissões: médicos, engenheiros, advogados e militares.

Outro privilégio no ensino, citado pelo Professor, foi o de ter – de 1983 a 2007 – organizado 13 cursos itinerantes de pós-graduação, de um a dois meses de duração, pelos biomas Amazônia, Pantanal e Cerrado, sobre primatologia e meio ambiente, com a participação de 130 graduados, em diversas profissões, predominando biologia e veterinária. Os alunos tiveram um contato verdadeiro com a realidade, fora dos computadores, do ar condicionado, de escritórios e de salas de aula. Muitos deles transformaram-se em líderes em pesquisas de campo, ou funcionários ativos em repartições envolvidas com meio ambiente.

## **A vida associativa**

**Por temperamento, ele sempre teve muita satisfação com a presença humana, que conserva até hoje (2021) aos 105 anos.**

Um dos seus antigos bordões, é “Gosto de ver povo”, o que o levou a participar de numerosas associações, como: clubes, sociedades, e academias. E confessa que, como professor, é dos alunos que adquire energia.

Ele participa de numerosas sociedades e academias, do Brasil e do exterior. De algumas foi fundador, de outras, membro da diretoria e de algumas, membro-honorário ou emérito, em destaque, a Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária e a Academia Brasileira de Medicina Veterinária, da qual foi presidente.

## A vida internacional

**A sua vida internacional foi percorrida em muitos países, em períodos curtos ou longos.**

Nos períodos curtos, para participação em congressos ou breves consultorias, e nos mais longos, consultorias, pesquisa e ensino, em diversos países, nos dois casos, entrelaçados com veterinária, ciência, e ensino.

A primeira experiência internacional foi em 1948, como participante do 2º Congresso Interamericano de Brucelose, e 1º Congresso de Zoonoses, na Argentina (Buenos Aires, Mendoza e La Plata).

Na companhia de Genésio Pacheco, participou das atividades, conheceu os mais destacados cientistas da época, nessas especialidades, e apresentou relatório detalhado às autoridades brasileiras.

Nos 73 anos seguintes, nosso Professor participou de dezenas de atividades internacionais, por diversos motivos. Mas ele destaca apenas alguns que foram marcantes na reunião de muitas faixas do Poste de Cozumel:

Committee WHO/FAO of Experts on Brucellosis- Genebra, 1957-1972. Além da participação, a oportunidade de contato com as maiores autoridades mundiais em saúde pública;

EUA – Quase dois anos como bolsista da Fundação Guggenheim, na Universidade da Califórnia- Berkeley. Pesquisas com macrófagos alveolares infectados com brucelas.

San Salvador-El Salvador – três anos como consultor internacional na Faculdade de Medicina. Início da nova vida familiar – casamento com Ângela, e nascimento do Milton José.

Santo Domingo-República Dominicana – cinco anos como funcionário da FAO, assessorando a Universidade local, e o Ministério da Agricultura. Aí, os filhos, além de aprenderem espanhol, aprenderam a fazer amigos.

AAFIB – Nos últimos anos, a oportunidade de convívio com dezenas de colegas, ex-funcionários das Nações Unidas, residindo em Brasília – congregados, na Associação de Antigos Funcionários

Internacionais no Brasil (AAFIB). “Para usar uma palavra da moda, têm sido muito gratificantes as reuniões da AAFIB, com pessoas de várias agências das Nações Unidas (ONU), procedentes de diferentes países, e líderes em suas especialidades, nas reuniões periódicas, em Brasília.”

De 1980 a 2011, ele realizou numerosas viagens à China, na sua maioria fazendo e ouvindo palestras sobre saúde pública, ensino veterinário, medicina tradicional chinesa e aquicultura.

A primeira, em 1980, foi a convite de autoridades chinesas, com um grupo de médicos, que tinha como objetivo principal observar o “estado da arte” da saúde pública chinesa, com ênfase nas ações dos médicos de pés-descalços. Alguns dos participantes levavam, com reverência, o “Livrinho Vermelho de Mao.” Isso, depois da infeliz Revolução Cultural chinesa, quando os líderes desse movimento já estavam presos, e a “cartilha”, com os pensamentos de Mao, já estava desacreditada.

A viagem foi organizada pelo grande veterinário e médico. Ernesto Silva, de inteligência privilegiada, e um dos responsáveis pela construção e consolidação de Brasília.

Ernesto fora seu colega de turma no Colégio Pedro II, e na Escola de Veterinária do Exército. Pouco depois de graduado, como Oficial Veterinário do Exército, formou-se em medicina, fez amizade com o General José Pessoa, e com este tomou as primeiras providências para a localização do que seria Brasília, em pleno Cerrado, antes de Juscelino. Posteriormente, participou da Comissão Construtora, organizando as áreas de educação e saúde.

Na primeira viagem, Thiago de Mello pronunciou algumas conferências, em inglês, e em francês, sob aspectos da saúde pública no Brasil, e também ouviu muito sobre o mesmo tema, na China, em particular, sua medicina tradicional, como acupuntura, plantas medicinais, etc.

Em algumas viagens, foi acrescentado o tema de ensino veterinário, e noutras, assinatura de convênios.

Numa das viagens, participou da Delegação Brasileira à V Reunião da Comissão Mista Brasil-China de Cooperação Científica e

Tecnológica, em outubro de 1993, junto com o então Reitor da UFF, o grande médico Manoel Pereira Leite de Almeida.

Noutras viagens foi agraciado com medalhas da Academia Chinesa de Ciências Médicas e da Academia Chinesa de Ciências.

A última foi relativamente curta, há 13 anos, no início da fantástica viagem do trem Transiberiano – Beijing-Moscou - logo depois das Olimpíadas, no país. “Foram poucos dias em Beijing, e na Mongólia.”

O Professor nos conta que a China urbana moderna está irreconhecível em comparação com a de mais de 30 anos. Edifícios gigantes, estradas perfeitas, trem-bala, diversidade de modelos e de trajes masculinos e femininos, em vez do monótono uniforme cinza de Mao. E trânsito engarrafado, com automóveis e não mais praticamente só de bicicletas.

“Em uma das viagens à China, fui convidado para visitar sua região tropical. Embora não proibida, raros estrangeiros a conheciam porque estava fora da rota turística. Encravada na região Sudeste, faz fronteira com o Laos e Burma (atualmente, Myanmar).”

O convite era para conhecer um parque de nome complicado: Xishuangbanna, uma reserva natural.

“Estava cochilando no ônibus sacolejante, a centenas de quilômetros de Kunming, quando sonhei que estava na Amazônia: palmeiras, cipós, seringueiras e até vitórias-régias, em igarapés. Mas, não era sonho, estava no parque desse nome impronunciável. Além da flora nativa e importada, abundante fauna, inclusive primatas chineses.”

## O futuro

**Um dos aspectos fascinantes da natureza humana, segundo Thiago de Mello, é a vontade de prever o futuro.**

“Não fosse isso, cartomantes e videntes não existiriam. O melhor exemplo é o das pitonisas, da Grécia Antiga: sentada em seu tripé, ouviu inebriada, pelo efeito da fumaça, que saía do poço da serpente (pítton) e da bebida de uma taça que trazia nas mãos. Semelhante às mães de santo, “manifestadas” nos candomblés, intoxicadas pela fumaça de charutos ordinários, e sob efeito da marafa (cachaça).

“Em muitas ocasiões, tenho feito palestras e referências sobre o futuro. Até, às vezes, intitulo-me Historiador do Futuro.”

O curioso sobre a maioria dos futurólogos – prossegue Milton – é que eles fazem suas previsões, com base no passado, como se o futuro fosse apenas uma extensão do passado. Por isso mesmo, em mais de cem anos de vida já vi muitos “futuros” transformarem-se em “passados”

Para ele, o verdadeiro futuro é aquele realmente inovador, a antítese do pensamento de Leibnitz; “A natureza não dá saltos.” Mas o homem pode. E ele lamenta que “a ciência ainda não permita que eu viva mais 100 anos, para ser contemporâneo daqueles que estarão aproveitando conquistas da ciência, olhando com admiração, em seus aparelhos (se ainda existirem) as grandes inovações atuais, de um passado remoto ou arqueológico.”

# Depoimento

105 anos de uma vida produtiva, alegre, amorosa, solidária, feliz. Ao aniversariar, no último dia 5 de fevereiro (2021), a pergunta que não poderia calar dos amigos era uníssona: “Qual o segredo, Milton?” E ele, uma vez mais, como fizera tantas vezes, respondeu: “É ter muitos amigos.” Alguns colegas, sorratamente, aduziram: “É mais aquele uisquinho responsável e confortador!”

Há décadas conheço e admiro este querido amigo, e ainda mais, após com ele conviver tanto tempo em nossa Abramvet. O maior segredo deste professor e primatologista emérito, que tem uma pródiga folha de serviços prestados à Medicina Veterinária e à sociedade brasileira e mundial, que sempre teve a família como anco-radouro de valores, é o sentimento de viver olhando sempre para o futuro.

O lema de Milton: antever o futuro, estar sempre preparado para ele, para os seus desafios. Tomar o passado como referência e acreditar na permanente evolução, não só em relação ao trabalho, à ciência, à Medicina Veterinária, ao Brasil, mas também e sobretudo, quanto a forma de viver, de ver o mundo, de educar os filhos, de se humanizar, de contribuir para a humanização do mundo.

Neste fevereiro de 2021, em meio a tristeza do recrudescimento da pandemia de covid-19, a comemoração do aniversário deste nobre educador, e tudo o que ele representa para todos nós, é motivo de alegria, de paz, de esperança no futuro. Agradecemos-lhe de coração, caríssimo mestre.

“Chega de planejamento, está na hora do ‘Fazejamento’”, explica Milton, ao se referir a muitas reuniões e nada de execução de projetos. “Eu acho que nós Médicos Veterinários, temos grande responsabilidade com o País. Precisamos de alguém que assuma respon-

sabilidades”, complementa sobre o que ele imagina para a profissão nos próximos anos.

Em um contexto histórico, Milton relata que a humanidade passou por incríveis transformações a partir de fatos e interesses que envolvem todas as nações. Milton explica que na revolução industrial, a Inglaterra se destacou com o uso de máquinas movidas a carvão mineral e madeira de suas colônias. Depois, nos Estados Unidos, substituíram a matriz energética por combustível a base de petróleo. Hoje, com o crescimento da população mundial, o grande alerta é sobre a produção de alimentos, “a próxima revolução”. E é neste contexto que surge uma grande oportunidade para o Brasil e para a medicina veterinária.

Milton, em seu livro “O Veterinário na Segurança Alimentar, Passado, Presente e Futuro, de 2015, explica que o Brasil tem um grande potencial de produção de alimentos, 3 de origem vegetal e 3 de origem animal, são eles, respectivamente: Soja, Milho e Café e carnes bovina, suína e de aves. “A moeda do futuro será o alimento, e toda produção de alimentos de origem animal necessitará de veterinários qualificados”, esclarece.

E onde o Médico Veterinário entra nessa história? Na criação e inspeção de animais de produção. Milton usa a figura de um “Rolo compressor” referindo-se ao agronegócio. Cada dia mais exigente e com demandas específicas, como exigências de Bem-Estar Animal, sanitárias e de rastreabilidade. Segundo o estudioso, o País não tem a quantidade ideal de frigoríficos para atender esta demanda e também não tem, em quantidade e em qualidade, profissionais preparados para atendê-la. Como a conta não fecha, o mercado brasileiro seria “atropelado”.

**José Cezar Panetta**

**Membro-titular da Academia Brasileira de  
Medicina Veterinária**

## Epílogo

**O futuro a Deus pertence, segundo o conhecido dito popular. Mas, qual será o futuro do Professor Milton Thiago de Mello, a partir dos seus 105 anos de idade (em 05. 02. 2021)? Que ele continue mirando o infinito, é a hipótese mais provável.**

O desejo dos seus amigos e admiradores, é que tenha sempre, saúde, seu eterno bom humor, sua inteligência, cultura, experiência de vida e amor ao próximo.

Que suas tardes de conversas, de frente para o Lago Paranoá, acompanhadas de um uisquinho (“O melhor amigo do homem, engarrafado”) “sejam eternas enquanto durem” – parodiando o poeta Vinícius de Moraes.

Conheci o Professor há cerca de 10 anos, e com ele tenho mantido freqüentes contatos – pessoais, quando ele vem ao Rio e se hospeda no seu apartamento, no Leme, quando aproveitamos para tomar uns chopinhos, num bar da esquina – por telefone, e por e-mail, no qual ele não chega perto mas tem quem o opere.

Nesse período, participamos de vários eventos, na sede da SNA, que o Antonio, gentilmente, sempre bota à disposição da nossa Academia.

De tal modo consolidou-se o nosso relacionamento, que passei a ser chamado de “meu jovem amigo”, apesar dos meus 86 anos de idade. Me orgulho de ter sido o editor do livro O Veterinário na Segurança Alimentar, publicado em outubro de 2015, de sua autoria, e patrocinado pela SNA.

Desse relacionamento, fui e continuo sendo, um privilegiado beneficiário, sempre aprendendo, não apenas em função da sua vivência como cientista e professor, mas do seu conhecimento da natureza humana, esse primata complicado.

Aos que me derem a honra de ler esta Biografia, informo que podem confiar, nas histórias, nos nomes de pessoas, de lugares e nas datas, Todas essas informações foram colhidas em publicações do biografado.

Para terminar, lhes conto que esta Biografia –a primeira dos meus nove livros – me deu um grande prazer, que tenho a pretensão de partilhar com vocês, eventuais leitores.

Terá sido este, o meu “Canto de Cisne?”

## **Sobre o autor**

Luiz Octavio Pires Leal – é médico-veterinário, formado pela antiga ENV-Escola Nacional de Veterinária, da Universidade Rural do Brasil (km 47), em 1958. E também é jornalista profissional, tendo sido colunista do então famoso Jornal do Brasil (década de 1960), colaborador de vários jornais e criador de revistas e de programas de rádio e de televisão, com prêmios nacionais e internacionais.

Foi correspondente independente do Grupo Bloch (revista Manchete e outras) na Europa e visitou a agricultura de diversos países, como convidado oficial.

É amigo do professor Thiago de Mello, de quem é colega na Academia Brasileira de Medicina Veterinária.

Aos 86 anos de idade, este é o seu nono livro, e a primeira biografia.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2021